

FUNDAÇÃO DAS ARTES | PRONATEC

FIC

Mostra FIC
de Processos e
Experimentos
Programa Fundação das Artes FIC

CADERNO DE
DRAMATURGIA DA TURMA
F4

18

JUNHO_JULHO2021



**Mostra FIC
de Processos e
Experimentos**

Programa Fundação das Artes FIC



OS CADERNOS
ACADÊMICOS
SÃO
PUBLICAÇÕES
QUE
REGISTRAM
PROCESSOS E
EXPERIMENTOS
CULTURAIS E
ARTÍSTICOS
ELABORADOS
NOS CURSOS
DO PROGRAMA
FUNDAÇÃO DAS
ARTES FIC.



Volume 18: **Caderno de Dramaturgia da Turma F4**

CADERNOS DO PROGRAMA FUNDAÇÃO DAS ARTES FIC. **Caderno de Dramaturgia da Turma F4**. São Caetano do Sul: FASCS. V. 18, jun./2021.

O acervo disponível para consulta neste volume, composto de obras desenvolvidas pelos estudantes dos cursos do Programa Fundação das Artes FIC, foi disponibilizado tão somente para fins educacionais. Desta forma, é vedado ao usuário ou qualquer outra pessoa que tenha acesso ao conteúdo desta publicação, copiar, modificar, transferir, sublicenciar, vender, ou de qualquer forma, colocar à disposição de terceiros, sem autorização do detentor dos direitos autorais.

Esta é a versão acadêmica, lançada em junho de 2021. A Fundação das Artes poderá editar novamente e relançar o caderno como parte da produção artístico-acadêmica posteriormente.



APRESENTAÇÃO

O curso de dramaturgia do Programa Fundação das Artes FIC tem como intenção inicial proporcionar uma introdução de conceitos dramáticos a interessados de São Caetano do Sul e região.

O curso foi dividido em 03 módulos ministrados pelos professores Diego Cardoso, Diogo Noventa e Lígia Souza. Organizado a partir dos três gêneros da escrita: épico, lírico e dramático, os dramaturgos aprendizes foram convidados a experimentarem a escrita em espaços diversos, na relação com questões sociais, subjetivas e da linguagem.

Junto com os experimentos relacionados aos gêneros, cada um e cada uma desenvolveu ao longo do curso um texto autoral que partiu de questões, temas, formas e linguagens de interesse de cada aprendiz. Estes textos estão reunidos neste caderno, um esforço criativo que revela a capacidade heterodoxa da dramaturgia contemporânea em lidar com temas diversos que nos



atravessam. Essa pluralidade de experimentações e ênfases pode ser notada nas 11 dramaturgias aqui reunidas. São materiais diversos que, a partir da pulsão dos participantes, foram desenvolvidos no Laboratório de Escrita conduzido pelos 03 professores.

Validar a escrita aqui apresentada é também se posicionar diante à condição perpétua do dramaturgo: eterno aprendiz das experiências e leitor diário do mundo. A formação só começou, e o trajeto, a passagem, o percurso, pode ser observado nessas páginas, que agora encontrarão seus possíveis leitores.

Boa leitura!

Diego Cardoso

Diogo Noventa

Lígia Souza

TEXTOS | F4



Aluga-se Quarto para Rapazes – Edenilton Costa

Esta não é uma história de amor - Juliane Pimenta

Eu era um escritor - Leonardo Marques

Desvão – Lucas Profirio

Santo Equívoco – Lucy Portela

Entre Penas e Presas - Marcelo Marques Júnior

A Despedida - Soll Domingues

Natureza Clandestina - Talita Portella

UHURU - Thamires Seixas

Partindo-me - Valéria Lima

Para Além das Rodas – Vitoriano Amorim



SINOPSES

Aluga-se Quarto para Rapazes – Edenilton Costa

Sinopse: Maurício muda-se para São Paulo a procura do avô e aluga um quarto em uma hospedaria no subúrbio, local que abriga homens que, assim como ele, um dia tentaram a sorte na "cidade grande". A chegada de Maurício coincide com a morte de um dos hóspedes. Enquanto ele se instala e conhece alguns moradores do local, a zeladora tenta viabilizar o velório do homem que será enterrado como indigente.

Esta não é uma história de amor - Juliane Pimenta

Sinopse: Três mulheres. Três histórias que se entrelaçam e são reveladas no dia da morte de uma delas. Histórias de escolhas e de buscas que podem durar até o último respiro, a última batida do coração.



Eu era um escritor - Leonardo Marques

Sinopse: Rodrigo é um escritor, porém tem tido cada vez mais dificuldade para executar seu ofício, e buscando uma solução para o problema, encontra no caminho muito mais problemas a se resolverem, envolvendo sua mente, seus pais e até mesmo o computador, mas com a ajuda de alguém, encarar tudo isso pode ser a chave que ele tanto procura para voltar a escrever.

Desvão – Lucas Profirio

Sinopse: O que podemos encontrar nas ruínas? Aqui, essas ruínas se assemelharão ao cenário degradante e inconfundível de uma guerra. Fome, dilaceramento e morte. A história, inventada ou não, que vamos contar juntos, se passará em Kasarth, um lugar de ninguém, um lugar comum a todos nós. Então, o que faremos? O que faremos aqui, é contar a história que ainda não se encerrou.



Santo Equívoco – Lucy Portela

Sinopse: O texto relembra o assassinato de Fabiane de Jesus em 2014, vítima do ódio propagado por uma “fake news” publicada em uma rede social. Comparando este caso com a morte de Joanna D'arc e outras milhares de mulheres nos últimos 300 anos, vemos que o nosso comportamento não mudou, mesmo com a chegada da tecnologia. A peça nos convida a refletir e pesquisar melhor sobre tudo o que vemos nas redes sociais.

Entre Penas e Presas - Marcelo Marques Júnior

Sinopse: Pedro é um rapaz que trabalha num ramo totalmente distinto da sua vocação, que é escrever. Neste local, que mais parece uma selva, ele encontra Andora, que vive uma situação similar à dele. Eles acabam por se inspirar um no outro, surgindo, então, a vontade de voar e buscar o destino, contudo, para isso terão que enfrentar as incertezas desta decisão.



A Despedida - Soll Domingues

Sinopse: Maurício sofre com a dor da separação. Da negação à aceitação. Seus amigos surgem com a proposta de abrir um negócio nada convencional: “O comércio da morte”. Inusitado por oferecer serviços bastante incomuns, entre eles, a possibilidade do cliente participar de seu próprio velório. A empresa “A Despedida” nasce para ajudar a concretizar o desejo antecipado de se despedir antes da morte.

Natureza Clandestina - Talita Portella

Sinopse: *Natureza Clandestina* possui histórias paralelas que, reflexivas sobre os problemas cotidianos naturalizados, brincam com a relação ambígua de natureza e sociedade de forma leve e lúdica para todas as idades, num cenário que acolhe olhares distintos de humanos e animais.



UHURU - Thamires Seixas

Sinopse: Sobre todes aqueles que já se sentiram trilhando o caminho errado e, em algum momento, se perguntaram se ainda daria tempo de recalculiar a rota. Só há u_m porém: não se sabe o preço disso nem quais adversidades estão pelo caminho.

Partindo-me - Valéria Lima

Sinopse: *Partindo-me* conta a história de uma mulher indo ao encontro de si mesma. Enquanto se encontra e reencontra, faz um resgate de histórias de vida da avó, que foi curandeira, parteira e benzedeira no norte e nordeste do Brasil, e também de momentos vividos por sua mãe. É uma trajetória em busca de si e de sua força interior.



Para Além das Rodas – Vitoriano Amorim

Sinopse: A história de Bruno, um jovem cadeirante, com muita vontade de viver e que sonha em alcançar o protagonismo de sua história. Para isso, terá que se colocar diante de situações que parecem corriqueiras, mas que exigem que ele saia de sua zona de conforto e visite alguns de seus conflitos mais íntimos. Resta saber até onde ele está disposto a se reinventar e encarar as consequências desta jornada.

ALUGA-SE QUARTO PARA RAPAZES

Edenilton Costa

Personagens

MAURÍCIO (18 anos)

DONA VERA (entre 60 e 70 anos), casada com Antônio

ANTÔNIO (entre 60 e 70 anos), casado com Dona Vera

SEBASTIÃO (entre 50 e 60 anos)

GAÚCHO (entre 50 e 60 anos)

ZÉ (entre 60 e 70 anos)

CENA 1

É noite. Um táxi para em frente a uma hospedaria, onde se lê: “Aluga-se quarto para rapazes”. Uma ambulância está parada na porta. Não há campainha. Maurício desce do táxi e, com a ajuda do motorista, retira duas malas e uma caixa. Maurício abre um guarda-chuva enquanto espera alguém o atender.

MAURÍCIO — *(bate palmas)* Seu Renato!

SEBASTIÃO — *(Voz de dentro)* Dona Vera, tão chamando seu Renato lá no portão.

DONA VERA — Já vai!

Dona Vera abre o portão.

DONA VERA — Oi, boa noite! Tá procurando alguém?

MAURÍCIO — Eu aluguei um quarto aqui... Seu Renato está aí? Falei com ele por telefone, já deposei o aluguel desse mês.

DONA VERA — Seu Renato não fica aqui, ele é o dono... E ele me falou que tava pra chegar um, mas eu pensei que... *(olha desconfiada para Maurício)* Deixa pra lá. Ô Antônio! Venha ajudar o rapaz!

Antônio aparece no portão.

DONA VERA — Entre, saia da chuva. Vou pegar a sua chave.

ANTÔNIO — Oxi, é novinho... Achei que ia chegar uma coroa... Você é lá de Aracaju, é?

MAURÍCIO — Sou sim, senhor.

Dona Vera interrompe.

DONA VERA — Saiam da frente...

Antônio arrasta as malas de Maurício para o lado. Dona Vera abre os dois lados do portão. Dois homens saem carregando um corpo num saco plástico. Vários

homens vão saindo do portão e se aglomerando na calçada. Do outro lado da rua, uma multidão de curiosos começa a se formar. Todos cochicham. Alguns usam guarda-chuvas. O corpo é colocado no carro. Alguns homens entram novamente na hospedaria, outros ficam na calçada conversando.

DONA VERA — *(a Maurício)* Bora, que eu já mostro o seu quarto. Você tem parente vivo, né?

MAURÍCIO — Tenho sim, senhora.

Maurício fica parado no portão, olhos arregalados.

DONA VERA — Não precisa ficar assustado não, por aqui você tem que tomar cuidado é com os vivos.

Maurício continua parado.

DONA VERA — Você tem outro lugar pra ficar? *(breve silêncio)* Então pronto, é melhor entrar.

ANTÔNIO — Fique tranquilo, no seu quarto não morreu ninguém.

Dona Vera e Antônio acompanham Maurício até a porta do quarto.

ANTÔNIO — Terrinha boa essa sua, tenho uns conhecidos de lá e de Boquim. Conhece Boquim?

MAURÍCIO — Só de passagem, mas meu pai já trabalhou por lá.

ANTÔNIO — E você veio fazer o que pra esse lado de cá?

MAURÍCIO — Tentar a sorte. Estudar, trabalhar, vê o que dá certo.

ANTÔNIO — Mais um... Se eu fosse você ficava por lá mesmo. Se você tem estudo, vai conseguir se dar bem por aquelas bandas, mas aqui não vai ter muita chance não. Paraíba aqui só pega serviço pesado.... Você é filho de quem?

MAURÍCIO — Meu pai é...

DONA VERA — Oxi, e virou foi padre, foi? Deixe de amolar o rapaz.

MAURÍCIO — Não tem problema não.

DONA VERA — Seu quarto é o número onze. Tome! (*entrega a chave a Maurício*). Só tem essa daqui, se perder tem que pagar a cópia. Seu Renato já te explicou como funciona aqui, né? É um ambiente coletivo, não pode ligar o som alto. Sempre que sair tranque a porta. O banheiro é compartilhado, mas é limpo porque eu que cuido da limpeza. A área de lavar fica lá nos fundos. O varal também é compartilhado, então tem que tirar a roupa assim que secar. Eu lavo, mas cobro por peça, só não lavo cueca. Tem a tabela de preço lá na parede. A energia tá inclusa no aluguel, mas não pode usar máquina de lavar e nem micro-ondas. Fogão só se for a gás, e geladeira não pode ser muito antiga porque consome muito. Qualquer dúvida é só bater aqui no número dois.

Os três chegam no quarto. É pequeno, mede 3m x 2m. A mobília se resume a uma cama de solteiro e um guarda-roupa de duas portas. Do lado da porta tem uma janelinha com grade, que está aberta.

ANTÔNIO — Parece apertado, mas ajeitando cabe geladeira, fogão e até uma bicicleta.

MAURÍCIO — Não penso em comprar nada, não devo ficar muito tempo.

Sebastião aparece na janela.

SEBASTIÃO — Eu também não pensava em ficar muito tempo e já tô aqui tem doze anos.

DONA VERA — Ô enxerido, sai da janela do rapaz! Já preencheu a ficha?

SEBASTIÃO — Pera ainda, dona Vera. Deixa eu conversar com o menino.

DONA VERA — Coloque três contatos de celular, o nome completo da pessoa e o endereço. Se tiver RG e CPF, coloque também.

SEBASTIÃO — É você o paraíba que tava pra chegar de Aracaju?

MAURÍCIO — Sou sim, senhor.

ANTÔNIO — Você trabalha com o quê?

SEBASTIÃO — Como é seu nome?

DONA VERA — Mas será o Benedito!

Os homens se calam. Dona Vera pega uma vassoura e começa a varrer o quarto.

DONA VERA — O rapaz acabou de chegar. Ô bando de homem intrometido...
(*a Maurício*) Liga não, viu rapaz. É Maurício, né? Você ainda é muito novo, vê se tenta não ficar muito tempo... Olhe, a janela eu deixei aberta só pra arejar. Ela tem grade, não tem perigo se ficar aberta, é só não deixar nada de valor perto dela... Mas tem que colocar um cadeado na grade. Aqui só tem gente de bem, mas não dá pra vacilar... Levante os pés... Eu tô varrendo hoje porque você tá chegando, mas a vassoura fica ali no corredor... Aqui não é lugar pra menino novo assim que nem você, não... Aqui é lugar de quem já tá caminhando pro fim da vida...

SEBASTIÃO — Oxe, e é doida, é?

DONA VERA — Você tem cadeado?

MAURÍCIO — Eu tenho sim, senhora.

DONA VERA — A Senhora tá no céu... Ótimo, já põe a chave junto com a da porta. (*a Sebastião*) — Gaúcho deu o dinheiro?

SEBASTIÃO — Deu nada, pediu pra gente pagar a parte dele e depois ele compensa.

DONA VERA — Se ele não pagar eu desconto do aluguel e ele que se entenda depois com o seu Renato.

Dona Vera sai.

ANTÔNIO — Liga não, ela tá atacada hoje.

Antônio sai. Vai atrás de Dona Vera.

SEBASTIÃO — Ei, tá precisando de camiseta? Eu tenho umas boas ali pra vender, original de fábrica, metade do preço da loja.

MAURÍCIO — Por enquanto não, valeu.

Maurício checa se Dona Vera saiu.

SEBASTIÃO — Tem boné e calça também, tudo de marca...

MAURÍCIO — E esse corpo que saiu daqui, era alguém da família dela?

SEBASTIÃO — Nada. Foi um hóspede que amanheceu morto aí.

MAURÍCIO — E a família já sabe?

SEBASTIÃO — Sabe nada. Nem vai saber. Ninguém sabe de onde o infeliz veio, eu só sei que era paraíba também. Quando eu cheguei, ele já tava por aí, vivia mais doente que tudo.

MAURÍCIO — Nem o seu Renato tem contato com a família?

SEBASTIÃO — Agora que morreu um é que ele tá preocupado com isso. Tá cobrando essa ficha de todo mundo... Se a família não aparecer, ele vai ser enterrado como indigente. Imagina que infelicidade, passar anos longe de casa, morrer e não ter ninguém no velório.

Gaúcho aparece na janela. Está bêbado e chorando. Tenta abraçar Sebastião, que o empurra.

SEBASTIÃO — Tira a mão, rapaz. Já falei pra parar com essa pegação.

GAÚCHO — Tião, o seu Jovelino, Tião.

SEBASTIÃO — Oxi, e precisa essa choradeira toda? Nem era da família.

GAÚCHO — Fala assim não, Tião, ele era um homem tão bom.

SEBASTIÃO — Todo mundo vai morrer um dia, e você se continuar com essa pingaiada vai ser o próximo, mal se aguenta nas pernas. *(Gaúcho tenta abraçá-lo novamente)*. — Sai pra lá, bebo chato. Num tá vendo que tá incomodando o moço não?

Gaúcho, entrando no quarto:

GAÚCHO — Ei, menino. Como é seu nome?

MAURÍCIO — É Maurício.

GAÚCHO — Maurício, né? O meu é Gaúcho, mas é só o apelido, porque eu sou lá de Alagoas... Ô Maurício, você num liga não, viu. É que de vez em quando eu bebo um pouquinho e fico assim choroso com a vida.

SEBASTIÃO — Dá corda não menino, que depois que grudar no seu pé você não vai ter sossego.

Gaúcho se senta na cama ao lado de Maurício e coloca a mão no ombro dele.

GAÚCHO — Você tem pai e mãe?

MAURÍCIO — Tenho sim, senhor.

GAÚCHO — Que maravilha! Coisa boa é ter família, né não? Eu tenho oito filhos e uma renca de netos que já até perdi as contas.

Gaúcho estica o braço, abre uma porta do guarda-roupa e, ao perceber que ainda está vazio, fecha-o novamente. Maurício abre a mala e começa a colocar algumas roupas em cima da cama. Gaúcho fica de olho, em busca de algo.

MAURÍCIO — E você vai lá sempre?

GAÚCHO — Ligo toda semana. Tem pra mais de 30 anos que moro aqui em São Paulo, mas minha família tá toda lá.

MAURÍCIO — E nem a sua esposa mora aqui com o senhor?

GAÚCHO — Oxi, e é broco, é? Leu a placa não? De mulher aqui só tem Dona Vera. Mas num mexa não que o Antônio é brabo.

Zé aparece assobiando, usa um paletó de linho e um chapéu, ambos de cor marrom e desbotados.

ANTÔNIO — E você, Zé? Não vai mesmo contribuir?

ZÉ — E eu lá tenho obrigação de enterrar alguém?

SEBASTIÃO — Bicho ruim. Podia ser você ou qualquer um aqui, sabia?

ZÉ — Eu não sou filho de chocadeira. Ao contrário de vocês, eu tenho família, e inclusive estou indo visitar.

SEBASTIÃO — Tá fazendo o que aqui, então?

ZÉ — Eu só tô aqui de passagem.

SEBASTIÃO — Você diz isso desde que chegou.

ZÉ — Não tenho culpa do Jovelino não ter ninguém. E outra, sempre foi um velho chato, nem um "bom dia" era capaz de falar. Agora só porque morreu vai virar santo?

SEBASTIÃO — Você é um coitado como nós, Zé. Só você não percebe.

ZÉ — O quê que você tá querendo dizer? *(começa a se alterar)* Não percebo o quê?

SEBASTIÃO — Se bobear também vai terminar por aí como indigente.

ZÉ — É só o tempo do meu quarto ficar pronto pra eu ir pra casa da minha filha.

SEBASTIÃO — *(ri)* Tá nessa ladainha há mais de dez anos. Não enxerga porque não quer.

ZÉ — Cala a sua boca, Tião. Não se mete a besta comigo.

Antônio aparece no corredor, fica entre os dois. Gaúcho aproveita a distração de todos e pega uma toalha de Maurício e coloca no ombro.

SEBASTIÃO — Você se acha o bonzão, mas a verdade é que não tem onde cair morto.

ANTÔNIO — Manera aí, Tião. Cê sabe que o velho não tem juízo.

ZÉ — É melhor ouvir o Tonho, Zé. Eu só não quebro a sua cara em respeito ao morto.

SEBASTIÃO — Então quebra se for homem. Você acha que assim a sua filha vai brotar do nada pra vir te buscar?

Zé avança em Sebastião, mas Antônio consegue segurá-lo.

ANTÔNIO — Cala a boca, Tião!

ZÉ — Repete o que você falou se você for homem, infeliz!

SEBASTIÃO — É isso mesmo que você ouviu. E digo mais, a sua filha não tá nem aí pra você... Se tivesse, ela já tinha vindo te buscar há muito tempo.

ZÉ — Cala a boca, seu desgraçado!

A gritaria segue, dona Vera entra.

SEBASTIÃO — Me fala, que quarto é esse que demora dez anos pra ficar pronto? Não vê que ela não te quer por perto?

DONA VERA — Será que vocês não têm um pingão de consideração com o Jovelino? Não importa se era da família ou não, ninguém merece um fim desse.

ANTÔNIO — Vai pro seu quarto, Zé.

ZÉ — A sua sorte é que a minha filha tá me esperando pra jantar, Tião... Eu vou, mas depois a gente acerta isso.

Zé sai. Gaúcho o segue, mas ao passar pela porta Sebastião puxa a toalha que está em seu ombro e a joga na cama de Maurício.

SEBASTIÃO — *(a Dona Vera)*. A senhora sabe que eu não sou de briga, mas esse daí tem hora que merece escutar umas verdades. Não respeita ninguém, nem o defunto.

DONA VERA — Bando de homem amargurado. Custa ajudar enterrar o outro?
(*a Antônio*) — Conseguiu ligar pro seu Renato?

ANTÔNIO — Liguei, mas ele disse que não tem condições de pagar a metade do caixão e nem de bancar um velório. Vão ter que enterrar como indigente mesmo.

DONA VERA — Os homens disseram que sem caixão não tem como velar o corpo, e lá no IML só tem gaveta.

ANTÔNIO — Ele ainda pediu pra gente lavar o quarto inteiro, esfregar as paredes e, se der, até o teto.

DONA VERA — Mais tarde eu vejo isso, preciso descansar um pouco. Acabou a folia. Vamo todo mundo caçar o seu rumo e deixar o rapaz descansar.

SEBASTIÃO — Tamo só fazendo sala pro menino, dando as boas-vindas. Num lugar que nem esse aqui, se o cabra não tiver pelo menos um amigo ele não aguenta não, viu.

DONA VERA — Eles estão te amolando, menino?

MAURÍCIO — Não, tudo tranquilo.

DONA VERA — Se tiver com vergonha de expulsar é só falar que eu ponho tudo pra correr. (*Entrega uma folha de papel para Maurício*). — Tome! Preencha isso aqui e me entrega lá no dois. Tem caneta aí?

MAURÍCIO — Tenho sim, senho... Dona Vera.

Dona Vera Sai. Maurício evita olhar para a janela na esperança de que Sebastião vá embora para que ele possa fechá-la. Sebastião não sai do lugar.

SEBASTIÃO — Eu tô incomodando?

MAURÍCIO — Tá não, fica tranquilo. E o senhor, tem família? Digo, “você”.

SEBASTIÃO — Eu você pode chamar de “senhor” que eu gosto. Tenho esposa e um menino assim que nem você. Você tem quantos anos?

MAURÍCIO — Dezoito.

SEBASTIÃO — Apois ele tá com quinze agora, mas deve tá quase assim que nem você (*tira uma fotografia do bolso*). Aqui nessa foto aqui ele tinha doze. (*Maurício pega a fotografia*). Tem hora que ele fala de vir pra cá, mas eu não boto fé não. Quero mais é voltar logo pra lá.

MAURÍCIO — Ele se parece com o senhor.

SEBASTIÃO — Cuspido e escarrado. Quando eu tinha a idade dele eu era assim, sem tirar nem por.

MAURÍCIO — Faz tempo que você não vai lá?

SEBASTIÃO — Mais de dez anos. Mas eu deposito tudo certinho, todo mês mando o dinheirinho dele, até agora depois de grande.

Sebastião, ainda na janela e com a foto na mão, vira-se para o corredor e fica de costas para o interior do quarto. Faz-se um longo silêncio.

SEBASTIÃO — Cê acha que ele vai me estranhar muito?

MAURÍCIO — Estranhar por quê?

SEBASTIÃO — Sei lá, jovem é tudo invocado. Ainda mais criado sem o pai por perto. Se fosse com você, você ia ficar feliz de ver o seu pai depois de tanto tempo?

MAURÍCIO — Acho que sim, mas pra esse tipo de coisa cada um reage de um jeito.

Faz-se um longo silêncio. Sebastião sai.

CENA 2

Quarto de Dona Vera e Antônio. Uma cama de casal, um guarda-roupa, uma escrivaninha com três gavetas. Do lado esquerdo há uma porta para outro cômodo. Acima da cabeceira da cama, uma janela aberta. Antônio e Vera estão sentados na cama.

DONA VERA — A gente precisa dar um jeito de sair daqui.

ANTÔNIO — Eu sei, mas não dá pra sair assim de uma hora pra outra. A gente ainda precisa ajuntar uma graninha antes.

Dona Vera abre a primeira gaveta da escrivaninha e pega um envelope.

DONA VERA — Eu estava pensando se a gente não poderia pagar o caixão do Jovelino.

ANTÔNIO — Mas Vera, esse dinheiro é do aluguel dos inquilinos, o seu Renato vai passar aí na terça pra receber.

DONA VERA — Eu sei disso, tô pensando em pagar com esse aqui e na segunda eu vou no banco e pego um empréstimo pra repor.

ANTÔNIO — Você tá querendo se endividar pra pagar o caixão de um desconhecido?

DONA VERA — Ele era um humano acima de tudo e, mesmo que não fosse da família ou amigo, morava aqui com a gente.

Dona Vera começa a chorar.

ANTÔNIO — Eu sei que você quer ajudar, mas não somos da família, não é nossa responsabilidade.

DONA VERA — Mas ele não tem família, não tem ninguém e vai ser enterrado como indigente... Custa velar?

ANTÔNIO — Quem tinha que se responsabilizar por isso era o seu Renato. Vou tentar falar com ele de novo, mas acho difícil querer ajudar.

DONA VERA — Eu coloquei um bilhete debaixo de cada porta. Vou passar amanhã pra ver se alguém quer contribuir.

Sebastião aparece na janela.

SEBASTIÃO — Dona Vera, os caras da perícia chegaram, mando entrar?

DONA VERA — Pode mandar. Leva eles lá no quarto do Jovelino que eu já vou.

ANTONIO — Eu vou lá com você, Tião.

Antônio sai. Dona Vera guarda o envelope de volta na escrivaninha. Sobe na cama de joelhos para fechar a janela. Em seguida, fica de pé na cama e pega uma bíblia em cima do guarda-roupa. Sopra a poeira e dá três batidas com as mãos para terminar de limpar. Desce, coloca a bíblia na cama, limpa as mãos no vestido e sai pela porta à esquerda. Alguns segundos depois, ela volta com uma vela acesa. Coloca a vela em cima da escrivaninha. Segura a bíblia sobre o peito e se deita na cama. Escuta alguém chamando, levanta e abre a porta.

MAURÍCIO — Eu vim trazer a ficha.

Dona Vera pega o papel, Maurício dá as costas para sair mas ela o chama de volta:

DONA VERA — O que você veio buscar aqui? Tô perguntando a verdade. Como foi que você achou esse lugar?

MAURÍCIO — Na internet...

DONA VERA — E só tinha esse lugar aqui pra você ficar?

MAURÍCIO — Era o mais em conta.

DONA VERA — Se veio procurar alguém, é melhor desembuchar que a gente apressa a sua volta.

Maurício abre a carteira e entrega uma foto a Dona Vera...

DONA VERA — Quem é esse?

MAURÍCIO — Meu avô. Ele saiu de lá quando o meu pai ainda era criança, o último contato veio daqui.

DONA VERA — Eu moro aqui tem mais de 17 anos e posso te garantir que nesse tempo esse homem não pisou aqui... Quantos anos ele tem?

MAURÍCIO — Não sei ao certo, mas acho que é entre 75 e 80.

DONA VERA — Já deve ter morrido... Se brincar, também foi enterrado como indigente.

Maurício fica em silêncio.

DONA VERA — Escute... Tem outras pensões aqui no bairro, depois traga a foto e os dados dele que a gente dá uma volta essa semana pra procurar, mas se não encontrar nada você vai embora... Já falei que isso aqui não é lugar para você. Eu tô dizendo isso pro seu bem. Se você olhar em volta, vai ver que todo mundo aqui tá caindo aos pedaços...

Dona Vera fecha a porta, volta para o quarto e se deita.

CENA 3

Maurício está deitado na cama, lê um livro. Porta encostada, janela aberta.

ZÉ — *(voz do corredor)* Dona Vera, acabou a água!

DONA VERA — *(voz do corredor)* Guenta aí que só vai voltar mais tarde. Eu já liguei lá.

Maurício se assusta ao ser interrompido por Sebastião, que aparece na janela com um ovo de Páscoa aberto.

SEBASTIÃO — Ei menino, você come chocolate?

MAURÍCIO — O quê?

SEBASTIÃO — Chocolate, quer um pedaço?

MAURÍCIO — Não, não precisa, valeu.

SEBASTIÃO — Tome, pode pegar. Eu tinha comprado pra levar pro meu menino, mas só vou poder ir no final do ano mesmo (*Maurício se levanta e pega um pedaço de chocolate*). Até lá junto uma grana e já vou de mala e cuia.

MAURÍCIO — Fico feliz por você!

SEBASTIÃO — E eu fico preocupado por você (*ri*).

Gaúcho aparece na janela, está mais bêbado que antes. Encosta em Sebastião tentando espiar.

SEBASTIÃO — Sai rapaz! Tá vendo que eu tô conversando com o menino não?

GAÚCHO — Deixa eu ver, Tião. (*a Maurício*) — Ei menino, é o Gaúcho.

Maurício ri.

SEBASTIÃO — Ei, passe a chave.

Gaúcho abre a porta e entra.

SEBASTIÃO — Agora é tarde.... Sai daí, abusado!

GAÚCHO — Ele é meu amigo, Zé. (*a Maurício*) — Você tem pai e mãe, meu filho?

Zé passa no corredor, mas não fala com ninguém, usa a mesma roupa da noite anterior, agora amassada e suja.

SEBASTIÃO — Chegou o adevogado!

GAÚCHO — Ei, mexa com ele não, Tião.

SEBASTIÃO — Que foi, a filha não veio de novo?

GAÚCHO — Ninguém nunca vem, é por isso que eu bebo.

Escutam a porta do quarto de Zé bater com força. Em seguida, sons de fortes pancadas...

SEBASTIÃO — O coitado do guarda-roupa é que sofre.

GAÚCHO — Ei, tão sabendo que Jovelino voltou?

As pancadas continuam...

SEBASTIÃO — Que brincadeira mais infeliz, Gaúcho.

GAÚCHO — Né brincadeira não. Os caras do IML tão trazendo o caixão aí.

DONA VERA — *(voz do corredor)* Pode seguir reto. Põe lá no fundo que eu já vou já pra arrumar as coisas... Tião, sai da frente.

Gaúcho pega o livro em cima da cama, folheia como se estivesse procurando algo dentro e o coloca de volta no lugar.

SEBASTIÃO — Oxi, e trouxeram pra quê?

GAÚCHO — Dona Vera que pediu pra trazer o morto de volta. É doida.

Dois homens passam no corredor, carregando um caixão.

SEBASTIÃO — *(para os homens)* Ei, devagar, rapaz!

GAÚCHO — Tião, me leva pra ver o Jovelino? Quero me despedir do meu amigo.

SEBASTIÃO — Tem perna não? Você é velho, né aleijado não.

GAÚCHO — Ô, Tião! Eu tô sem condições. Vamo lá comigo que se eu desmaiar você me ajuda.

SEBASTIÃO — Rapaz, pense num velho fresco. Quando bebe fica dez vez pior. Bora injuera! Mas né pra dar chique em cima do caixão não, viu.

Tião sai carregando Gaúcho. Maurício sobe na cama para colocar a mala em cima do guarda-roupa. Em seguida vai fechar a janela, mas é surpreendido por Sebastião.

SEBASTIÃO — Pronto, já despachei o bebo chato... Tenho pena é do Jovelino que nem depois de morto tem sossego...

Dona Vera aparece na porta.

DONA VERA — Já vai começar, vocês dois não vão?

SEBASTIÃO — Daqui a pouquinho eu chego lá... Ele tá normal?

DONA VERA — Deram um banho nele, não tá fedendo e também não tá deformado, se é isso que quer saber.

SEBASTIÃO — Eu só fiz uma pergunta, Dona Vera, precisa responder assim não.

DONA VERA — É na hora da morte que a gente vê como as pessoas são.

SEBASTIÃO — Oxe, e a senhora tá assim ainda por conta do caixão, é? E o seu Renato não vai pagar?

DONA VERA — Vai pagar metade só.

SEBASTIÃO — Vai incluir no aluguel depois, certeza.

DONA VERA — Se ele falou que vai pagar é porque vai pagar. Vocês têm a mania de só ver o lado ruim das pessoas. Ninguém se ajuda.

SEBASTIÃO — O restante é a gente que vai ter que pagar?

DONA VERA — O homem merece pelo menos ter um velório decente.

SEBASTIÃO — Que bom que venderam fiado, porque se fosse pra esperar até juntar esse dinheiro o homem ia ficar só o osso e esse caixão não chegava.

DONA VERA — Eu paguei a outra metade. Sem caixão não iam deixar trazer pra velar. Pelo menos isso o coitado merecia.

SEBASTIÃO — E Antônio sabe disso?

DONA VERA — Não precisa saber. Depois eu vou reponho.

SEBASTIÃO — Eu espero ter alguém como a senhora por perto quando eu morrer.

DONA VERA — Já preencheram a ficha?

Dona Vera sai. Antônio aparece na porta do quarto.

ANTÔNIO — Ei, cês dois, bora lá velar o homem.

SEBASTIÃO — Menino, que história foi essa de trazer o corpo de volta, hein?

ANTÔNIO — Vera ficou com pena do coitado e pediu pra velar.

MAURÍCIO — E vocês não podem fazer o enterro?

ANTÔNIO — Melhor não, porque se depois a família aparecer pode dar problema. E também ninguém tem condições de bancar o enterro.

SEBASTIÃO — E a aposentadoria do homem, não dá pra pagar?

ANTÔNIO — Pra mexer nisso daí só a família mesmo. Burocracia danada. Esse caixão que tá aí é o seu Renato que tá bancando tudo (*Sebastião e Maurício se entreolham*), porque senão eles nem deixavam velar.

SEBASTIÃO — Deus é mais. Por isso que eu quero voltar logo pra minha terra. Isso aqui não é vida não. O homem passa o dia inteiro carregando peso feito um burro de carga, chega de noite e se enfurna num quarto apertado desse, sem ninguém, e depois de velho ainda acaba aí sem ter onde cair morto. Quero isso pra mim não.

ANTÔNIO — Bora lá velar o homem... Ei, menino, se quiser pode vir também.

As pancadas continuam...

CENA 4

Área de lavar. Ao fundo, três portas com placas indicando banheiros. Na frente de uma delas há um altar improvisado, composto por uma mesinha, uma vela de sete dias e um retrato de Jesus Cristo. Na lateral direita, três tanques de lavar roupa e alguns baldes e bacias empilhados. Várias linhas de varal cruzam o teto, todas vazias, exceto pelos pregadores. No centro, um caixão. Em volta dele, cerca de 20 homens, pelo menos dois terços deles aparentam ter mais que 50 anos. Dona Vera acende a vela e começa a orar.

MAURÍCIO — *(cochicha para Sebastião)* Será que ninguém vai ajudar a pagar o caixão?

Sebastião ergue os ombros em resposta.

DONA VERA — Senhor, todo poderoso, tenha compaixão dessa pobre alma. Acolha Jovelino como um homem de bem. Perdoai os seus pecados e o conduza para a paz em seu reino...

ANTÔNIO — Psiu... *(estende a mão com uma imagem de Nossa Senhora Aparecida)* Coloque ela aí do lado do filho.

Dona Vera respira fundo, pega a imagem e retoma a oração:

DONA VERA — Pai nosso, que estais no céu...

GAÚCHO — Eu vou pegar o meu São Francisco também...

TODOS — Santificado seja o vosso Nome, venha a nós o vosso Reino, seja feita a vossa vontade...

Maurício pega uma bacia e coloca em cima do caixão. Ele faz o sinal da cruz, pega um dinheiro no bolso, deposita dentro da bacia e volta para o seu lugar. Dona Vera balança a cabeça em sinal de agradecimento. Na sequência, um por um, os homens repetem o gesto: sinal da cruz, dinheiro na bacia e voltam para o lugar. A oração continua... Zé aparece, também deposita o dinheiro. Gaúcho aparece com uma imagem de São Francisco em uma das mãos e uma garrafa

na outra. Ele entrega a garrafa a Zé e leva o santo até o altar. Em seguida, vai até o caixão e deita o corpo sobre a bacia, forçando o choro... Ele é repreendido pelos outros homens que percebem que ele está tentando roubar. Os homens esvaziam os bolsos dele e o tiram de perto da bacia.

SEBASTIÃO — *(cochicha para Maurício)* Fique esperto com esse daí.

DONA VERA — Ave, Maria, cheia de graça, O Senhor é convosco. Bendita sois vós entre as mulheres, e Bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus!

TODOS — Santa Maria, Mãe de Deus, Rogai por nós...

Fim.

Sobre o autor: Ednilton Santos Costa, nordestino, nascido em Salgado-SE. Formado em jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás, aspirante a dramaturgo.

Contato: edeniltontoscosta@gmail.com

ESTA NÃO É UMA HISTÓRIA DE AMOR

Experimento cênico on-line

Juliane Pimenta

Personagens

Mulher de 60 anos.

Mulher de 40 anos.

Mulher de 30 anos.

Voz de criança.

Cena JANELAS DO COTIDIANO

A música “Time” do Pink Floyd toca. No início a música possui sons de sinos e relógios. As câmeras piscam e brincam de ligar e desligar seguindo os sons, revelando segundos de ações das atrizes. As janelas do Zoom são janelas das casas destas três pessoas. Os sons são interrompidos e outra música começa “Violin Concerto no.1 in B flat KV 207” do Mozart. As três câmeras se abrem. Vimos as três mulheres de longe se vestindo como se estivessem se arrumando para uma festa. A música continua ao fundo e uma narração começa. As mulheres continuam se arrumando, tomam um chá, e passam um batom em tempos diferentes. A mulher de 40 anos, além destas ações, usa um telefone. Parece ligar para alguém que não atende, mais de uma vez.

MULHER DE 40 ANOS: *(Narração)*

Janelas! As janelas são os olhos da casa!

Eu sempre caminhei observando as janelas. Desde muito pequena. Algumas são bonitas. Outras antigas. Algumas quadradas, outras redondas... Umas precisam de limpeza ou reparo. Eu gosto de analisar a parte estética. Pequenos detalhes da parte interna, como uma parede colorida. Uns quadros. Algum objeto diferente.

Mas, existe algo que me desperta muito a curiosidade!

Observar o que acontece além das janelas. Algumas ações que acontecem dentro das casas, nos segundos em que passamos em frente delas. Uma ação, que, por descuido, os moradores deixam escapar e que nos surpreende.

O que será que acontece ali? Eu sempre me pergunto. O que será que as janelas não revelam? Quais as alegrias? As dores daquele lugar? Quem são aquelas pessoas? Quem são?...

(A música vai diminuindo e ouvimos a batida de um coração. O som aumenta e diminui e aos poucos se transforma em batidas de corações em diferentes tempos. As mulheres se aproximam da câmera e podemos ver seus rostos. A mulher de 40 anos olha para as demais mulheres. Sorri e desliga sua câmera, como se estivesse fechando sua janela. As mulheres de 30 e de 60 anos se olham.)

Cena REENCONTRO.

Mulheres de 30 e 60 anos.

MULHER DE 60 ANOS: *(falando para a mulher de 30 anos)* Muito bom ter você aqui pra esta última dança. Se não estivéssemos juntas talvez não conseguiria.

Dançam lindamente o solo de guitarra da música “Time” do Pink Floyd, cada uma em sua janela.

Cena UM SONHO DE LIBERDADE

Mulher de 30 anos coloca um vinil pra tocar. Ouvimos novamente, porém em volume bem baixo, “Violin Concerto no.1 in B flat KV 207” do Mozart.

MULHER DE 60 ANOS: *(ouvindo a música, conversando com a plateia virtual e com a mulher de 30 anos.)* No dia da minha morte eu abri a porta da casa, dei um passo, meu coração disparou...mais um passo e já estava completamente ofegante...mais dois passos e alcancei a calçada... caminhei ... passos cada vez mais largos, sem olhar pra trás. Passei pelo lindo jardim. Liberdade! O meu coração batia de forma acelerada e havia algo parado na garganta. Palavras. Um grito, talvez. Seria esse então o sintoma do fim? O fim seria o sintoma da felicidade?

Eu quando jovem abri a porta da casa, dei um passo, meu coração disparou...mais um passo e já estava completamente ofegante...mais dois passos e alcancei a calçada daquela que era a casa do meu pai, a minha casa... caminhei ... passos cada vez mais largos, sem olhar pra trás. Passei pelo lindo jardim. Liberdade! O meu coração estava na boca. Seria esse o primeiro sintoma de felicidade? Pensei eu. Eu sempre tive uma mente inquieta. Um grande vazio. E ao mesmo tempo uma infinidade de pensamentos.

Eu passei o lindo jardim. Dei um giro de cento e oitenta graus e voltei. Se a liberdade era o primeiro sintoma de felicidade eu o aniquilei naquele momento.

Me casei no dia seguinte.

Cena O ABISMO

Mulher de 30 anos desliga o vinil e conversa com a plateia virtual e com a mulher de 60 anos. Quando a VOZ fala, há um estranhamento.

MULHER DE 30 ANOS: No dia da minha morte eu lembrei do meu casamento.

Do primeiro.

Ele disse que não poderia ter um filho. O filho seria sua ruína. Um verdadeiro horror!

Só fiquei sabendo disso muito tempo depois do casamento. Havia algo estranho porque ele me perguntava quase todos os dias sobre o meu sangue.

Tentava controlar os meus dias férteis e os não férteis eram contados como uma possibilidade de um escape. E ele não me tocava.

Eu tinha ardores, sentia calafrios, ficava arrepiada. Sentia o cheiro dele e pensava que...

VOZ: Quero morangos!

MULHER DE 30 ANOS: Ele iria tocar os meus seios e ...

VOZ: Quero morangos!

MULHER DE 30 ANOS: (*Assustada*) O quê?

VOZ: Mãe! Eu quero morangos!

MULHER DE 30 ANOS: Eu... tô conversando agora... Espere, por favor!

A verdade é que apenas dormíamos. E dormíamos muito. Não havia uma possibilidade concreta de um herdeiro. As contas dele eram cada vez mais confusas e eu já não tinha mais controle sobre o meu próprio sangue porque não acompanhava toda aquela matemática quase que diária da neurose.

E não nos falávamos. Uma mesma casa, um mesmo quarto, uma mesma cama, porém, um abismo nos separava. O abismo do silêncio. Eu nunca imaginava o que ele poderia fazer. A não ser as contas.

Bebíamos vinho com frequência.

MULHER DE 60 ANOS: Eu bebo até hoje! Vinho tinto! Seco!

MULHER DE 30 ANOS: Eu estava dormindo. Ele tinha bebido.

MULHER DE 60 ANOS: Eu tinha bebido mais do que de costume. No jardim.

MULHER DE 30 ANOS: Ah, o jardim!...

MULHER DE 60 ANOS: O jardim ficava lindo...

MULHER DE 30 ANOS: Ah, isso é verdade...

MULHER DE 60 ANOS: Ele me acordou, subiu em cima de mim...

MULHER DE 30 ANOS: Eu estava dormindo. Dormindo...

MULHER DE 60 ANOS: Era o que eu fazia todas as noites. O que nós fazíamos todas as noites. Dormir. Eu tinha bebido também. Mais do que de costume...

MULHER DE 30 ANOS: Ele em cima de mim. Eu não disse não.

Eu não disse nada... Eu sangrei...

MULHER DE 60 ANOS: Ele dormiu.

MULHER DE 30 ANOS: Acordou fazendo contas desesperadas. Somas e mais somas.

MULHER DE 60 ANOS: A minha boca foi incapaz de abrir para dizer uma única palavra... Voltamos para o abismo do silêncio. Mas os nossos olhos muito, muito diziam. (*Som de coração batendo bem baixo interrompido pela voz.*)

VOZ: Eu quero morangos!

VOZ: Eu quero morangos!

MULHER DE 30 ANOS: Eu vou pegar!

MULHER DE 30 ANOS: Aqueles olhos do desprezo me conduziram à porta da casa. Abri a porta, dei um passo, meu coração disparou...mais um passo e já estava completamente ofegante...mais dois passos e alcancei a calçada... caminhei ... passos cada vez mais largos, sem olhar pra trás. Passei pelo lindo jardim. Liberdade! O meu coração quase saiu pela boca.

Som de coração batendo acelerado e bem baixo. Aos poucos as batidas ficam normais e continuam na cena seguinte.

Cena EU AINDA OUÇO O CORAÇÃO

Mulher de 60 anos toma uma taça de vinho tinto durante toda a cena. Ela conversa com a mulher de 30 anos. Essa cena também possui o som de coração batendo, porém o som é muito baixo.

MULHER DE 30 ANOS: (*Ouvindo com atenção.*) O coração!

MULHER DE 60 ANOS: É seco. Quer? (*Oferece o vinho.*)

MULHER DE 30 ANOS: Eu dormi muito?

MULHER DE 60 ANOS: Bem aventuradas as que têm sono.

MULHER DE 30 ANOS: Deitei, fechei os olhos e não vi mais nada.

MULHER DE 60 ANOS: Ter sono em noites como esta é uma dádiva pra poucas.

MULHER DE 30 ANOS: Tenho dores.

MULHER DE 60 ANOS: Quer algum remédio?

MULHER DE 30 ANOS: Eu tô ouvindo o coração.

MULHER DE 60 ANOS: Quer vinho?

MULHER DE 30 ANOS: (*Pegando uma taça de vinho tinto e olhando pra ela.*) O que tinha no chá?

MULHER DE 60 ANOS: Algumas folhinhas.

MULHER DE 30 ANOS: *(Segue olhando para a taça de vinho até o final da cena.)*

Você conhece as folhinhas?

MULHER DE 60 ANOS: Sim.

MULHER DE 30 ANOS: ...E você não fez nada comigo?

MULHER DE 60 ANOS: Nada?

MULHER DE 30 ANOS: Você...Você não tocou em mim?

MULHER DE 60 ANOS: Não.

MULHER DE 30 ANOS: É que tem algo estranho.

MULHER DE 60 ANOS: Toda a situação é estranha.

MULHER DE 30 ANOS: Eu sei, mas...

MULHER DE 60 ANOS: ...Você quer descansar um pouco mais?

MULHER DE 30 ANOS: Eu vi sangue.

MULHER DE 60 ANOS: Onde?

MULHER DE 30 ANOS: No chão.

MULHER DE 60 ANOS: É vinho tinto.

MULHER DE 30 ANOS: *(Ainda olhando pra taça de vinho tinto.)* É sangue. Seco.

MULHER DE 60 ANOS: Impossível.

MULHER DE 30 ANOS: Perto da cama.

MULHER DE 60 ANOS: Não é seu.

MULHER DE 30 ANOS: Por quantas horas eu dormi?

MULHER DE 60 ANOS: Muitas.

MULHER DE 30 ANOS: Você não tocou em mim?

MULHER DE 60 ANOS: Você está com algum machucado?

MULHER DE 30 ANOS: Aparentemente não.

MULHER DE 60 ANOS: Algum sangramento?

MULHER DE 30 ANOS: Acredito que não.

MULHER DE 60 ANOS: A infusão funciona para algumas mulheres.

MULHER DE 30 ANOS: Não há sinal de sangramento.

MULHER DE 60 ANOS: Você não sangrou...

MULHER DE 30 ANOS: Eu ainda escuto o coração.

MULHER DE 60 ANOS: Você queria mesmo vir?

MULHER DE 30 ANOS: Não.

MULHER DE 60 ANOS: Porque está aqui?

MULHER DE 30 ANOS: ...

MULHER DE 60 ANOS: Você se arrependeu?

MULHER DE 30 ANOS: Não...Não.

MULHER DE 60 ANOS: O que aconteceu aqui é teu.

MULHER DE 30 ANOS: Eu sei...

MULHER DE 60 ANOS: O que aconteceu aqui é teu. Só teu.

MULHER DE 30 ANOS: Eu ainda ouço o coração.

MULHER DE 60 ANOS: A escolha foi tua.

MULHER DE 30 ANOS: Eu ainda ouço o coração. E ele bate diferente do meu.

Cena SOU ABRIGO, SOU MORADA, SOU MÃE

Mulher de 60 anos fala para a plateia virtual.

MULHER DE 60 ANOS:

Existe um grande vazio.

De onde tudo surge para onde tudo volta.

Eu fui a vida da terra.

Uma forma de vida que criou outra forma de vida.

Eu criei.

Eu fui a vida da terra.

Eu fui a própria terra, fui abrigo, fui morada.

Da terra eu vim.

Pra terra eu vou voltar.

Fui abrigo. Fui morada. Mas fui também a morte.

Mulheres de 30 e 60 anos desligam suas câmeras.

Cena A BUSCA

Imagem das mãos da mulher de 40 anos mostrando seu RG. Apenas ouvimos sua voz.

VOZ DA MULHER DE 40 ANOS: Maria de Souza. RG 30.558.733 – 1. José de Souza. Não tenho. É possível sim. Não há um nome. Eu tô te falando. Olha aqui no documento. Tá vendo?

É estranho! A situação é toda estranha. Mas aconteceu comigo.

Eu tô entrando em contato porque eu procuro exatamente o nome que falta no meu documento. Será que você pode me ajudar?

Mulher de 40 desliga sua câmera.

Cena NASCEU A RAINHA DA MINHA TRAGÉDIA!

Mulheres de 30 e 60 anos ligam suas câmeras.

MULHER DE 30 ANOS (*para a plateia virtual*):

Nasceu a menina!

Nasceu!

Grande.

Bonita.

É tua.

Parto parido em casa.

Três dias de muita dor.

A mãe achou que fosse morrer.

A mãe desejou morrer antes dela.

Mas quando percebeu que ela coroava.

Desejou morrer foi com ela.

Mas não morreram.

Ela parece que nasceu sabendo seu destino.

Saiu das entranhas da mãe chorando.

E o choro não parava.

Todo mundo que tava ali perto não sabia

Da sua desgraça.

E não entendia aquele choro todo.

A mãe ficou com a menina nos braços.

Por muitas horas

Sentindo seu cheiro

Tocando sua pele

Apertando a menina

E chorando com ela

É tua.

Foi então que olhou pela janela.

Secou suas lágrimas.

Se levantou e saiu com a menina enrolada em um pano.

Abriu a porta da casa, deu um passo, seu coração disparou...

mais um passo e já estava completamente ofegante...mais dois

passos e alcançou a calçada... caminhou ...

passos cada vez mais largos, sem olhar pra trás.

Ninguém falou nada. Ninguém fez nada.

Mas todos, todos sabiam o que poderia acontecer.

A mãe foi abrigo. Mas foi também a morte.

Pelo menos pensou que fosse.

Mulher de 30 e de 60 cantam para a transição de cena.

Cena AGORA EU ERA HERÓI, A NOIVA, A PRINCESA, A MÉDICA

MULHER DE 30 E DE 60 ANOS *cantam uma pequena parte da música “João e Maria” de Chico Buarque e Sivuca. Enquanto cantam fazem os movimentos que a música propõe, como se fossem crianças se divertindo.*

As duas riem.

MULHER DE 60 ANOS: Hoje eu olhei nos olhos de uma criança. Uma menina. Ela tinha os olhos negros, grandes.

Eu olhei bem fundo.

Eu vi a vida em sua manifestação mais doce.

Eu vi a minha casa.

Vi aquela liberdade de ser o que quisesse. Ser o herói! Ser a guerreira! Ser o cavalo!

E foi então que eu descobri.

Ah! Aqueles olhos eram os meus!

Cena VINHO SUAVE PARA MEMÓRIAS SECAS.

MULHER DE 60 ANOS: *(para a plateia virtual)*. Um momento. Meu vinho acabou e eu preciso de mais. *(Levanta saindo de cena, saindo do foco da câmera e retorna com seu vinho.)*

Esse vinho tem que ser suave porque recordar às vezes é reviver dores. Dores pesadas. E toda essa história tá presa aqui. *(Mostra o pescoço.)* Eu mãe, entreguei minha filha para o abandono e a morte. O meu sangue corria naquelas veias.

Onde está a garota?

Por noites não dormi.

Onde está a menina?

Ouvia o coração.

Tudo o que eu fiz. Foi meu.

Eu sei...eu sei...

O que você fez com ela?

O que você fez com ela?

O QUE VOCÊ FEZ COM A MENINA?

Ela está lá fora.

O QUE VOCÊ FEZ COM A MENINA?

Tá lá fora.

Como pode uma mãe fazer isso com a própria filha?

Como?

É muita crueldade.

É tua. É teu. É teu.

O abismo do silêncio me engoliu.

Eu engoli o que tentava dizer ou não conseguia colocar em palavras o que sentia.

Os pensamentos eram rápidos, turvos ou lentos demais.

A menina agora é minha. Você é louca.

Eu deitei. Senti meu corpo todo adormecer. De alívio ou de pavor.

Ela ainda respirava. Longe de mim.

Por noites não dormi.

(Mulher faz o som do coração com a boca.)

Eu ouvia...

(Mulher faz o som do coração com a boca várias vezes. Mulheres de 30 e 60 anos desligam suas câmeras.)

Cena A FOTO DA ESPERANÇA

As mãos da mulher de 40 anos agora mostram uma foto.

VOZ DA MULHER DE 40 ANOS: 282.019.009-68. CPF. Eu tenho que transferir este valor até amanhã? Certo. Alguma novidade?

Entendo.

Eu encontrei isso. Não sei se ajuda, tá um pouco desbotada. Não sei mesmo se pode ajudar. Você consegue retirar aqui? Eu escaneei e ficou muito borrada. Pode ficar com a original.

Ótimo.

E... Pode ser besteira. Uma bobagem enorme o que eu vou falar, mas... atrás da foto tem o nome de duas músicas. (*Rindo timidamente*). “Meditação de Thais” para violino e piano e “Time”, do Pink Floyd. O engraçado é que a primeira música eu ouço com frequência. Sério! É quase um mantra diário...

Bom. Eu acho que isso não ajuda em nada, mas... tá escrito aqui.

Mulher de 40 anos desliga sua câmera.

Cena VIOLINO

Mulheres de 30 e 60 anos ligam suas câmeras. Mulher de 30 anos coloca um vinil em uma vitrola. A música “Meditação de Thais” começa a ser tocada. As duas conversam.

MULHER DE 60 ANOS: Ah...esse violino!

MULHER DE 30 ANOS: Eu sempre quis tocar essa música

MULHER DE 60 ANOS: Nunca consegui.

MULHER DE 30 ANOS: Praticava pouco.

MULHER DE 60 ANOS: Nunca consegui procurar por ela.

MULHER DE 30 ANOS: Nunca tive vontade.

MULHER DE 60 ANOS: Quarenta anos se passaram.

MULHER DE 30 ANOS: Nunca tive vontade. Nunca!

MULHER DE 60 ANOS: Isso é tão triste quanto essa música.

MULHER DE 30 ANOS: Eu não diria triste. Diria honesto. Não procurei porque não quis.

MULHER DE 60 ANOS: Se tem algo que a vida me ensinou é que algumas coisas acontecem a despeito das nossas vontades, do nosso controle.

MULHER DE 30 ANOS: Outras são escolhas.

MULHER DE 60 ANOS: São.

MULHER DE 30 ANOS: Trabalhar em hospitais foi uma escolha.

MULHER DE 60 ANOS: Com certeza foi. Cuidar de cada uma daquelas crianças doentes foi a melhor escolha que fiz.

MULHER DE 30 ANOS: A enfermeira mais amorosa.

MULHER DE 60 ANOS: O hospital se tornou minha vida.

MULHER DE 30 ANOS: Casar três vezes também foi uma escolha.

MULHER DE 60 ANOS: Foi sim...

(Pausa.)

Nunca consegui procurar por ela.

A música Meditação de Thais vai se misturando com o som de coração batendo.

MULHER DE 30 ANOS: Eu ainda escuto as batidas.

MULHER DE 60 ANOS: Nunca saíram de mim.

Cena EU E A MORTE

MULHER DE 30 ANOS: *(Para a plateia virtual.)* No dia da minha morte eu senti o cheiro de criança. Olhei bem fundo nos olhos de uma menina e vi a vida em sua manifestação mais doce.

VOZ: Mãe! Mãe! Mãe!

MULHER DE 30 ANOS: Pare de me chamar. Eu desejo não mais ouvir o que você diz.

MULHER DE 60 ANOS: Cada palavra é uma lança em meu peito.

VOZ: Mãe! Mãe!

MULHER DE 30 ANOS: Eu abri a porta da casa, dei um passo, meu coração disparou...mais um passo e já estava completamente ofegante...mais dois passos e alcancei a calçada... caminhei ... passos cada vez mais largos, sem olhar pra trás. Passei mais uma vez pelo lindo jardim! O meu coração batia de forma acelerada e havia algo parado na garganta. Palavras. Um grito, talvez. Seria esse então o sintoma do fim? O fim seria o sintoma da felicidade?

MULHER DE 60 ANOS: Em meus pensamentos pedi perdão à minha filha.

Não aquele perdão cheio de culpas religiosas. Não.

O perdão por ter deixado ela ir.

Por ter rompido a mínima possibilidade de afeto.

E principalmente por não ter a vontade de ter procurado por ela.

MULHER DE 30 ANOS: Liberdade! Um grito preso em minha garganta. Uma abstração capaz de me causar um frio que começa no pescoço, percorre toda a minha espinha e desce até o último dedo do pé.

MULHER DE 60 ANOS: Liberdade! Sempre busquei. Nunca encontrei.

MULHER DE 30 ANOS: E dancei com a morte. Sim dançamos e sim. Este foi o fim.

As mulheres de 60 e 30 começam uma dança ao som de batidas do coração misturadas à música “Time” e a música “Meditação de Thais”. Cada batida um movimento até a última batida. Câmeras desligadas.

Cena O CORAÇÃO PAROU

Mulher de 40 anos atende ao telefone com a câmera desligada.

VOZ DA MULHER DE 40 ANOS: Oi... Só um minuto já vou ligar a câmera. Eu tô chegando em casa.

Liga a câmera. Fala para a plateia virtual.

MULHER DE 40 ANOS: Oi... Já estou em casa... Ah, O nome é esse então...

O que aconteceu? Pode falar. Faz parte da busca, não faz? E eu demorei pra querer procurar. Foi uma escolha.

Pode falar.

(Pausa.)

O coração parou!

Mulher de 40 anos desliga a câmera.

Sobre a autora: Juliane Pimenta é artista da Cia Lúdicos de Teatro Popular e integrante do NED – Núcleo de Experimentos em Dramaturgia, um coletivo de mulheres que pesquisa a escrita para teatro. É graduada em Artes Cênicas, Pedagogia e estudante de Letras.

EU ERA UM ESCRITOR

Leonardo Marques

- **INTRODUÇÃO A UM PERSONAGEM AUTOR** -

RODRIGO - Eu sento na frente da tela, e ela me encara de volta, como se esperando alguma reação minha, fico imóvel e fumo cigarro atrás de cigarro sem sequer perceber que já foram 3 maços, 1 dia, e 5 palavras, apagadas por não representarem absolutamente nada se não o que eu já sei a muito tempo. Meu nome é Rodrigo, e um dia fui escritor. (*Se levanta.*)

RODRIGO - Mas hoje não! Hoje, eu sou só o rapaz confuso que deveria ter descoberto mais cedo que escrever não é profissão, pelo menos segundo meu pai.

COMPUTADOR - Não olha pra mim, eu não tenho nada.

RODRIGO - Eu sei disso.

COMPUTADOR - Sua editora mandou mensagem novamente, o tal “livro novo” vai fazer aniversário de atraso.

RODRIGO - Obrigado, mais alguma coisa?

COMPUTADOR - Conta, conta, conta, spam, um amigo seu vai ser pai, spam...

Rodrigo encara o computador.

COMPUTADOR - Te lembro disso mais tarde?

RODRIGO - Ótima idéia. E já acabei outro maço? Já volto.

COMPUTADOR - "Eu sei disso".

Rodrigo sai de cena. Mudança de luz, noite.

- **AMANHÃ COM CERTEZA** -

Rodrigo entra em cena com um cigarro na boca.

RODRIGO - Que horas são hein?

Entra em cena a ansiedade. Roupas laranjas e do tom mais vibrante possível. Usa sempre uma máscara, de cor laranja, assim como suas roupas.

ANSIEDADE - Tarde, muito tarde pra escrever qualquer coisa que preste, melhor deixar para amanhã.

Entra em cena a depressão. Está sempre de pijama, se possível um gorro de dormir, usa máscara como a ansiedade, suas cores são variações de roxo.

DEPRESSÃO - Já não tá na hora de dormir não?

ANSIEDADE - Era exatamente isso que eu estava dizendo, você não é nenhum gênio garoto, não é uma hora dessas que vai avançar naquela historinha meia boca.

RODRIGO - São só nove e meia ainda, deve dar tempo de fazer alguma coisa.

ANSIEDADE - Só nove meia? Vejamos, se for deitar às duas da manhã parecendo um zumbi igual tem feito, são cinco horas de produção. Realmente, faz mais de um ano que você não entrega nada, mas hoje vai escrever a história de uma vida.

DEPRESSÃO - Tarde assim?! Mas eu tô cansada, vamos deitar, amanhã você volta.

RODRIGO - Não adianta deitar agora, se consigo dormir só às 4 da manhã. Ontem era muito cedo, depois do almoço era muito cansaço, na hora da janta era melhor dormir mais cedo, o que não aconteceu, e hoje durante o dia inteiro, correção, nos últimos seis meses, nunca houve um momento. Se não for hoje, então quando?

DEPRESSÃO E ANSIEDADE - Amanhã com certeza!

RODRIGO - Amanhã? Com certeza?

ANSIEDADE - Exatamente! Você ainda é novo, tem a vida inteira pela frente pra escrever, algumas horinhas de descanso merecido são bem vindas.

DEPRESSÃO - Isso! Isso!

RODRIGO - Ok, amanhã então. Amanhã com certeza!

Os três saem de cena. Mudança de luz, dia. Rodrigo entra com uma caneca de café na mão e a depressão o agarrando pela cintura, ansiedade vem atrás resmungando.

ANSIEDADE - Você precisava mesmo sair da cama hoje? Qual foi a última vez que escreveu algo de útil? Melhor nem tentar, vai ficar ruim mesmo.

DEPRESSÃO - Eu voto em abraçar a tecnologia, escrever no celular, que dá pra usar na cama, e se ficar difícil a gente já pode virar para o lado e tirar um cochilo.

Rodrigo encara as duas, toma um gole de café.

RODRIGO - “Amanhã com certeza!” *(Arrasta a depressão até chegar em sua cadeira. Ele coloca o maço de cigarro do lado oposto ao computador e vai se sentar, a depressão praticamente se jogando em seu colo).*

DEPRESSÃO - A gente ainda tem uns 10 dias pro fim do mês, você queria escrever um capítulo ATÉ o fim do mês, não ficar trabalhando o mês inteiro, eu lembro muito bem de quando você se planejou.

ANSIEDADE - Quem liga pro fim do mês? A VIDA ESTÁ ACABANDO, ele já está mais perto da decomposição do que do nascimento, daqui pra frente é só ladeira abaixo, pra que se esforçar?

DEPRESSÃO - Tanto esforço pra nada né? Podia assistir alguma coisa engraçada, a gente precisa dar risada, eu não aguento mais ficar assim, assiste alguma coisa só pra dar uma animada, depois a gente vem escrever.

RODRIGO - Vocês podem por gentileza darem o fora daqui? *(A depressão se joga no chão, fingindo estar morta. A ansiedade cruza os braços e vira de lado.)* Assunto encerrado então. Bom vamos lá, de onde eu parei? A estrada estava mal iluminada, e o rapaz se sentia desorientado. O caminho a frente tinha o cheiro pungente de morte certa, um distinto odor rubro que invadia sua mente e o fazia questionar, “eu deveria correr?” Não, é tarde demais para fugir, a dor em seu abdômen lhe impediria de enfrentar seu agressor que apareceria a qualquer momento.

ANSIEDADE - Chato!

DEPRESSÃO - Eu não ia dizer nada, mas já que ela opinou, isso dá medo.

RODRIGO - Eu vou passar os próximos três dias sem sair dessa cadeira se vocês não colaborarem.

ANSIEDADE - Vai dar pedra no rim se não fizer xixi, aí quero ver escrever.

DEPRESSÃO - Será que pedra no rim faz a gente ter que ficar deitado? Acho que seria de extrema importância você não sair dessa cadeira por uma semana!

ANSIEDADE - Aí eu acho que ele vai pro bebeléu.

DEPRESSÃO - Três dias.

RODRIGO - Chega. Uma pausa antes que eu coloque fogo na casa.

O rapaz procura o maço de cigarro e a ansiedade observa a cena. Ambos olham em direção ao maço de cigarro, depois se encaram por alguns segundos.

RODRIGO - Não.

A ansiedade solta uma risadinha curta.

RODRIGO - Nem pense nisso...

A ansiedade pega o maço e sai correndo. Rodrigo a persegue, retornando com o maço na mão, a ansiedade logo atrás massageando a própria cabeça.

ANSIEDADE - Não precisava de violência.

Rodrigo encara a ansiedade, ela sai correndo de cena. Ele se vira e encara a depressão, que pega seu gorro e a caneca de café de Rodrigo.

DEPRESSÃO - Pode deixar que eu levo.

Depressão sai de cena. Rodrigo vai até o computador e senta.

- **A ESPOSA DE MIL E UM MILAGRES** -

LUARA - Amor? Tá nesse computador ainda... Oi Rodrigo, você não me responde?

RODRIGO - Desculpa amor, estava distraído escrevendo.

LUARA - E como está indo a escrita? Conseguiu terminar alguns capítulos? Um rapaz da editora ligou no número de casa esses dias, perguntou de você, e bom, só gostaria de saber se ainda está tendo aqueles problemas para, bem, você sabe.

RODRIGO - Está tudo sob controle Luara. Obrigado.

Luara o observa por algum tempo.

RODRIGO - Mais alguma coisa Lu? (*Gira na cadeira, encarando a esposa.*)

LUARA - Tá fumando demais não acha? Antes eram dois cigarros no máximo, hoje já desceu para buscar o terceiro maço. Sabe que criaram um novo treinamento na *Borges*, uma programação mental voltada para quem fuma. (*Luara para de falar mas continua gesticulando. Rodrigo levanta e vai em direção ao público.*)

RODRIGO - Eu tentei de tudo! Fazer meditação antes da escrita, cura com Reiki, artes marciais para despertar o guerreiro que existe dentro de mim, e até teatro, para poder interpretar um escritor de sucesso e incorporar a “genialidade dele”.

Tudo começou com algumas dicas da internet, uma atividade ou outra que poderia ajudar, e de repente, toda semana a Luara trazia um plano novo da Borges.

Luara ainda encarando a cadeira onde Rodrigo estava sentado.

LUARA - E eu tenho certeza que a reprogramação alfa do seu DNA vai te tornar um verdadeiro sucesso, você vai escrever seus livros como nunca havia escrito antes! A *Borges* é uma das melhores empresas no ramo da mentoria...

RODRIGO - Uma das melhores no ramo, por isso já mudou o CNPJ três vezes e o nome da empresa duas.

LUARA - Eles não esperavam que sua prisão energética funcional fosse tão poderosa, mas eles vão encontrar a resposta...

RODRIGO - Ou levar a gente à falência com os gastos dessas “mentorias”.

Rodrigo volta à sua cadeira.

LUARA - Assim que eles liberarem o treinamento eu te aviso! (*Luara sai de cena.*)

RODRIGO - Sim, sim. O cigarro acabou de novo? (*Ele sai de cena com o maço.*)

- CONVERSA COM A EDITORA -

Entra em cena Rodrigo distraído no telefone.

RODRIGO - Sim Camila, eu estou trabalhando bastante nesse capítulo. Eu quero que ele tenha bastante profundidade, entende? (...)

RODRIGO - Eu sei disso, você comentou comigo que já era a terceira extensão do prazo, mas você achou o último capítulo interessante, estou investindo nisso. (...)

RODRIGO - Sim, eu terminei o livro do Netinho Pietro em dois meses, mas era uma autobiografia de youtuber, metade daquilo era só ele repetindo como era difícil não saber se teria mais views no mês seguinte, teve um capítulo inteiro pra falar da vez que caiu a luz no bairro dele no meio de uma live, isso é conteúdo? (...)

Luara entra em cena, e escuta a conversa de Rodrigo.

RODRIGO - Dá dinheiro eu sei, mas já vai ser o quarto livro de youtuber que você empurra pra mim, não tem nenhum romance precisando de um escritor anônimo?

LUARA - Ai Rodrigo, trabalho é trabalho, é bom pra você se sentir mais confiante, quem sabe não ajuda a te inspirar?

Rodrigo gesticula para Luara esperar.

LUARA - Pergunta se eles pensaram na minha proposta de você escrever pro Doutor Alcides Pavão, ele é um dos maiores sucessos em mentoria na Borges.

RODRIGO - Calma Lu, já falo com você.

RODRIGO - Que tal o seguinte? Tenta adiar meu prazo então, em troca eu escrevo pro tal Kadu Plays. (...)

RODRIGO - Certo, termino até o final do mês o terceiro capítulo, pode deixar! (...)

RODRIGO - Valeu Cah, me salvou! Tchau.

LUARA - É isso aí, quanto mais você escrever, melhor!

RODRIGO - Eu aceitei pelo dinheiro Luara.

LUARA - Isso é importante também, você sempre se orgulhou de ganhar seu próprio dinheiro como escritor.

RODRIGO - Sim. Só é difícil escrever sempre pros outros.

LUARA - A gente só tem que continuar focando nas mentorias, logo logo você vai estar curado dessas suas travas.

RODRIGO - Claro.

LUARA - Eu vou pra academia, não quer aproveitar e ir junto? Colocar o sangue para circular, te deixar com a energia lá em cima?

RODRIGO - Não vai dar Lu. Tenho que focar aqui, fica pra próxima.

LUARA - Eu já ouvi isso antes (*risos*). Vai ficar me devendo mais uma vez então.

RODRIGO - Na próxima, eu prometo.

LUARA - Então tá amor, preciso ir. Vê se come alguma coisa?

RODRIGO - Pode deixar.

- EU JÁ FUI UM SONHADOR -

Entram em cena a Ansiedade e a Depressão, que imitam as ações de Rodrigo em frente ao computador. Rodrigo observa a cena. Depois de algum tempo vai até o centro do palco, falando com a platéia.

RODRIGO - Você sente? Sente que tá parado e sua hora passando? Eu cansei de toda essa merda! E já que não consigo escrever a merda do livro, vou escrever sobre a merda da minha história!

Ansiedade se afasta da cena e Depressão fica observando Rodrigo.

RODRIGO - Senta aí e começa a escrever o que eu disser!

Ela vai correndo até o computador.

RODRIGO - O negócio é o seguinte, quando eu tinha lá uns 14 anos, eu resolvi que ia escrever um livro. Eu e meus amigos nunca fomos muito fãs de esportes, e então gastamos a maior parte dessa época jogando “RPG”. Se você não

conhece, RPG significa “role playing game”, que se traduziria mais ou menos como “jogo de interpretação de papéis”, onde você cria um personagem e interage com mundos fantásticos. Nas minhas sessões de rpg, eu descobri material, que era detalhadamente usurpado da mente criativa de meus amigos, pra minha mente pseudo criativa de escritor amador. Quando percebi tinha 17 anos e um livro, mesmo que ninguém soubesse de sua existência. Na época, a Luara e eu já namorávamos, e ela viu algumas páginas do livro e disse que queria ler, eu acabei deixando ela levar e sem nem perguntar enviou a um editor. No começo eu fiquei irritado, sabe? Aquelas eram as aventuras que eu e meus amigos vivemos, e eu confiei nela, aquilo era algo pessoal, mas quando os elogios começaram, eu acabei aceitando. Meus amigos não gostaram nada, e deixamos de nos falar.

Entra em cena a Ansiedade utilizando por cima de sua roupa, terno, camisa, calça social, sapato social e uma gravata dourada brilhante. Ela aperta a mão de Rodrigo.

RODRIGO - Me publicaram e eu ainda não tenho opinião formada sobre a sensação. Era como se sentir completo, até virar monótono e eu resolver mostrar o restante do livro. Eu tinha vergonha de mostrar as coisas que escrevia, o que meus amigos pensariam de eu vender aquilo, medo da Luara achar que eu só a estava usando pelos contatos do pai dela... mas não importava mais, era um

escritor profissional! E o meu livro escrito na adolescência rendeu uma trilogia, e eu ganhei uma quantia considerável de dinheiro com isso.

A Ansiedade joga dinheiro falso pelo palco.

RODRIGO - E então gastei MUITO dinheiro.

Ela volta rindo e varrendo o dinheiro pra fora do palco.

RODRIGO - Eu acabei gastando mais do que podia. E passava a maior parte do meu tempo escrevendo o que eu pudesse, para qualquer jornal, revista, blog e até mesmo YouTuber querendo fazer autobiografia, qualquer um que estivesse disposto a me pagar, até eu não ter mais vontade de escrever nada. Tentei publicar dois romances policiais com um toque de terror, e a editora não aceitou. Era sem sal, fraco, faltava alguma coisa que a minha primeira trilogia tinha de sabor, acabei desistindo. Usando o enredo de ambos, comecei um livro novo, esse que não sai do lugar. A verdade é que não publico nada autoral a tempo demais. Quando dei por mim estava casado, cheio de dívidas e dúvidas. Gosto de chamar esse momento de “semana passada”, porque foi semana passada mesmo, mas eu acho que já falei demais né? E eu nem sei o que vou fazer com essa merda de texto!

A Depressão dá com os ombros pro público e sai também.

- **SESSÕES E A SENSAÇÃO** -

RODRIGO - Depois de mais alguns meses, eu resolvi fazer a única coisa em que Luara concordava comigo como sendo desnecessário, comecei a frequentar um consultório de psicologia. No começo eu me senti em mais um plano brilhante da *Borges*, mas às vezes a doutora falava coisas que faziam sentido, sabe?

Ele se levanta e vai até a frente. Entram depressão e ansiedade trazendo um divã, elas posicionam o sofá atrás dele. Entra a Doutora.

DOUTORA - Bom dia. Rodrigo não é mesmo? É um prazer.

RODRIGO - Isso, isso mesmo. Igualmente doutora. É eu não sei, eu tenho que te entregar alguma coisa? Eu resolvi de última hora isso, não sei como funciona...

DOUTORA - Que tal começar me contando um pouco sobre você? O que tem acontecido na sua vida ultimamente?

RODRIGO - Na minha vida? Não sei dizer doutora. Eu tenho tido dificuldade pra escrever, sabe? E dizem que isso daqui ajuda, então.

DOUTORA - Alguma outra coisa?

RODRIGO - Olha, honestamente, isso daqui é entre nós, certo?

DOUTORA - Tudo o que você disser aqui fica entre nós.

RODRIGO - A minha esposa, a Luara. Eu não sei, parece que a gente não se entende mais.

DOUTORA - Mas por que você diz isso?

RODRIGO - Ela quer me ajudar com uns treinamentos ou aconselhamentos com uma agência de Coaching chamada *Borges*, e ela tá sempre com um novo plano, uma nova ideia, uma forma de fazer milagre.

DOUTORA - Isso te incomoda?

RODRIGO - Sim!

DOUTORA - Isso parece ser algo recorrente, você já conversou com ela sobre?

Rodrigo paralisa por um segundo, a cena para, ele se vira para a plateia. Depressão e Ansiedade se sentam no chão ao lado de Rodrigo.

RODRIGO - Acho que essa foi a primeira vez que eu falei isso em voz alta. Digo, eu sempre critiquei os planos da Luara, ou dei a entender que não gostava. Na verdade eu já posso ter sugerido uma vez que não funcionava... eu, não me lembro a última vez que conversamos. A gente não conversa mais cara. *(Rodrigo olha para a Psicóloga)* Quase 10 anos de casados e depois de 10 minutos falando com você eu percebo isso? *(Olha para a plateia novamente)* Não foram 10 anos assim, ok? A gente costumava se entender, principalmente no final do ensino médio. Ela começou a faculdade e eu também, os direitos do livro deram

uma boa força nesse meio tempo, e não precisávamos nos preocupar com dinheiro, principalmente porque se faltasse, os pais da Luara estavam prontos para nos salvar. Quer dizer, salvar a filha. Mas aí o tempo foi passando e a gente conversava menos, e as contas surgiam mais e mais, e eu não queria mais a ajuda dos pais dela, a Luara concordou, queria que “a gente” tivesse outro sucesso, pra ajudar com a renda que estava complicada. E a algum tempo é isso que resume nosso relacionamento. Eu nem sei mais os planos dela? Eu falei que ela é dentista por acaso? Ela honestamente deve ganhar o dobro ou o triplo do que eu ganho, mas com cada plano novo, o que entra encurta pela metade, será que ela percebe isso?

DOUTORA - Posso deixar reservado o horário para próxima quinta-feira?

RODRIGO - Certo. Até quinta doutora.

DOUTORA - Até.

Rodrigo levanta e fala para a plateia.

RODRIGO - Aquela uma hora passou como se fossem minutos pra mim. Eu sentia como se tivesse acumulado mais coisas no fundo da minha garganta do que horas em frente da tela. Em algum momento eu parei de falar com os outros, com meus pais, com a Luara, e só conversava com essas duas (*aponta para Ansiedade e Depressão*) e comigo mesmo de alguma forma insana ou pouco convencional. Falei como se estivesse abrindo uma represa, eu sabia, mas dizer

para alguém? Aquela estranha se tornou um momento de escape para as minhas incertezas, e ela não resolvia nada! Não tinha solução ou plano, só queria saber, e eu contei. (*Ele senta*)

DOUTORA - Em que momento você e seus pais deixaram de se falar?

RODRIGO - Depois que eu decidi largar meu emprego na marcenaria e ser escritor em período integral. Meu pai disse que não teria desempregado debaixo do teto dele, e então eu concordei. Passaram alguns dias, que viraram meses, e falei cada vez menos com minha mãe, acho que as últimas palavras que troquei com meu pai foi a despedida quando fui buscar minhas coisas.

DOUTORA - Como você se sente em relação a esse tempo?

RODRIGO - A relação com meus pais sempre foi complicada.

DOUTORA - Poderia me contar um pouco mais sobre?

Rodrigo se levanta novamente. A doutora sai de cena, Ansiedade e Depressão também, levando o divã.

RODRIGO - Como eu disse no começo, hoje sou só o rapaz confuso que deveria ter descoberto mais cedo que escrever não é profissão, pelo menos segundo meu pai.

Entra em cena o PAI interrompendo Rodrigo.

ESTEVÃO - Pode deixar, que essa história eu conto. Meu nome é Estevão Tavares da Silva, tenho aproximadamente 60 anos e um filho com a cabeça nas nuvens. Desde cedo tive que trabalhar usando meus braços, como um homem faz. Carreguei peso de domingo a domingo, com honestidade e responsabilidade pra levar dinheiro pra casa. O menino ingrato ali, que vive batendo os dedos naquela maquininha infernal dele, nunca soube o que é esforço. Ele recebeu comida e um teto, estudo, poderia ter virado um engenheiro, advogado, médico, ou até mesmo ter o orgulho de trabalhar como o pai dele, construir algo com os braços, mas não.

ESTEVÃO - Desde pequeno o Rodrigo sempre foi um tanto avoado, desatento com as coisas mesmo, parecia mais estar entre as nuvens do que entre os meros mortais à sua volta. Como esse garoto lia, a mãe era cheia de orgulho, mas pra mim, era só besteira! O que adianta gastar todo esse tempo com livro de historinha? De coisa de deus e de herói e uns bicho orelhudo, eu sabia que aquilo não era coisa boa! Avisei a Teresa! E o que aconteceu? Tá aí ó, o resultado, se lamentando sem saber o que fazer. Eu sabia que esse dia iria chegar Rodrigo, e agora, com que cara você vai me encarar, depois de tantos anos sem me dizer uma única palavra? Pois eu te digo que sabia, que sabia que daria errado, que você só ia passar vergonha, e acabar desse jeito, é isso o que eu tenho pra te dizer.

A MÃE entra em cena.

TERESA - Mas essa conversa nunca aconteceu, não é meu filho?

RODRIGO - Não.

TERESA - Você podia ligar pra gente.

RODRIGO - Eu já passo tempo demais imaginando.

TERESA - E que tal TER essa conversa Rodrigo. Você é ótimo pra imaginar menino, mas pra resolver as coisas nem tanto. Esse discurso todo do seu pai, de como “ele sabia que você iria falhar”, ele não diria isso. Seu pai nunca foi de falar muito Rodrigo, você sabe, quem gostava de discursar sem parar era você menino. Falava que era uma beleza! (*Rindo, se aproxima de Estevão.*)

TERESA - Você acha mesmo que ele nunca se orgulhou de você?

RODRIGO - Eu não sei.

TERESA - Acho que sabe sim.

RODRIGO - Obrigado. Não estou acostumado a receber ajuda, tenho a sensação que minha mente gasta todo seu tempo decidida a me atrapalhar.

TERESA - Digamos, que eu sou como o grilo que aconselhava o bonequinho de madeira. Você sempre ouviu sua mãe, ela era como uma voz da consciência para você, então.

RODRIGO - Pelo menos você não apareceu como um grilo falante...

TERESA - Posso resolver isso se for ajudar.

RODRIGO - Não! Assim está ótimo. Fazia tempo que eu não pensava neles mesmo. Que saudade de te olhar, “mãe”. *(Ele vai em direção a mulher, e a abraça. Ela sorri para Rodrigo, vai até o pai e o levanta para saírem de cena.)*

TERESA - Vamos, o menino precisa trabalhar.

- **EU ESTIVE ESCRREVENDO?** -

COMPUTADOR - Vamos escrever mais hoje?

RODRIGO - Você não foi programado para fazer comédia, e eu não sei mais o que fazer pra terminar o terceiro capítulo.

COMPUTADOR - Mas não é desse...

RODRIGO - Eu vou pagar uma multa ou algo do tipo e eles provavelmente vão enterrar a minha carreira e eu vou passar o resto dos meus dias apenas trabalhando com mensagens motivacionais em campanhas de publicidade ou subcelebridades querendo escrever a breve história de vida delas.

COMPUTADOR - Eu tô falando do outro, aqui ó. Esse que você começou a escrever esses últimos tempos.

RODRIGO - Mas o que? ... Ah, aquelas divagações? Isso não é conteúdo, fico apenas reclamando de tudo pra pelo menos fingir que ainda consigo escrever.

COMPUTADOR - É só que você reclama tanto de não conseguir escrever, aí já tem mais páginas do que seu livro oficial.

RODRIGO - Ninguém vai se interessar em ouvir sobre um escritor aleatório que se sente perdido, até porque vai ficar parecendo auto ajuda, e disso quero é distância.

COMPUTADOR - Você é bem teimoso pra quem não parece ter outras opções!

RODRIGO - E você é uma torradeira metida a besta.

COMPUTADOR - Apagar anotações? Entendido.

RODRIGO - Não! Espera! Talvez, eu dê uma olhada mais tarde.

COMPUTADOR - Hmmmm, entendi. Tem certeza? Posso apagar permanentemente com dois cliques.

RODRIGO - Eu vou dar uma olhada sim tá bom? Quem sabe, não tenha nada de útil pra me ajudar com o terceiro capítulo do livro.

COMPUTADOR - ...

RODRIGO - Só me deixa ler em paz. Vamos ver o que eu estive escrevendo.

- DESAFETOS TROCADOS -

RODRIGO - Hoje o dia não começou bem. A uns tempos atrás eu fiquei devendo sair com a Luara pra jantar, ir na academia, fazer compras juntos, enfim, eu pisei na bola ao não estar presente, e como não estamos bem, é pior ainda. Ela decidiu que pra compensar, eu iria acompanhar ela numa visita ao ninho dos ratos, digo a “grandiosa Central Borges de Atendimento”, onde a Lu havia agendado uma conversa com o suposto doutor Alcides Pavão, um coach quântico que segundo consta em sua página profissional, já foi cogitado como próximo Dalai Lama. Sim, você ouviu direito, ele escreveu isso. Mas eu honestamente, cansei. Dos planos, dos pilantras, de tudo. Eu deixei ela marcar com o tal Pavão, para talvez poder impedir que ele enganasse mais alguém por algumas horas, um ato de rebelião contra a Borges e contra a constante tentativa de Luara em me consertar com seus métodos alternativos.

LUARA - O que aconteceu, Rô? Eu te expliquei como essa reunião era exclusiva, o tempo do Doutor Alcides Pavão é precioso e você simplesmente não apareceu?

RODRIGO - Acontece que eu cansei dos planos e métodos Lu, acho que está na hora de termos essa conversa.

LUARA - Ele é um especialista na área.

RODRIGO - Eu também acho isso Luara, um especialista em golpes.

LUARA - Você nunca viu os testemunhos, as pessoas que tiveram suas vidas modificadas por ele!

RODRIGO - Pelos 100 contos que ele deve pagar, qualquer um diria que o mestre dos magos mudou a vida deles.

LUARA - Você nunca viu, quis saber, o tanto que eu... eles queriam te ajudar!

RODRIGO - Não Luara, não queriam! Eles queriam o seu dinheiro, e te venderam uma receita especial para resolver qualquer problema, mas dando um jeito de fazer você voltar! Por isso eu decidi que isso precisa parar, e você não quer enxergar.

LUARA - Você nunca aceitou, nunca quis. Não tem interesse em... em nada! E eu, só queria dar um jeito nas coisas. Por nós... Por você Rodrigo.

RODRIGO - Desculpa, mas eram só gastos fúteis, você não percebeu isso?

LUARA - Você vai naquele consultóriozinho de terapia e eu não te julgo por isso.

RODRIGO - Não é a mesma coisa.

LUARA - Essa é a sua opinião Rodrigo! E é sempre assim, sua opinião, sua vontade, seu humor, ou a falta no que me diz respeito. Eu tentei te apoiar, te empurrar pra frente, e você não queria saber. Seus dias se resumem a bater os

dedos nas teclas do computador, resmungar sobre isso e fumar. Você nunca mais quis sair, ou se exercitar, ter uma vida a dois. Nós éramos um casal, e de repente viramos duas pessoas que dividem a cama, e só. Me preocupo contigo, quero participar de seus planos, estar com você, mas não tem espaço, é só você e a página, a fumaça, e sentir pena de si mesmo!

RODRIGO - Eu sei disso Luara! Mas a vida nem sempre é do jeito que a gente quer, e eu to tentando! As coisas pioraram e eu não sabia mais o que fazer!

LUARA - Poderia ter me procurado! Eu tô aqui caramba!

RODRIGO - Você queria um milagre, e não uma resposta. Tinha que ser rápido, efetivo e em 5 vezes no crédito Luara. Eu me cansei disso!

LUARA - Como eu poderia saber? Você mal troca duas frases comigo.

RODRIGO - Eu me cansei! De todo o esgoto que subiu pelos cantos do meu futuro, e era só o que eu enxergava, não tinha resposta, era só merda atrás de merda, e os planos infalíveis eram apenas a cereja mofada no topo!

LUARA - Chega, não dá pra ouvir mais nada do que você fala Rodrigo. Passei tanto tempo querendo me comunicar com você , e agora só queria que você voltasse a resmungar com o computador.

RODRIGO - Lu, você sabe que as coisas estavam assim.

LUARA - Não Rodrigo, você tem razão. É só um monte de merda mesmo, e eu não quis aceitar, eu preciso de um tempo sozinha, depois a gente se fala, tchau Rodrigo.

- **ESPAÇO VAZIO** -

DOUTORA - Alô Rodrigo, o que aconteceu? Não pude te responder antes, tive uma reunião, mas diga, o que aconteceu?

RODRIGO - Eu tentei resolver as coisas, e no fim magoei a Luara. Queria que ela entendesse, mas parece que só piorei tudo.

DOUTORA - Você pensou em defender ela, mas esqueceu de que ela também é um indivíduo, com as próprias vontades, você pode não concordar com elas, mas da mesma maneira que as constantes tentativas dela em te modificar, de te ajudar a maneira dela, te incomodavam, o contrário também é verdadeiro. Ela parecia querer espaço na sua vida, e tentou encontrar uma maneira para ter isso.

RODRIGO - Eu sei, mas...

DOUTORA - Respira, nenhuma mudança ou conflito é fácil, nunca será. Eu tenho um horário vago essa semana antes de quinta, quer dar uma passada aqui?

RODRIGO - Pode ser Doutora.

DOUTORA - Terça, as duas, posso deixar agendado?

RODRIGO - Pode sim, obrigado.

DOUTORA - Disponha, e tente não se enrolar muito nisso por enquanto Rodrigo.

A doutora sai de cena.

RODRIGO - E agora o que eu faço, se o que eu sei fazer de melhor é me enrolar em algum problema dentro da minha cabeça.

Entram ansiedade e depressão.

ANSIEDADE - Nisso você é bom mesmo, merecia ser medalhista de ouro.

DEPRESSÃO - Você pisa mesmo na bola, quer tirar um cochilo pra ver se melhora?

RODRIGO - O que vocês querem?

ANSIEDADE - Nada ué, só estávamos de passagem, e por acaso resolvemos saber do queridíssimo Rodrigo, que parece estar precisando de uma força, não é Deprê?

DEPRESSÃO - Isso, isso.

RODRIGO - Agradeço a gentileza, mas dispenso, vou tentar ocupar minha cabeça um pouco, fique à vontade para encontrar outro que precise de ajuda.

ANSIEDADE - Eita mas é grosso mesmo viu. Por isso a Luara ficou daquele jeito.

DEPRESSÃO - Ela parecia tão tristonha poxa, devia estar bem magoada. Será que ela quer tirar um cochilo pra ver se melhora, vocês se aconchegam, passam o dia todinho na cama, e amanhã se não tiver resolvido é só repetir.

RODRIGO - Os meus problemas com a Luara não são da conta de vocês.

ANSIEDADE - Errado! Todos os seus problemas são da nossa conta, alguns de autoria, estamos aqui por você, afinal de contas.

DEPRESSÃO - Exatamente.

RODRIGO - Mas eu não preciso disso, na verdade, já faz um bom tempo que vocês já não me incomodam tanto quanto antes.

ANSIEDADE - Impossível! Não adianta se fingir de tranquilo.

DEPRESSÃO - Deve estar tão cansado.

RODRIGO - Eu não estou tranquilo, minha cabeça está a mil, eu estou preocupado com a Luara, e em ter magoado ela, tem muita coisa passando pela minha cabeça. Mas isso não me impede de lidar com vocês, não mais. Se me derem licença, eu tenho umas coisas para resolver.

ANSIEDADE - Mas olha! Vai ter volta!

DEPRESSÃO - Ei, me espera.

- **UM LIVRO A CAMINHO** -

RODRIGO - Alô? Oi Camila. Tenho novidades. (...)

RODRIGO - Não, não é o terceiro capítulo, mas eu estive escrevendo. (...)

RODRIGO - Calma, eu já explico. Esses tempos eu tenho passado por algumas situações que bagunçaram bastante minha rotina, e em meio a muitas divagações, eu acabei escrevendo, bastante coisa inclusive, é sobre a minha vida, e eu diria que enfeitada de personagens da minha mente, coisas com que tive que lidar, e até meu computador. (...)

RODRIGO - Poxa Cah, nessa altura do campeonato eu achei que já éramos amigos (*risos*). E sim, eu estou te dizendo que não terminei o que precisava entregar, e que tenho um livro totalmente diferente em mãos, e gostaria que você desse uma olhada. (...)

RODRIGO - É muito sério. Eu sei que não tenho sido de confiança, e se você achar que não dá, eu ainda vou te entregar aquele bendito terceiro capítulo, pois como você é incrível no que faz, sei que conseguiu o prazo para mim. Estou errado? (...)

RODRIGO - Eficiente como sempre. E em relação ao outro material? Posso levar a outras editoras, mas prefiro trabalhar com vocês, você sabe disso. (...)

RODRIGO - Combinado então, te mando para uma olhada junto com o terceiro capítulo finalizado. (...)

RODRIGO - Eu também espero que seja bom Cah. A gente se fala, tchau tchau.

- ADEUS PARA AS DUAS -

ANSIEDADE - Esse livro novo, não sei não hein. Eu tô achando que vai dar errado.

DEPRESSÃO - Vai dar é muito trabalho, isso sim.

RODRIGO - Eu também não sei, infelizmente ou felizmente, a gente não pode saber das coisas antes que elas aconteçam, acho que esse é o charme da vida. É as coisas dão trabalho, o que eu posso fazer é dar um passo de cada vez.

ANSIEDADE - Queria saber que charme é esse em tudo dar errado a cada esquina!

RODRIGO - Na esquina eu não sei, mas aqui nem tudo está dando errado, eu acerto e eu erro, vou fazer o que?

ANSIEDADE - Ficar desesperado! E se você só errar daqui pra frente, e tudo na sua vida desmoronar num piscar de olhos?!

RODRIGO - Eu vou ter que dar um jeito, lidar com isso. E não preciso de vocês duas para me dizerem que essas coisas podem acontecer, ou sobre o cansaço do dia a dia, é comigo que acontece, sei muito bem.

ANSIEDADE - Você está nos dispensando? como você vai viver sem a gente? Quem vai te acordar de madrugada para lembrar de todos os momentos constrangedores que passou na vida. Ou te lembrar que a cada dia que passa você apodrece lentamente, por que você não está desesperado?!

RODRIGO - Porque eu percebi que tá tudo na minha cabeça, e nesse momento eu estou lidando muito bem com isso. Continuo com medo de muitas coisas, mas nem elas, nem você me fazem de refém. E eu tenho a sensação que vocês vão aparecer para me visitar de vez em quando, não é mesmo suas pestinhas?

DEPRESSÃO - Quem vai dormir de conchinha contigo o dia todo e te deixar cansado demais pra levantar no outro dia? Eu é que te ajudo a descansar tão bem!

ANSIEDADE - Você vai ver, uma bobeadinha sua e eu tô de volta pra grudar igual chulé. Tchau seu ingrato!

RODRIGO - (*risos*) Tchau laranjinha.

DEPRESSÃO - Tchauzinho.

RODRIGO - Tchauzinho pra você também.

Depressão se aproxima de Rodrigo e o abraça, Ansiedade volta e a puxa para sair.

- QUESTÃO DE DIÁLOGO -

RODRIGO - Não dá, eu não consigo.

DOUTORA - Tudo bem, já foi importante ter dado o passo de falar sobre. Desde nossa primeira sessão, você percebe cada vez mais o que te afligiu por tanto tempo.

RODRIGO - Mas eu demorei demais, pra perceber meus problemas com a Luara, minha desmotivação com a escrita, o excesso de trabalho alheio, e...

DOUTORA - Em relação a eles ainda existe tempo Rodrigo. Todas as demais questões podem ser remediadas, mas essa que você está pensando, é um problema que existe dentro de você por muitos anos, e por mais que tenha medo, só vai compreender, se fizer a ligação.

RODRIGO - Me dá mais tempo.

DOUTORA - Não é uma obrigação, você não me deve nada além dos honorários. Não é um livro atrasado Rodrigo, são seus pais.

RODRIGO - Exato. É pior ainda.

DOUTORA - Tudo a seu tempo, são passos importantes que você tem dado, acredite nisso. Mas me conte, como foi a conversa com a Luara?

RODRIGO - Não muito boa.

DOUTORA - Ela ainda não aceita sua opinião em relação as mentorias?

RODRIGO - Não, aparentemente é tudo culpa minha, segundo ela eu não soube compreender a visão de mundo e alguma coisa sobre ter uma mente decodificada.

DOUTORA - Eu entendo sua frustração, mas não acha que deveria escutar?

RODRIGO - Ela defender aquela empresa de vampiros? Até tu brutus.

DOUTORA - Não me entenda mal, não estou dizendo em relação às supostas mentorias, estou falando em ouvir a Luara quando ela diz algo para você, responder pensando nas palavras dela, e não no que você supôs.

RODRIGO - Mas ela não entende! Não percebe a loucura na qual constantemente se mete, ainda me carrega junto, como se eu acreditasse?

DOUTORA - Então você entende que ela está tentando te ajudar? Compreendo que discorde do método, mas a maneira como fala, ela está desesperadamente tentando realizar o impossível. Ela quer essa suposta cura milagrosa por você Rodrigo, por acreditar em você e no seu sonho.

RODRIGO - Bem... Eu, sei. Mas...

DOUTORA - Tente pensar nela, perceber os motivos dela, e buscar um diálogo em relação a maneira como ela tem tentado te ajudar todos esses anos.

RODRIGO - Foi muito dinheiro.

DOUTORA - Novamente, ela sacrificou muito tentando te ajudar. Mas você estava cansado demais para se opor, e de certa forma pode ter sacrificado esse diálogo ao invés de tentar enfrentar o problema, se omitir é uma forma de concordar com algo.

RODRIGO - Eu, sei disso. Já sabia, mas a Lu sempre esteve lá por mim, independente dos planos, ou de como ela insistia neles. Ela acreditava naquilo, no MEU sonho, é difícil se opor a alguém que falha de maneira tão resiliente em te ajudar, que se esforça por aquilo. Era mais fácil murmurar para as paredes do que encarar a Luara, e eu amo isso nela, essa força que eu não tenho.

DOUTORA - Você admira ela?

RODRIGO - Muito.

DOUTORA - Acredita na capacidade dela?

RODRIGO - Sim! Ela é ótima no que faz, e apesar dos Borges, é uma mulher inteligente, mas...

DOUTORA - A força de alguém não impede que ela se agarre em alguma esperança que apareça no meio do caminho, ainda mais se ela aparentar estar a um passo da conquista.

RODRIGO - Acho que tornei a Luara em uma esposa de uma dimensão, tudo era bobo, ou perda de tempo, enquanto ela tinha toda a força do mundo para aguentar meu mau humor e falta de resultados, eu preciso conversar com ela.

DOUTORA - Ótimo. Só lembre-se de não se agarrar a culpa, a honestidade pode ser o melhor caminho para vocês se entenderem nesse momento.

RODRIGO - Obrigado doutora.

DOUTORA - Disponha.

- ALGUNS ANOS DE ATRASO -

Rodrigo no centro do palco, respira fundo e liga para alguém.

RODRIGO - Alô (...) Sim, sou eu.

TERESA - Rodrigo meu filho, quanto tempo!

RODRIGO - Eu sei mãe, tenho tido muito trabalho, sabe, e bem, os dias foram passando, e toda vez a gente se falava no meu aniversário...

TERESA - O que foi Rodrigo, aconteceu alguma coisa filho?

RODRIGO - Aconteceu muita coisa mãe, de tudo, e eu nem percebi. Fui deixando o tempo passar e só aceitando os problemas e sentindo pena de mim mesmo.

TERESA - Como assim Rodrigo? Que coisas são essas que aconteceram, desembucha menino, tá me assustando já! A Luara tá bem? Você tá bem? Tão precisando de alguma coisa?

RODRIGO - Não mãe, obrigado. Acho que é só uma ligação com alguns anos de atraso. Eu queria saber de vocês.

TERESA - Ai menino, vai me matar do coração desse jeito (*risos*). Mas a gente sabe que você é um homem ocupado. Eu tô bem, a vida de aposentado nunca fica fácil, mas a aposentadoria por acidente de trabalho do seu pai tem ajudado. Apesar de que esses tempos, todo mês eles atrasam na hora de depositar o bendito do dinheiro, mas olha, é uma enrolação que só! Acredita que chegaram a atrasar 3 meses? Estevão ficou uma pilha de nervos, mas por algum motivo, tinham desconsiderado a “invalidez” dele, o homem perdeu metade dos dedos numa prensa industrial, eles acham que o que, depois de uns anos os dedos cresce de volta? A gente não é lagarto de sangue frio igual eles não. O bairro todinho quis ajudar a gente, Dona Cida ofereceu uma cesta básica enorme, e é o que eu sempre falo pro Estevão, gentileza gera gentileza. A gente ajuda eles sempre que precisa, e quando aperta pro nosso lado por causa da bagunça desse INSS, os vizinhos estavam lá pra ajudar. Falando nisso, sabe quem

sempre pergunta de você, o Otávio, lembra o barrigudinho da sua turma, nunca entendi vocês pararem de se falar, tá um homem enorme, veio contar que vai nascer a segunda filha, ainda quer um menino, vai encher o bairro de criança (*risos*)... Rodrigo, tá aí meu filho, fala alguma coisa?

RODRIGO - Tô aqui mãe. Só é bom ouvir sua voz.

TERESA - Menino, tá me deixando preocupada, tá tudo bem mesmo?

RODRIGO - Eu diria que as coisas estão melhorando, possivelmente, sabe? Mas não precisa se preocupar com isso. Se demorar para depositarem o dinheiro me avisa, me manda uma lista do que precisar mãe, eu fico feliz que o pessoal tenha ajudado, mas você pode pedir pra mim, tá bom?

TERESA - Tá bom meu filho, pode deixar.

RODRIGO - Bateu até uma saudade. Dona Cida, Otavinho, já tem duas filhas, nossa, como o tempo passa.

TERESA - Passa sim, num piscar de olhos meu filho, aproveita enquanto pode viu? Sei que o trabalho é importante, mas esses encontros são aquilo que faz a nossa vida valer. Seja com as pessoas ou só com o mundo mesmo.

RODRIGO - E qual o nome das meninas do Otavinho?

TERESA - A primeira foi a Samanta e a segunda Melissa, uma toda tranquila, acabou de fazer 3 anos e quase não dá trabalho, só adora cantar, e a outra, pelo

jeito vai ser bem espoleta, já tá fazendo uma bagunça na barriga da mãe, quero só ver quando sair. Ele sempre fala de você Rodrigo, encasquetou que vai ter o menino e colocar o nome de Dante, que nem do seu segundo livro.

RODRIGO - Ele leu?

TERESA - Oxe menino, que pergunta besta é essa, todo mundo leu. Até dona Cida, que não entendeu nada, mas fez questão de ler. Afinal de contas você nasceu aqui no Limoeiro do Sul, esse bairro é sua casa, é um orgulho pra gente. E também, por mais que vocês nunca se falam, pro seu pai também viu?

RODRIGO - Mesmo?

TERESA - Ai Rodrigo, vocês dois! Tem alguém querendo falar com você aqui tá? Beijo meu filho, tô com saudades, vê se vem visitar a gente quando tiver tempo, todo mundo quer te ver.

RODRIGO - Beijos mãe, pode deixar. Te amo.

TERESA - O Rodrigo, também te amo meu filho. Muito! Beijos! Toma aqui ó, ele ainda tá na linha, pode falar.

Mudança de luzes, a mãe some e surge o pai.

ESTEVÃO - ... Alô.

RODRIGO - Oi, Pai.

ESTEVÃO - Tá bem?

RODRIGO - To sim pai... sobre a última vez que nos falamos.

ESTEVÃO - Passado menino, esquece isso. A vida não dá tempo pra se agarrar nessas coisas.

RODRIGO - Eu sei, mas...

ESTEVÃO - Mas nada, a gente cresce e tem que tomar as próprias decisões, foi assim comigo também. Pro bem ou pro mal, ninguém tem que decidir pela gente.

RODRIGO - Obrigado pai.

ESTEVÃO - Você se cuidando, é o bastante pra mim, isso que me importa. Mas não vou ficar tagarelado muito na sua orelha, só vê se aparece, sua mãe fica sempre com saudades.

RODRIGO - Pode deixar.

- CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE UM CASAMENTO -

LUARA - Oi, Rô.

RODRIGO - Oi. (*tempo*)

LUARA - Tem conseguido escrever?

RODRIGO - Isso não importa agora. Como estão as coisas?

LUARA - Estão bem, muito bem. Estou pensando em dar uma reformada no meu consultório, mudar algumas coisas. Vai ser puxado, mas eu dou um jeito.

RODRIGO - Sei que sim, se tem uma palavra que não parece existir no seu vocabulário é desistir.

LUARA - Em relação a isso Rodrigo. Bem, eu não sei, acho que esses tempos me fizeram enxergar muita coisa. Em relação a o que tenho feito da vida, e também, em relação a nós dois. Desculpa...

RODRIGO - Não, sou eu quem te deve desculpas. Você me apoia desde o começo, ficou do meu lado, dividimos as contas, e quando me perdi, segurou a barra por nós.

LUARA - Mas eu acabei forçando também, tentando te mudar, e isso atrapalhou.

RODRIGO - Talvez, mas você queria me ajudar, sabe? Sempre vai ter algo de reconfortante nisso, poderia ter sido de outra maneira, mas ainda assim (*risos*).

LUARA - Depois de um tempo eu comecei a pensar sobre, e acho que você tinha razão. Eu só, era absurdo eu percebo isso, mas parecia tão fácil, estava na palma da mão, a resposta sabe. Sem dor de cabeça ou dificuldades, era só continuar no plano que tudo se resolveria, e eu queria tanto resolver as coisas,

te ver escrevendo com um sorriso no rosto, ao invés de estressado e com um cigarro na boca.

RODRIGO - Em relação a isso tenho tentado parar, um cigarro por dia, só para não enlouquecer, entende? (*risos*).

LUARA - Que bom Rô, de verdade.

RODRIGO - Como estão seus pais?

LUARA - Mamãe sempre pergunta de você, meu pai disse que se a gente resolver as coisas, não vai bancar outro casamento (*risos*).

RODRIGO - É compreensível (*risos*), mas estão bem?

LUARA - Sim, estão.

RODRIGO - E você pensa nisso? Em resolver as coisas?

LUARA - Não sei. Acho que passamos tempo demais ocupados com resultados, e a relação, ficou em segundo plano, nos tornamos o segundo plano de nossos planos.

RODRIGO - Pois é, nem sabia mais como falar disso com você, mas fingir não resolvia, então independente do que a gente seja agora, foi necessário.

LUARA - Eu preciso me redescobrir. Quem eu sou além da esposa do escritor.

RODRIGO - Luara Guimarães, doutora em odontologia, amante do fitness e de vinhos com queijo, uma mulher que gosta de ler romances complexos enquanto passa algum filme do Andy Sandler na televisão, e em quinto ou sexto plano, uma esposa que sempre tentou ajudar seu marido escritor.

LUARA - Não é hora pra você ficar falando desse jeito.

RODRIGO - Desculpa, acho que quando conseguimos olhar os problemas de fora, algumas coisas que eram tão óbvias, resolvem dar um tapa na nossa cara.

LUARA - A gente é bem diferente. não é? Sempre achei que os opostos se atraem.

RODRIGO - Os opostos eu não sei, mas você sempre me atraiu. O sorriso de quem não tem tempo a perder, mas adora passar fins de semana na frente da televisão, o mundo é seu, você pode fazer uma pausa sem culpa, e acordar sorrindo e pronta para continuar. Você é uma guerreira Luara, fui conquistado por isso.

LUARA - Para Rodrigo, seu besta.

RODRIGO - E sempre teremos vinho e comédias como um ponto em comum.

LUARA - Não é somente sobre isso que se resume, né Rô. E quer saber do que mais, eu estava com raiva de você, não venha com suas frases pro meu lado não, estamos tomando uma decisão muito importante nesse momento.

RODRIGO - Desculpa, achei que gostava.

LUARA - O problema é esse garoto! (*risos*) Não adianta nada a gente falar todas essas coisas, se for pra você começar com esses papos pro meu lado não.

RODRIGO - Acho que esse tempo foi necessário pra eu perceber que, apesar de tudo, pra mim não foi algo que acabou, mas ficou esquecido, e era importante demais para isso, Numa gaveta qualquer não dá pra guardar essas coisas.

LUARA - E ainda tem o suficiente nessa tal gaveta Rodrigo? Preciso pensar.

RODRIGO - Olha, eu não estou te pedindo nada. Você quem está dizendo.

LUARA - Ah pronto, seu cachorro (*risos*). Não me faz dar risada.

RODRIGO - Eu não prometo nada.

LUARA - Não faz isso.

RODRIGO - É mais forte que eu.

LUARA - Eu preciso ir, tô atrasada pra uma paciente que não tem tempo para os meus problemas pessoais.

RODRIGO - Então fica me devendo um jantar?

LUARA - Não, pode parar seu besta.

RODRIGO - Eu vou cobrar hein.

LUARA - Rodrigo, eu preciso ir seu doido.

RODRIGO - Combinado então.

LUARA - *(risos)* tchau menino.

RODRIGO - Até mais Lu.

- **FIM, FINAL E FINALMENTE?** -

Rodrigo lê o prefácio de seu livro para um grupo de ouvintes, representados pela própria plateia. Ao canto da cena se encontram sua mãe, seu pai e a psicóloga, sentados em cadeiras como se parte dos ouvintes.

RODRIGO - Não tenho solução para os problemas variados que possam surgir com as situações da sua vida, pois apesar de semelhantes os átomos que nos formam, cada carcaça e cada mente é única. Os nós que restringem os teus pensamentos, não irão se soltar com as palavras de um escritor qualquer. Minha recomendação é a mesma que recebi quando já estava sem mais recursos, vá fazer terapia. *(Aplausos.)*

TERESA - Parabéns meu filho. E desculpa o povo todo aí, fizeram questão.

RODRIGO - Obrigado mãe, e imagina, quanto mais gente melhor pra essas coisas.

TERESA - Que bom então, porque daqui a pouco vai chegar mais o Otavinho com as crianças, vê se conversa com ele. Ah, eu e a dona Cida já queremos duas cópias, por favor. Quanto é filho?

RODRIGO - Imagina mãe, posso deixar alguns exemplares.

TERESA - Não, não. Nada de ficar dando seu trabalho de graça, faço questão de pagar. Se alguém aqui não puder eu empresto o meu.

ESTEVÃO - É... Muito bom, viu, pela conquista aí Rodrigo?

RODRIGO - Obrigado pai.

ESTEVÃO - Eu não gostei muito daquela parte do outro pai que era eu também, olha, eu nunca pensei uma coisa daquelas sabe? A gente se preocupa...

RODRIGO - Eu sei disso pai, só demorei muito para aceitar que problemas não precisam ser eternos, e enfim, obrigado por ter vindo.

ESTEVÃO - Eu e sua mãe vamos ali com o povo, vai lá dar um oi a hora que der.

RODRIGO - Eu já vou lá, pode deixar.

Os pais saem e a doutora se aproxima.

DOUTORA - Enfim nasceu, meus parabéns. Mas um tanto antipático, não acha?

RODRIGO - Talvez. Acho que de certa forma eu sinto culpa? De dizer essas coisas, e dizer que melhorei porém não tenho a solução para os outros.

DOUTORA - Você se sente culpado pela melhora? Você não descobriu nenhuma cura milagrosa Rodrigo, só conseguiu voltar a lidar com essas coisas, e honestamente, se ninguém poderia fazer isso por você, se não você mesmo, qual a sua responsabilidade nisso?

RODRIGO - Depois de quase 3 anos rastejando, eu apareço como novo, com um livro publicado e a história de recuperação que todo coach por aí tentou me vender. Os “Borges” da vida, estão todos a postos para se dizerem detentores de uma fórmula para combater o mal da escrita, fiz questão de dizer que me foram ineficazes, mas não sei se é o suficiente.

DOUTORA - Talvez não seja, o que mais poderia fazer?

RODRIGO - Eu não sei.

DOUTORA - Então talvez seja melhor voltar a pensar em você por enquanto, e espero te encontrar na quinta.

RODRIGO - Até quinta.

DOUTORA - Até.

A doutora sai de cena, Rodrigo olha para o livro, apagam as luzes. Fim.

Sobre o autor: Leonardo Marques, 25 anos. Morador de São Caetano do Sul, SP. Técnico em teatro pela Fundação das Artes e cursando dramaturgia e figurino pelo Pronatec-FIC. Um amante das artes, escritor amador, tentando se entender com música, dramaturgia e desenho. Procurando não por algo objetivo, mas sim um leve toque de todas as coisas.

Contato: Markhes22@gmail.com

DESVÃO, KASARTH

Lucas Profirio

PERSONAGENS

Alma, Yatima, Helena, Soldado I, Soldado II, Soldado III

CONSTITUIÇÃO ATMOSFÉRICA

República independente de Kasarth. Cenário de destruição, ruas devastadas, inúmeras construções em ruínas. Um carro velho, modelo Corolla, que não funciona, segue único numa rua de escombros. Sua lataria está completamente amassada e enferrujada, mas sua carcaça segue estruturada, com as portas no lugar, faltando-lhe somente o para-brisa que agora dá lugar a papelões. Um lugar ermo. Parece que vai chover.

Alma sai do interior do carro.

ALMA — Parece que vai chover.

YATIMA — *(Do interior do carro)* Você só sabe dizer isso.

ALMA — A verdade é que sempre parece que vai chover. Ou você não repara no céu, que está sempre cinza?

YATIMA — Não tenho tempo para isso.

ALMA — Parece ter sim, aliás, todo o tempo do mundo.

YATIMA — *(Saindo do interior do carro)* Não me amola.

ALMA — Não me amola?

YATIMA — Tá bem, tá bem! Desta vez você tem um pouco de razão.

ALMA — Enfim, você pode pegar os baldes?

YATIMA — Tenho escolha?

ALMA — Anda. Pode começar a chover a qualquer instante.

Yatima vai até o porta-malas. Tira dois baldes.

YATIMA — Ihh... acho que só temos um balde. *(Mostra o balde furado)* Olha só, o furo é tão grande que passa a minha mão. Não vai dar para usar.

ALMA — Agora essa! Bem, ainda temos esse.

YATIMA — Sim, e temos o resto da água da última chuva.

ALMA — Que já deve estar no pote... há uns seis dias? Não deve prestar.

YATIMA — E água estraga? Disso eu não sabia.

ALMA — Pois estraga sim. E eu que não vou tomar água estragada.

YATIMA — Tudo bem, madame. Quero ver quando estiver seca de sede.

Ouve-se o estrondo de uma explosão. Ambas voltam para o interior do carro e fecham a porta. Yatima abaixa o vidro e põe a cabeça para fora.

YATIMA — Desgraça! Essa podia ter nos matado.

Yatima desce do carro. Alma vem logo atrás.

ALMA — Meu coração ainda para de bater com uma dessas!

YATIMA — Não fala bobagens Alma, você sabe que até para morrer neste limbo está difícil. E não podemos contar com a sorte. E outra, se você morrer não vou ter quem me massageie os pés a noite.

Alma vai até o porta-malas e busca um pequeno banco. Volta e põe no chão o banco. Se senta.

ALMA — Pois eu não aguento mais. Dia e noite eu espero, e espero, e espero... será que estou condenada a ter esperança? Filho... meu filho, quando eu volto a te ver? Sua mãe... eu... vou te esperar o tempo que for preciso. *(Se levantando)* Yatima, eu já te falei do dia em que fomos no lago e um pato bicou ele na barriga? Ele era tão pequeno e fazia...

YATIMA — Sim, você já contou essa. Uma dezena de vezes...

Yatima se sentando no banco.

ALMA — Mas me faz bem contar. Ele tinha nove anos quando, numa tarde, eu e ele, fomos no lago que ficava a uma hora da nossa casa. Eu tinha deixado tudo separadinho na cesta de palha que sempre cabia de um tudo. Lá dentro botei duas toalhas, dois sanduíches, duas frutas, um bolo de laranja, uma garrafa de

refrigerante de uva e dois pratinhos. Ele ama refrigerante de uva, nunca vi ninguém gostar tanto. Era só eu e ele. Pegamos o ônibus de manhãzinha para aproveitarmos o dia ao máximo. Chegando lá, Yatima, como tudo estava lindo! E ele não parava de me pedir “mamãe, mamãe, vamos entrar na água com os patos, vamos!” e nós fomos. Entrei no lago com ele nos meus braços, a água estava tranquila, quase ordenada, parada no tempo, então, eu o deitei na planície azul e com a mão em concha eu lavei o rostinho dele. Cada pálpebra, cada cílio, cada bochecha foi lavada por minhas mãos. Eu era mais que sua mãe, eu era a sua Alma. E ele o meu menino. (*Silêncio*) Por isso não faz mal que você não venha agora meu filho, eu te espero e vou te esperar o tempo que for preciso.

YATIMA — E a parte do pato?

ALMA — Essa eu já não lembro mais.

YATIMA — Agora essa. Olha Alma, não faz mal esquecer, contanto que... enfim, será que agora podemos nos situar? Ver os “aondes”? Ein?

ALMA — Começa você.

YATIMA — Bem... podemos... é... podemos seguir por aqui..., não. Não. Sigamos por ali, e depois..., viramos ali. E depois...

ALMA — Você não faz a menor ideia né?

YATIMA — Não.

ALMA — Como não sabe? Digo: como não sabe para onde voltar?

YATIMA — Eu somente sei que não sei! Lembro-me apenas que, esse onde, não era o meu lugar. Acho que não era. Não sei. Então fugi, ou, sei lá, fui raptada,

eu só não me lembro. Não me importa! (*Breve pausa*) Acho que uma fronteira..., isso! Uma fronteira que cruzei, era preciso, era isso ou a morte: e eu escolhi viver. E então quer morrer aqui?

ALMA — Óbvio que não, mas... e se desencontro do meu filho? Se ele vem me encontrar? E se eu não estiver aqui, ele não vai me encontrar, e se ele me perder, eu estarei perdida. Não posso ir! Olha não faz mal... quase todas passamos pela metade da vida desencontradas, sim? Não por nós, é claro, mas por outros que vão nos fazendo desconhecer.

Helena saindo do interior do carro.

HELENA — Yatima, você ainda consegue se lembrar daquele...?

YATIMA — Qual?

HELENA — Aquele: Flor arrancada é morte prematura...

YATIMA — ...Não há jardins, não há flores

Há cogumelos atômicos, em temperatura solar

E tudo refulge de prata mortal

Comida que se produz não é alimento

É lucro, boca não alimenta.

E quem tem fome come até o assassinato do homem.

Não existe mais noites, essas

Banidas foram para algum lugar outro.

Os sonhos engolidos pela boca ruidosa dos destroços.

E a vida não é isto?

Grande aprendizado da solidão?

Ou a vida é aquilo? Vozes de não.

Eles me tiram tudo o mais,

Eles me ditam tudo o mais

Eles... quem são eles?

Meus filhos e eu, não sabemos

Meus filhos choram, eu lhes bebo as lágrimas

Veja, que miserável que sou

Ontem filho nosso chorou mais uma vez dizendo

Que em sua barriga havia um oco,

Vácuo espacial

E me perguntava “onde posso comer?”

No mundo meu filho

“E cadê a comida?”

No mundo meu filho

“E não comemos por quê?”

Porque o mundo não nos pertence meu filho

“E eu durmo sem comer?”

Dorme meu filho, o sonho alimenta

E ele dorme tranquilo, com amor que nada exige

E ele dorme, até não precisar ter fome.

ALMA — Pois bem, você já tem para onde ir.

YATIMA — E vocês virão?

PEÇA-ME A TUA FOME

O mesmo lugar ermo. Não choveu.

ALMA — Pode-se buscar um outro lugar e isso não garantiria a vida, morrer é para todos os lados.

YATIMA — E ficaremos?

Vem chegando alguém. Com as mãos estendidas, segura um pote vazio.

HELENA — Venho de não tão longe daqui e estou com muita fome, irmãs, vocês podem me dar o que comer?

YATIMA — Não temos.

ALMA — O que ela quis dizer é que não temos muito.

HELENA — Não ter muito é mais que nada, certo? (*Volta a estender o pote vazio*)

YATIMA — Conversa fiada! Olha, você queira nos desculpar, no entanto não temos nada para te dar, acho até mesmo que você indo um pouco mais ao...

HELENA — Não estão vendo minha miséria, olhem, eu já não estou parecida com ela? E não tenho fome só por mim (*levantando a roupa, mostra a barriga*) sejam melhores do que se pode, me deem algo, um naco de pão, migalhas talvez, isso conta, só me deem o que comer.

YATIMA — Está surda? Já falamos que não temos, vá mendigar por outra parte!

HELENA — Já que não há outra maneira (*Saca do bolso um canivete*) Vê o que tenho em mãos? Isso mesmo! Eu tentei ser amigável, eu juro que tentei. E vejam só vocês, duas meretrizes sujas, duas malditas sem compaixão alguma. Saibam que não terei pena!

YATIMA — Por tudo que ainda existe não nos...

HELENA — Fique quieta! (*Volta o canivete em direção da própria barriga*) Quero saber se as duas meretrizes enxergam bem, sim? Pois vejam! Tenho uma arma e não tenho medo de usá-la!

YATIMA — Mas...

HELENA — Calada, eu já disse! Não estou brincando. Entende bem o que vocês irão fazer? Ao fim de tudo isso, suas mãos estarão tão encardidas quanto a pele de um porco, nada, absolutamente nada livrará vocês de vocês mesmas, entendem? Não temo a vida, não temo a morte e nem tampouco a culpa. Mas e vocês? Temem por seus atos criminosos, temem por...?

YATIMA — Você só pode estar maluca, enfim, eu acho que se você quiser...

Alma vai até o porta-malas e volta com um saco de papel.

ALMA — Aqui tem um pão, pode ficar com ele.

HELENA — Obrigada. Não há quem lhes pague.

YATIMA — Sim! Não há! E fique sabendo disso pois já não temos nada. E quando falo em nada, falo em tudo. Não temos nada de nada (*Para Alma*) por que não vamos embora daqui?

HELENA — Não podemos. Não temos para onde ir. Eu mesma já tentei uma vez, e, como você mesma pode constatar, não cheguei a nada e, nada por nada, eu prefiro o nada em que já me encontro. Além do mais...

Ouve-se o estrondo de uma explosão ao longe.

ALMA — Parece que tem alguém vindo, o que faremos?

HELENA — Nos render.

YATIMA — Não seremos entreguistas! Temos de ter coragem, muita coragem, e, então, fugimos.

ALMA — Já falei que não vou, tenho de esperar meu filho!

HELENA — E onde está ele?

ALMA — Ele... ele saiu pela porta da cozinha quando vieram buscar ele, em nome não sei de quem, eu falei que era um mal-entendido, que o meu filho não poderia e nem saberia como empunhar uma arma, quem dirá matar e, em nome do quê? Então eles me disseram: senhora, seu filho lutará, ele será um homem. E lá se foram anos, incontáveis anos. E ele era só um menino, entende?

HELENA — Sim, mas e ele, onde está agora?

ALMA — Me custa lembrar, algo está apagando-o de mim. Droga, merda, não consigo me lembrar!

Ouve-se ao longe o marchar de tropas. Sons de tiros, explosões e gritos.

YATIMA — Vamos! Vamos! Entrando no carro.

Se escondem no carro. E aguardam.

A MARCHA JUSTA

Por as ruas devastadas.

SOLDADO I — *(Cantando)* Marchamos todos iguais
marchamos todos iguais...

SOLDADO II — Quer se calar idiota?

SOLDADO I — Ei meu chapa, relaxa! Já está no papo, mais alguns quilômetros avançados e esse lugar de ninguém é nosso. Esta cidade já foi bombardeada, só nos resta declarar o território como nosso. Vê? Não tem ninguém aqui, não tem ninguém que nos peite. Munição temos até de sobra, quem se arrisca? Agora, é só chegar ao local marcado, sinalizar e esperar a chegada da tropa. Fácil, fácil. Então relaxa aí. *(Voltando a cantar)*

Marchamos todos iguais,
Marchamos todos iguais,
seguimos em frente
com passos brutais,
marchamos todos iguais,
marchamos todos iguais...

SOLDADO III — É assim mesmo, esse daí não sabe calar a boca, um verme.
(Pausa) Quantos matou hoje?

SOLDADO II — O necessário para estar aqui. E você?

SOLDADO III — Isso lá é resposta? Não seja tímido, vamos lá cara, quantos foram? Isso sem contar a puta esfomeada que você acaba de matar, quem mais? Se tiver feito um número maior que o meu... já sei! Podemos apostar, o que acha? Para dar um pouco mais de emoção.

SOLDADO II — Não estou a fim cara.

SOLDADO III — Isso porque já sabe que eu vou ganhar, eu entendo.

SOLDADO II — Cara, sério, não enche.

Ouvem-se barulhos a poucos metros.

SOLDADO III — Cala a boca. Escutou isso? *(Caminha à frente dos outros)*
Parece estar vindo daquele canto. *(Empunhando a arma)* vejam, parece estar vindo dali, de dentro do carro.

São disparados dois tiros na roda do automóvel.

SOLDADO II — Saiam com as mãos levantadas! Saiam devagar, depois ajoelhem-se, bem devagar. Somos em três homens, estamos armados e matar é desejo comum. Saiam e se rendam ou não serão poupados.

PLASMAÇÃO NO TEMPO

Ainda sem chuva.

HELENA — Parece que vai chover.

ALMA — Foi exatamente o que disse!

YATIMA — Vocês não se cansam não?

HELENA — Cansar de quê?

YATIMA — Disso aí, de tentarem prever. Já que parece não fazer mais sentido prever as coisas por aqui. E outra: vocês só sabem adivinhar o óbvio.

HELENA — Sim, mas...

ALMA — Pois também eu, só sei adivinhar o que já foi. Tenho clarividências, só o passado me chega.

HELENA — Concordo com a Alma. Ei, Yatima, por que não busca os baldes?

YATIMA — Já o fiz. E se trata de um só balde agora.

HELENA — Ótimo! Agora essa.

YATIMA — Por que não vamos embora daqui?

HELENA — É óbvio, não podemos. Não temos para onde ir. E lembre-se, já tentamos uma vez, e, como você mesma pôde constatar, não chegamos a nada. E nada por nada, eu prefiro o nada em que já me encontro. Além do mais, grávida cansa rápido.

YATIMA — Então querem morrer, aqui? Vocês não pensam, não pensam! Só de estarmos aqui, se é que vocês me entendem, me parece que há muito já morreremos...

ALMA — Chega, está bem? O que temos de fazer é ser pacientes.

YATIMA — Lá vem você...

ALMA — Temos de meditar, isso! vamos, vamos, meditem!

HELENA — E sobre o que exatamente meditaremos?

ALMA — Sobre o nada, não se vê? (*Olha para o nada*)

YATIMA — Eu que não vou. Vocês são umas tolas, não veem que não existe a menor possibilidade?

HELENA — Yatima.

YATIMA — O que foi?

HELENA — Você não está me permitindo meditar.

YATIMA — Chucas! (*Volta para o interior do carro. Bate à porta*)

Silêncio.

HELENA — Ela tem razão, não tem?

ALMA — De quê?

HELENA — De que não prevemos, de que não vai chover, de que esperar é só esperar?

ALMA — Não! Não e não, esperar tem propósito, se chega há alguma coisa sim, disso eu sei. E por isso se espera, pois algo há de vir..., ou também se espera para que se justifique uma ausência? vamos parando com esse papo que estou me cansando, que coisa!

HELENA — Sim, sim..., mas e a criança que carrego, o que ela espera?

ALMA — Não sei. Talvez o que já não se tem mais.

HELENA — No mundo de antes do agora, eu não esperava por nada, sabe? Acho que não tinha pelo que esperar. A esperança nunca tinha me feito mal, sim, mas, bem é que não teria me feito... e agora tenho quem me espere. Não é louco?

ALMA — No antes do agora eu sonhava com um outro depois. Eles que afirmam “O homem justo deve proteger a sua nação” não entendem nada sobre justiça. Em absoluto nada. Tiram tudo o mais da gente, nos tiram a dignidade, nos tiram o que comer, nos tiram o que vestir, nos tiram o abrigo, nos tiram de um tudo, e fazem disso um brasão de seus orgulhos, das batalhas que, eles, jamais chegarão a travar com os próprios punhos, carne e sangue. E isso era tudo e

somente o que eu tinha. Penso eu que, eles, somente batalham pela miséria generalizada dos outros, que não vai os atingir. Eles... quem são eles?

HELENA — Certamente não devem de ter os nossos rostos. Fique calma.

ALMA — Como posso ficar calma? Nada me prova que devo de ficar. Acho que Yatima tem razão, temos de imediatamente sair daqui.

YATIMA — *(Saindo do carro)* Não iremos a lugar algum!

ALMA — Como?

YATIMA — Isso mesmo.

HELENA — E não se pode ir por qual razão?

YATIMA — Ora, temos de esperar por algo.

HELENA — Já não creio mais em fantasmas de esperanças. Alma, você vem?

ALMA — É quase como se não conseguisse e eu mal entendo isso, compreende? É quase uma imobilidade anunciada... algo que a muito me esqueceu, uma prisão sem grades de lembranças... sobre o que estou falando? Acho que sobre algo esquecido, lembrem-se?

YATIMA — Então vamos, desta vez definitivamente escaparemos a isso.

O QUE PASSA

Em um outro lugar, pré-ruínas.

SOLDADO III — Eu vim parar aqui porque não tive quem me livrasse, saca? Não gosto deste tipo de papo, mas, se é para ser franco, eu o sou: fui descartado como um nada, um João-ninguém. E isso fez de mim tudo o que sou agora: um João-fatal. Sim, isso mesmo, um alguém sem carecer dos outros. Bobeira das grandes achar que, sozinhos, não seguimos, quem foi que disse essa merda? Eu daria um tiro na testa como lição a quem disse.

SOLDADO II — Relaxa cara, muitos aqui partilham do mesmo caso, uns de situações mais lamentáveis ainda.

SOLDADO III — Eu nunca que vou esquecer do dia no qual ela deixou que me levassem, era de manhã, eu mal tinha acordado. Chegando à cozinha, ela me disse: não temos pão hoje. Eu nem fiquei surpreso. Há dias que nem conseguíamos fazer todas as refeições, bem, pelo menos as mais importantes. Mas droga, eu achava que eu..., que eu era mais. Então chegaram os homens do recrutamento e perguntaram: senhora, você acha que ele está pronto para ser um homem? E eu era só um menino, entende? Fui levado porta a fora, e ninguém chorou. E depois disso você já sabe, eu fugi daquele maldito regimento, daquela droga de país, de tudo para não voltar.

SOLDADO II — E veja só... bem, eu diria que algo te chama.

Soa a sirene para o agrupamento das tropas.

SOLDADO III — Não viaja, é a obrigação que nos chama! Hoje assumiremos o nosso papel de conquistadores, será uma conquista pequena, mas, conquista!

O QUE SE REPETE

Inalterável

YATIMA — Precisamos ir, já não temos mais o que comer! E não faço ideia alguma do que faremos. Não podemos mais esperar, estamos condenadas Alma, é preciso escapar a isso.

ALMA — Eu já nem sei mais se sinto fome ou sede... estranho, você sente isso também?

YATIMA — Não era exatamente sobre isso que falávamos. Falávamos sobre como partir de vez.

ALMA — Bem... deixa eu buscar os baldes, logo, logo, começa a chover! (*Vai até o porta-malas*) ihh, acho que só temos um balde agora (*Mostrando o balde*) o furo é tão grande que passa a minha mão, não vai dar para usar.

YATIMA — Você pode me escutar?

ALMA — Tenho outra escolha?

YATIMA — Que tal vermos os “aondes”, hum?

ALMA — Começa você.

YATIMA — Bem... podemos... seguir reto por essa rua e.... bem, mais a frente, podemos...

ALMA — Viu? Você não faz a menor ideia. Não tem para onde voltar.

YATIMA — Mas e você, ainda espera e por o quê? Já nem deve mais saber.

A MARCHA JUSTA

Por as ruas devastadas

SOLDADO III — Eu já disse porra, saiam do carro!

Descem Yatima e Alma e se ajoelham.

SOLDADO II — Olha só o que temos! Duas malditas rabugentas!

YATIMA — Ei, vejam, não há perigo! Somos só mulheres em situação precária, vejam não há nenhuma ameaça...

SOLDADO II — Cala a boca, quem te deu permissão para falar sua vadia!

ALMA — Mas ela tem razão, somos só sobreviventes.

SOLDADO II — Eu já falei para se calar (*Chuta-lhe*)

SOLDADO III — Se são assim tão inofensivas quanto dizem ser, por que diabos se esconderam?

YATIMA — Estamos tentando sair daqui, há dias estamos apenas buscando sobreviver para então sairmos daqui. Eu lhe asseguro: só queremos escapar desta guerra. Somos só fantasmas vagando por estes destroços, tenham piedade de mim, tenham principalmente piedade por minha...

SOLDADO III — Chega, já falou o bastante. Pouco nos importa sua historinha, não pense que nos comoverá com qualquer historinha, sejamos mais objetivos: por que deixaríamos vocês partir? Por quê?

YATIMA — Eu...

ALMA — Temos quem nos espere, eu um filho, ela uma família. Compreenda, nossas vidas não são de grande valia, mas tem quem nos espere e isso é tudo o que ainda temos.

SOLDADO I — Cara, eu acho que elas não estão mentindo, são insignificantes para nós. Vamos seguir.

YATIMA — Sim. Desapareceremos no instante seguinte em que vocês seguirem.

SOLDADO III — Pois bem, provem que merecem (*Tira o pênis para fora da calça*) vamos, é só chupar a liberdade de vocês.

ALMA — Seu porco! (*Avançando contra ele*)

SOLDADO III — (*Disparando um tiro em uma das pernas*) Quieta! (*disparando outro na outra perna*) Tente agora, vamos, tente agora! Não consegue? Vamos, se mexa, vocês estão livres! Melhor: estão livres sob uma condição, eu vou atirar mais uma vez, certo? Se você não expressar qualquer tipo de fraqueza, de dor,

eu paro de atirar, sim? Vejamos (*Atira mais uma vez em um dos braços*) ainda sentindo dor? Hã? Tudo indica que sim. (*Atira outra vez*)

SOLDADO II — Que porra cara, que merda você está fazendo?

YATIMA — Alma, Alma! O horror, o horror, meu Deus, você vai ficar bem, eu vou te tirar... vamos sair daqui, vamos... por favor só não...

ALMA — Yatima, lembra-se?

YATIMA — Não agora, não agora, descansa, meu bem isso vai passar, olha, segura aqui, aperta, com força e não tira a mão de cima, está bem?

SOLDADO III — Ainda com dor velha rabugenta? (*Faz que vai atirar mais uma vez*)

ALMA — Lembra? Só me diga que lembra o nome... ele chega ainda hoje.

YATIMA — Shiuuuu... não, não, fica assim, não se mexa, eu cuido de você.

ALMA — O nome dele, Moacir, Moacir Pereira Neto... diz para ele que eu... sua mãe... vou esperar ele por o tempo que.

YATIMA — Eu digo, eu digo tudo que sei. Shiuu, não, não diz mais nada Alma.

Mais dois tiros são disparados.

SOLDADO II — Mas que merda cara, que merda! Que porra foi essa, ein? Por que fez isso? para que matar as duas, ein? você está louco, louco cara!

SOLDADO III — Eu não sei. Vamos. Vamos partir!

SOLDADO I — Cara...

SOLDADO III — Vamos, eu não fraquejo, eu marcho. Eu sou um soldado, temos uma missão, vamos seguir.

APAGAMENTO

Um lugar ermo. Parece que vai chover.

Alma sai do interior do carro.

ALMA — Parece que vai chover.

YATIMA — *(Do interior do carro)* Você só sabe dizer isso.

ALMA — A verdade é que sempre parece que vai chover. Ou você não repara no céu, que está sempre cinza?

YATIMA — Não tenho tempo para isso.

ALMA — Parece ter sim, aliás, todo o tempo do mundo.

YATIMA — *(Saindo do interior do carro)* Não me...

ALMA — Não me amola!

YATIMA — Como? Bem... era isso mesmo que iria falar...

ALMA — Eu intuí que iria.

YATIMA — Alma.

ALMA — Sim.

YATIMA — Por que não partimos, por que não partimos simplesmente?

ALMA — Yatima... eu...

YATIMA — Não faz mal. Não nos vamos abandonar, sim?

ALMA — Sim, não vamos.

(Ouvem-se os sons de relâmpagos irrompendo o céu)

YATIMA — E então, o que faremos?

ALMA — Eu verdadeiramente não sei. Bem, vamos esperar a chuva passar.

Caem os primeiros pingos.

Sobre o autor: Lucas Profirio tem 25 anos e estuda teatro. Cuida de Nina e do Ale, ambos seus gatos de estimação. É um verdadeiro amante de chás, filmes e boas conversas. Não é escritor. Escreve para devorar a morte com as mãos.

Contato: lucas_profirio26@hotmail.com

SANTO EQUÍVOCO

Lucy Portela

PRIMEIRO GRITO

A escuridão e o silêncio são delicadamente violentados pela luz azul de um celular, depois outro e mais outro. São eles que nos conduzem e dão voz aos que contam esta história. Eles nos levam até a morte da dita mulher na praça de Rouen em 30 de maio de 1431.

VOZES DO PORTO: Joanna, que se fez conhecer pela Donzela, mentirosa, perniciososa, abusadora do povo, adivinha, supersticiosa, blasfemadora de Deus, presunçosa, malcrente na fé de Jesus Cristo, jactanciosa, idólatra cruel, dissoluta, invocadora de diabos, reincidente, apóstata, cismática e heréticas. Instrumento Público do Tribunal, parágrafo quarto: A referida mulher afirma que está certa do que vai acontecer acerca de certas coisas futuras... no que se refere à coisas ocultas, gaba-se de as conhecer ou de as ter conhecido...Entre elas, por exemplo, de que será libertada.

Ao centro de tudo, uma mulher se eleva muito acima das outras figuras. Com as mãos para trás e a cabeça voltada para o céu, Joana é iluminada por inteiro, desde o topo da cabeça até os pés que tocam a pira apagada. Os aparelhos celulares estão agora voltados para ela e podemos vê-la também através deles.

JOANNA: E foi assim, com a face banhada em lágrimas e o crucifixo tocando-lhe os lábios que ela subiu aqueles cruéis degraus até o início da fogueira. A fumaça densa e pesada não cheirava a enxofre como os religiosos queriam, e sim uma mistura de madeira queimada e banha de porco, isso mesmo, banha de porco. A carne humana ao ser queimada, tem cheiro de almoço de domingo. Tem alguém aí? Alô?

Silêncio

JOANNA: Vocês não se lembram de mim? Sou eu, Joanna. Eu estava aí com vocês. *(Um a um, os celulares vão se apagando)* Nós fomos nas mesmas festas, comemos juntos, rimos juntos das mesmas piadas, marchamos juntos, lutamos contra os mesmos inimigos, comungamos na mesma igreja e... será que ninguém me ouve?

PEIXEIRO: Já vai, dona! Vai querer peixe espada?

JOANNA: Não, obrigada. O senhor estava aqui quando aconteceu?

PEIXEIRO: Aconteceu o quê, dona?

JOANNA: A mulher...

PEIXEIRO: Ah, sei! Aquela que acusaram de bruxaria? Não, eu não vi nada.

JOANNA: Mas foi bem aqui em frente à sua barraca

PEIXEIRO: Mas exatamente na hora que aconteceu, eu estava lá nos fundos.

JOANNA: Durou muito tempo. Você não viu nem o final, quando ela caiu?

PEIXEIRO: Não, eu fui receber os peixes. Eles chegam aqui toda hora e a gente precisa fazer a reposição. Eles chegam ainda vivos, meio atordoados da pesca, mas ainda ficam se debatendo nos barris. A gente bate na cabeça do peixe com um pedaço de madeira, pra ele parar de se mexer e a gente conseguir terminar o serviço. Então tiramos toda a escama, quando tem, sem arranhar muito a pele. As madames não gostam de ver o peixe machucado, não fica bom no empratamento.

JOANNA: E não deu pra ouvir os gritos?

PEIXEIRO: Eu ouvi uma gritaria sim, mas era a gritaria de sempre.

JOANNA: Me refiro aos gritos da mulher.

PEIXEIRO: Não ouvi nada, senhora. A senhora vai querer a espada?

SEGUNDO GRITO

Uma mãe como qualquer outra colocando seu menino para dormir.

MÃE: Feche logo os olhos e durma.

MENINO: Não consigo.

MÃE: Consegue sim, você faz isso todos os dias. É só fechar os olhos, ficar bem quietinho que logo vai estar sonhando com os anjinhos.

MENINO: Me canta uma cantiga? Dessas que fazem os bebês dormirem.

MÃE: Mas você não é um bebê. Já é um homenzinho.

MENINO: Então me conta uma história.

MÃE: De conto de fadas?

MENINO: Não, uma história para homenzinhos. Uma que tenha muita luta de espadas, guerreiros, monstros, bruxas...

MÃE: Mas se eu te contar uma história dessas você vai ter pesadelo.

MENINO: Não vou, eu prometo.

MÃE: Você não pode prometer que não vai ter pesadelo. É uma coisa que a gente não pode controlar e nem evitar. Se você assiste um filme de terror ou escuta uma história assustadora, você acaba dormindo e puf...o monstro entra no seu sonho e transforma ele em um pesadelo.

MENINO: E como ele sabe que eu escutei uma história de terror? Será que ele fica escondido embaixo da minha cama?

MÃE: Embaixo da cama não tem nada, eu limpei hoje de manhã.

MENINO: Então onde eles ficam escondidos?

MÃE: Acho que eles ficam dentro da nossa cabeça, em um cantinho que a gente não consegue ver. Cada um tem um monstrinho diferente, tem gente que tem mais de um, mas a gente nunca procura, porque ninguém quer dar de cara com eles. A gente nunca sabe o que vai acontecer quando eles aparecerem. Às vezes, você consegue dominá-los, expulsar de você, esconder de novo em outro canto mais longe do que estava e até matá-los de uma vez por todas. Outras vezes...*(Depois de um breve silêncio ela percebe que o menino dormiu, lhe dá um beijo e apaga a luz)*

TERCEIRO GRITO

Vozes atuais de todos os gêneros gorjeiam ininterruptamente. Duas vozes masculinas, uma feminina e duas vozes sem gênero definido (Coach motivacional e oferta do dia).

HOMEM1: Olá, meu nome é Joemilson, tenho 49 anos, sou operador de empilhadeira no supermercado Baratão e... *(pausa)* Olá, meu nome é Joemilson, tenho 45 anos, trabalho do supermercado Barat... *(pausa)* Olá, aqui é o Jô, tenho 45 anos... *(pausa)* sou trabalhador, divorciado, não tenho filhos...

MULHER: Aplausos para as mulheres que usam sorrisos e não decotes para conquistar um homem!

HOMEM2: Manda foto de agora.

HOMEM1: E aí, mulherada! Mr. Jô na área. Se me derrubar é pênalti!

COACH: Estude enquanto eles dormem, trabalhe enquanto eles se divertem, lute enquanto eles descansam...

OFERTA!: Mulher do Guarujá eliminou 20 quilos sem dietas e sem exercícios e os donos da academia estão revoltados!

HOMEM2: Olha só como você me deixou, gata.

HOMEM1: Eu tô sem carro agora, o meu está na oficina *(pausa)* é um HB20

MULHER: Como assim, sem dieta? Será que é remédio? Não confio nessas coisas.

HOMEM2: Você não vai me deixar dormir assim, não é princesa? Ainda está cedo, eu chamo um carro pra você.

HOMEM1: Um Nissan prata. Mande instalar som, mas só pego na semana que vem.

COACH: Lutar sempre, vencer às vezes, desistir nunca

MULHER: Ok Google. Dieta da mulher do Guarujá.

OFERTA!: Toda a linha Nissan em 68 vezes sem juros, é na concessionária Guarujá! Você vai a pé e já sai com seu carro novo.

HOMEM1: Esse fim de semana não vai dar. Minha mãe está usando a casa na praia, sabe. Mas semana que vem a gente vai (*pausa*), fica em.... Pitangueiras. Você vai gostar.

MULHER: Que horror!

HOMEM2: Vem logo gata, eu tô cheio de tesão. Vou enterrar tudo nessa sua...

OFERTA!: Viagra caseiro vira febre no litoral. Parece magia!

MULHER: Como alguém tem coragem de fazer uma coisa dessas?

COACH: Coragem não é rugir como um leão. Às vezes, é aquela voz baixinha dizendo...

HOMEM1: A casa em Pitangueiras está disponível na sexta? (*pausa*) Quanto é a diária?

HOMEM2: Vinte e três. Mas hoje está um pouco frio. Mas ele chega a vinte e três centímetros.

MULHER: Vinte e três? Meu Deus!

OFERTA!: Mulher de vinte e três anos é presa no fim de semana por sequestro no litoral.

HOMEM1: Isso mesmo, nesse fim de semana, só um casal, não tem crianças.

MULHER: As crianças sumiram e ninguém fez nada?

HOMEM2: E você é loira, loira mesmo? Por completo? *(pausa)* Uau. Quero ver!

OFERTA!: Farmácia Drogamar. Toda linha de tintura para cabelos e descolorantes com vinte e três por cento de desconto.

COACH: Alô, é da Drogamar? Pode anotar meu pedido? Seis caixas de clonazepam, três caixas de Cloridrato de Fluoxetina, duas de Dramim e o que vocês têm de antiácido?

HOMEM1: Eu passo pra te pegar na sexta-feira. Vou com o carro do meu primo, é um voyage preto. O meu ainda está na oficina.

MULHER: A gente que é mãe, fica com o coração apertado ouvindo uma coisa dessas.

HOMEM2: Você disse que não tinha filhos.

COACH: Então não vou querer. Pode mandar entregar tudo, menos o antiácido.

OFERTA!: Mulher loira tortura crianças com ácido. Leia mais no Alerta Guarujá.

MULHER: Vinte e três crianças sumiram em um bairro no litoral norte de São Paulo. A mulher loira, conhecida como a bruxa do Guarujá, dirigia um voyage preto e sequestrava as crianças para a prática de magia negra.

TODOS: Segue foto de agora.

QUARTO GRITO

Surge novamente Joanna, no alto de sua Pira, lendo as principais notícias do dia no jornal de papel. Alguém quer ouvi-la.

JOANNA: Escócia. 3.800 pessoas foram julgadas por bruxaria, entre os séculos XV e XVIII. Cerca de 2.500 foram executadas, a maioria mulheres; Pesquisadores do Clero afirmam que o demônio tem mais facilidade em se manifestar em corpos frágeis, especialmente os que se alimentam mal.

Lilias Adie admite ter feito sexo com o diabo. Após longas horas de trabalho exaustivo por parte dos inquisidores de Torryburn, ela finalmente admitiu o crime. Infelizmente, não recebeu a punição correta pois cometeu suicídio em sua cela. Nota de esclarecimento: A Santa Igreja vem a público comunicar que a suposta marca do demônio encontrada na jovem ruiva presa na última sexta-feira, era apenas uma mancha de carvão. Durante a realização do processo de extração de depoimento, após a suspeita ser submergida em água fria, a mancha saiu

naturalmente. Ressaltamos que sendo ruiva e canhota, a bruxa foi devidamente queimada e enviada para o inferno junto com as outras sessenta mil, mesmo assim, lamentamos o equívoco.

A Luz acende e podemos ver o MENINO deitado, começando a despertar. Ele contempla JOANNA com admiração e se aproxima dela enquanto ela termina de ler as notícias, até que ela nota a presença dele.

JOANNA: Olá.

MENINO: Oi

JOANNA: Você está perdido?

MENINO: Não, eu estou dormindo.

JOANNA: Você me parece bem acordado

MENINO: É um sonho, parece que a gente está acordado, mas não está.

JOANNA: Eu sei como é.

MENINO: Você é um monstro?

JOANNA: Eu pareço um monstro pra você?

MENINO: Não sei, eu nunca vi um monstro de perto, só na TV ou na internet.

JOANNA: E como eles são?

MENINO: Grandes, fortes, cruéis e malvados! Eles matam todo mundo, sem piedade, sem motivo, te batem, te mordem, te dão uma paulada bem forte, depois arrancam a sua cabeça, depois te batem de novo, rasgam sua roupa de

sair, quebram seus brinquedos, passam por cima de você com a bicicleta, dizem que você é feio, bobo, chato e mais um monte de nome feio que a mamãe não me deixa repetir.

JOANNA: Neste caso, pode ficar tranquilo. Eu não sou um monstro.

MENINO: Então o que você é?

JOANNA: Eu sou só uma mulher

MENINO: E por que você está no meu sonho?

JOANNA: Talvez você esteja no meu

MENINO: Mulheres também sonham?

JOANNA: Claro. Todo mundo sonha.

MENINO: E quando você sonha, você vê monstros ou mulheres?

JOANNA: Eu já vi muitas coisas. Anjos, santas, mulheres, e até alguns monstros.

MENINOS: E quando você acordou você contou pra alguém?

JOANNA: Claro. Não tem graça nenhuma deixar um sonho preso na cabeça. Mas ninguém acreditou em mim. É por isso que eu estou aqui.

MENINO: Minha mãe sempre acredita nos meus sonhos

Os dois se olham timidamente por alguns instantes em silêncio.

JOANNA: Você quer as cruzadinhas? *(O menino concorda com um discreto movimento de cabeça. Ela se senta sobre a pira e entrega a página das cruzadinhas. Depois amassa algumas páginas e posiciona entre as toras da pira)*

MENINO: O que você está fazendo com o jornal?

JOANNA: Estou colocando entre as toras de madeira. O jornal pega fogo fácil e vai ajudar a acender a fogueira.

MENINO: Fogueira?

JOANNA: Sim, é aqui que eu estou. Por enquanto é só uma pira, mas depois que acender vai ser uma enorme fogueira. Eu vou estar bem no meio dela.

MENINO: E por que você não sai?

JOANNA: Eles dizem que é da minha natureza. Eu não consigo evitar ou controlar.

MENINO: É como um pesadelo?

JOANNA: Sim. É um pesadelo.

QUINTO GRITO

É só mais uma mulher

FUNCIONÁRIA DA LIMPEZA: Eu vi sim, mas bem de longe. Quando eu vejo confusão eu não fico perto. Tem gente que gosta de acompanhar, pra ver o que vai acontecer, só pra depois ter assunto na hora do almoço, mas eu não. Meu

almoço é só quinze minutos, não tenho tempo de falar da vida alheia. Eu só sei que ela chegou aqui na praça por volta das oito horas da manhã usando uma roupa preta e segurando um livro sagrado. Já estava devidamente julgada e condenada pelos homens que a trouxeram. Eu nem quis perguntar nada porque não entendo de leis, e como foram eles que as escreveram, deviam saber o que estavam fazendo. A pobrezinha estava com o rosto todo inchado, não sei se era de choro ou de pancada que levou. Só depois que eu fui ver o rosto dela no retrato que fizeram, mas nem parecia a mesma pessoa. Um sujeito que passava na rua reconheceu e gritou: “É ela, a dita mulher”. Eu nem me lembrava da história, tenho tanta coisa pra fazer! Mas logo os gritos foram se espalhando como uma onda e todos concordaram que era ela mesmo, “A Bruxa”. A confusão foi tão grande que chamaram a cavalaria para conter o povo. Poderiam depredar a praça ou aproveitar o tumulto para saquear. Sempre tem alguém enchendo as burras com a desgraça alheia. Para nós, só sobra o trabalho e a sujeira. Quando cheguei aqui, a praça estava imunda e cheia de pombas. Quando elas percebem que tem muita gente na praça, elas chegam para pegar as migalhas e acabam espalhando toda a sujeira. Fica mais difícil de limpar. Esses bichos são como urubus, sabia? só que menores e mais bem vestidas. Até que são engraçadinhas, tem um jeito gozado de andar e ficam fazendo um barulhinho gostoso da gente ouvir. É por isso que elas estão sempre por aqui, aumentando a bagunça, porque ninguém escorraça um animal bem vestido. Vai passar em

que canal? Será que eu posso mandar um alô pra minha filha que mora em outro povoado?

SEXTO GRITO

Um círculo de homens finamente trajados tenta decidir o que será dito e pensado sobre a história. Um é o chefe e o restante não precisa ter nome.

CHEFE: O que temos?

- Uma mulher
- De novo?
- É o que tem pra hoje
- É o que tem pra sempre

CHEFE: Alguém topou falar com a gente

- Outra mulher, mas não acrescentou muita coisa. Disse que ela foi reconhecida por alguém que passava ali que avisou o restante dos cidadãos. Quando a polícia chegou, já sabe...

CHEFE: Imagens, temos?

- Muitas. As redes sociais estão pegando fogo!

CHEFE: Magnífico! Isso é muito bom. Faça download de todas. Quero de todos os ângulos possíveis.

- A equipe já está cuidando disso
- Conseguimos falar com o marido !

CHEFE: E o delegado responsável? As investigações, as vítimas...

- Só tem uma. O nome dela é...

CHEFE: Não estou falando dessa. Quero saber da Serial Killer original. Ela não foi confundida com uma? Imaginem que história! Dá pra fazer um documentário inteiro, quem sabe até um roteiro de série.

- Eu comentei que meu filho está estudando cinema, senhor?
- Ainda estamos apurando as informações, senhor. Estão muito confusas.
- Só o que sabemos é que ela foi morta por engano.
- Disseram algo sobre magia negra

CHEFE: Tem razão. Magia negra é melhor porque soa menos americanizado.

- Esse ano ele começa o TCC, uma ajudinha do jornal ia ser bem-vinda.
- Lembrando que “magia negra” já abre margem para pauta “racismo estrutural”

CHEFE: Bem lembrado. Não quero ter problemas com isso de novo.

- Bruxaria pega bem. Causa impacto
- E o público brasileiro está mais acostumado com isso. Vamos deixar os maníacos para Discovery Channel.
- Que tal: “Bruxa é morta por engano”
- Ficou confuso.
- Podemos usar “A Bruxa da Praia”

- Não gostei, parece nome de filme pornô. Tenho a impressão que ela vai sair de biquíni do mar ou algo parecido
- Vai tomar um banho frio, Cara!
- Vou anotar essa ideia pro meu filho. O grupo dele poderia desenvolver a ideia pro TCC.
- Filme pornô pro TCC de cinema do seu filho?
- Claro que não. Um filme de terror talvez, mas com uma bruxa gostosa. Porque a gente tem que continuar com essa ideia de que a bruxa precisa ser uma mulher velha e feia? Pode ser uma mulher bonita também.
- Concordo. Se você quer vender uma ideia, quebre estereótipos. Pode reparar nos filmes de hoje em dia.

CHEFE: Vamos voltar à matéria? Temos que decidir o título. Lembrem-se, precisa ser impactante sem ser racista e não pode parecer um filme pornô. Nosso público é do tipo “família tradicional”.

- Que tal “O caso da bruxa do litoral norte”.
- Não parece nome de fenômeno climático?
- Então vamos chamar de “A bruxa da praça do porto”.
- Mas ela era mesmo do porto?

CHEFE: Primeiro temos que saber de onde era a bruxa original, a que deu origem à confusão. Assim podemos explorar a história da primeira bruxa e não da mulher comum que morreu por engano. Já temos a história completa?

- Ainda não. O site original saiu do ar.

CHEFE: Então vamos voltar ao título e depois adaptamos o texto. Foquemos em “Bruxas”

- -Posso mostrar um dos trabalhos do meu filho, senhor. O garoto é muito bom, inventa cada história!

SÉTIMO GRITO

A mãe banha o filho em uma grande bacia enquanto ele conta seu sonho. O menino viu uma santa, em outra época seria um grande evento mas agora é apenas um sonho, um menino normal e uma mãe comum.

MENINO: Mãe, eu sonhei com uma mulher!

MÃE: Que bom filho. Isso é normal. Ela era bonita?

MENINO: Não sei, não reparei nisso.

MÃE (*preocupada*): E o que vocês fizeram?

MENINO: Nada, apenas conversamos.

MÃE: E sobre o que vocês conversaram?

MENINO: Sobre sonhos. Ela me disse que todo mundo sonha, mas ninguém acredita nos sonhos dela. Mamãe, você tem algum sonho?

MÃE: Não sei filho.

MENINO: Pode falar, mãe. Eu prometo que vou acreditar em você.

MÃE: Eu sonho o que toda mãe sonha. Ver o filho forte, saudável, feliz...

MENINO: E se algum dia me colocarem no meio de uma fogueira bem grande?

MÃE: Que pergunta é essa, menino? Ninguém vai colocar você em uma fogueira.

MENINO: Antigamente faziam isso. Não faziam?

MÃE: Você precisa parar de assistir filmes de terror.

MENINO: Mas não é filme, mãe!

MÃE: E por que colocariam você em uma fogueira? Você é um menino tão bonzinho, nunca faz nada de errado.

MENINO: Fiz sim, mãe. Eu sonhei com algo que ninguém acredita. Quando as pessoas não acreditam em você, elas te colocam em cima de um monte madeira, e papel, e jornal, e gasolina, e mais jornal...

MÃE: Chega! Eu não quero mais ouvir você falar sobre isso. Ninguém vai te colocar em uma fogueira, ouviu bem? As pessoas não fazem mais isso. É monstruoso!

MENINO: Posso terminar de contar o meu sonho?

MÃE: Não! Você me deixou nervosa.

MENINO: Deve ser a minha natureza.

MÃE: O que?

O menino abandona a bacia e sai.

A água se acalma e a mãe pode ver seu próprio rosto refletido nela.

OITAVO GRITO

Na delegacia, um homem presta depoimento. Querem saber o ponto de vista dele. Antes era só uma voz masculina, agora tem nome.

DELEGADO: Nome

JOEMILSON: Joemilson Guerreiro da Silva

DELEGADO: Profissão

JOEMILSON: Operador de empilhadeira

DELEGADO: Estado Civil

JOEMILSON: Casado

DELEGADO: Muito bem, senhor Joemilson, agora me diga exatamente o que estava fazendo no local.

JOEMILSON: Eu fui até o mercado comprar peixe para o almoço, ouvi uma gritaria e fui ver o que estava acontecendo. Só isso.

DELEGADO: Chegando lá o senhor ficou só olhando?

JOEMILSON: Sim

DELEGADO: E o que o senhor viu exatamente?

JOEMILSON: Vi uma mulher, ela estava caída e todos gritavam: “Bruxa! Bruxa!”

DELEGADO: E o senhor fez o quê?

Silêncio

DELEGADO: Eu te fiz uma pergunta, senhor Joemilson. O que o senhor fez quando viu a mulher caída?

JOEMILSON: Nada, senhor. Eu voltei pra minha casa. Tinha que levar o peixe, se não ia começar a feder.

DELEGADO: O senhor mora muito longe do porto?

JOEMILSON: Na verdade eu não moro por esses lados, eu só vim passar o fim de semana.

DELEGADO: Nome das pessoas que estavam com o senhor neste dia.

Silêncio

DELEGADO: O senhor pode responder essa pergunta, senhor Joemilson?

JOEMILSON: Olha doutor, eu estava sozinho na praça. Minha mulher não sabe que eu vim pra cá, eu disse que ia encher a laje de um amigo, o senhor me entende?

DELEGADO: Sim, fique tranquilo. Vamos focar só na praça, está bem? O senhor viu a confusão e foi embora, certo?

JOEMILSON: Certo.

DELEGADO: E o senhor estava a pé?

Silêncio

DELEGADO: Senhor Joemilson? O senhor está me ouvindo?

JOEMILSON (*pausa*): Sim senhor.

DELEGADO: Mas nós temos imagens suas passando de bicicleta pelo local.

JOEMILSON (*tenso*): Não senhor, eu quis dizer “sim senhor” quando o senhor perguntou se eu estava ouvindo, mas eu não estava a pé não senhor.

DELEGADO: E onde está a bicicleta que o senhor guiava no dia do ocorrido.

JOEMILSON: Que bicicleta? (*pausa*) Ah, a bicicleta! Sabe doutor, eu costumo fazer exercícios pra manter a forma, o senhor sabe que mulher gosta de homem bem cuidado. Então quando a distância é menor eu deixo o carro na garagem pra evitar dor de cabeça porque esse mês eu não paguei o seguro...

DELEGADO (*impaciente*): A bicicleta, Senhor Joemilson! Onde está a bicicleta?

JOEMILSON: Eu aluguei perto do porto. Mas foi um acidente, eu juro. Ela não deveria estar caída ali no meio do meu caminho.

DELEGADO: O senhor está me dizendo que não viu a mulher?

JOEMILSON: Exatamente!

DELEGADO: Mas no começo do depoimento o senhor disse que viu a mulher caída e ouviu quando gritaram: “Bruxa, bruxa!”

Silêncio

JOEMILSON (*nervoso*): Olha doutor, eu vi a confusão, vi a mulher, ouvi quando gritaram “bruxa!”, ouvi alguém dizer que era ela a mulher que disseram. Eu sou pai de família, o senhor me entende?

DELEGADO: Entendo. Mas voltemos aos fatos.

JOEMILSON: Eu ouvi um dia antes as notícias sobre a tal mulher, fiquei com aquilo na cabeça. A gente nunca acredita que uma coisa dessas pode acontecer tão perto. Mesmo assim, havia muita gente naquela praça e todos afirmaram que era ela. Por que só eu estou aqui prestando depoimento?

DELEGADO: Nós estamos investigando todos os responsáveis.

JOEMILSON: Responsáveis? Eu sou trabalhador, doutor! Eu só cometi um engano. Quando eu vi aquela mulher caída e cercada pelos cidadãos do porto, ela não parecia tão inocente. Todos diziam que ela era a culpada e o senhor sabe, a voz do povo é a voz de...

DELEGADO: Está certo, senhor Joemilson. Já temos o seu depoimento. Assine aqui por favor.

JOEMILSON: Posso ir embora, Doutor? Minha mulher não para de me ligar.

NONO GRITO

As vozes do porto vestindo branco, agora impunham faixas, cartazes e rosas igualmente brancas. Se achar necessário e viável, uma pomba pode sobrevoar

elegantemente a orla tomada pelas manifestações. Não é preciso lembrá-los da cor do animal. Todos pedem paz, amor e justiça, entoando cânticos populares que já estiveram no topo das paradas de sucesso. O fogo está presente somente nas velas que iluminam os rostos da população indignada. Assim como em outros momentos, essas vozes não têm nome ou gênero.

- A que ponto chega a maldade do ser humano
- A humanidade está perdida mesmo
- O messias precisa voltar!
- Deus disse: Não julgarás. Tá na bíblia!
- Essa gente lá sabe o que são as sagradas escrituras?
- Mas o problema é essa tal de internet! Ninguém mais sabe refletir sobre o que lê.. Qualquer um pode postar qualquer coisa e ninguém se preocupa em pesquisar quem escreveu, quando foi, onde foi, porque escreveu...
- Exatamente! A culpa é daquele tal de Gutenberg?
- Não. O nome dele é Zuckerberg.
- Eu sempre me confundo, é muito parecido.
- Viu como é bom pesquisar? Imagina se você faz uma besteira e ataca violentamente a pessoa errada? Você poderia matar um inocente.
- Deus me livre de matar um inocente!
- A pobrezinha já tinha tantos problemas de saúde. Mas tomava remédio direitinho.

- Pois é, eu também li isso no jornal.
- Disseram que ela via coisas e conversava com o arcanjo Miguel
- A família tentou de tudo. Levaram até para a igreja e nada.
- Ela continuou dizendo que era inocente.
- Ninguém acreditou nela.
- Mas nada justifica a violência, não é mesmo?
- De maneira alguma!
- O pior é que poderia ser qualquer um de nós, ou alguém da nossa família.
- Mas a gente nunca acredita que isso vai acontecer assim, tão perto.
- Se alguém fizer isso com alguém da minha família eu arrebento!
- Sabem se já prenderam alguém?
- Por enquanto só uns dois ou três pobres coitados.
- Mesmo com todas as imagens?
- Eles não podem prender sem ter certeza. Já imaginou se condenam um inocente?
- Até quando essa injustiça?
- É por isso que o povo se revolta e acaba fazendo justiça com as próprias mãos.
- Sim, o povo não pode ter sangue de barata
 - QUEREMOS JUSTIÇA! QUEREMOS JUSTIÇA! QUEREMOS JUSTIÇA!
- Que canal será que vai passar?

- A história dela?
- Não, a nossa manifestação. Está tão bonita!
- Está mesmo. Até aquela artista da novela veio.
- Eu vi! Tentei ficar perto dela, caso alguém fotografasse, mas os seguranças me empurraram e não consegui.
- Se não fosse os seguranças, ia ser ela. Todo mundo diz que é antipática.
- Por isso que o marido não aguentou.
- Bem feito, mereceu o chifre que levou. A atual dele é bem mais bonita.
- Mas você acha que ela também não deve ter chifrado ele?
- Com certeza! Tem cara de vagabunda.
- A minha vela apagou.
- A minha também. Deve ser o vento úmido que vem do mar.

Uma a uma as velas se apagam

DÉCIMO GRITO

Um fraco feixe de luz azul ilumina uma voz feminina. Ela evoca as outras vozes através de um ritual muito comum nos tempos atuais.

VOZ FEMININA: ok, Google...

VOZES: Diga o que você quer em poucas palavras.

VOZ FEMININA: A verdade.

VOZES: Correção, Seja mais específica.

VOZ FEMININA: Quero saber a verdade.

VOZES: Que verdade?

VOZ FEMININA: sobre a dita mulher.

VOZES: Mulher emagrece 20 quilos sem cirurgia e...

VOZ FEMININA: Não essa mulher. Vou ser mais específica: A mulher que condenaram em praça pública.

VOZES: Seja mais específica.

VOZ FEMININA: Mulher acusada de crimes, morta em praça pública.

VOZES: Seja mais específica.

VOZ FEMININA: Mulher acusada de crimes, por religiosos, morta em praça pública.

VOZES: Seja mais específica.

VOZ FEMININA: Mulher acusada, sem provas, por religiosos de cometer crimes hediondos, morta em praça pública pela população.

VOZES (*pausa*): Estes são os principais resultados.

VOZ FEMININA (*observa os resultados de sua busca*): São milhares!

VOZES: Entre 1700 e 2021. Você não foi muito específica.

VOZ FEMININA (*apontando um item na tela*): Espera um pouco, este aqui eu conheço. Não aconteceu.

VOZES: O que?

VOZ FEMININA: Criaram uma história chocante, juntaram com fotos aleatórias, colocaram um título apelativo e divulgaram em um site cheio de erros de português que inclusive, já retiraram do ar.

VOZES: Impossível! Somos o sistema mais avançado em tecnologia de todos os tempos, desenvolvido para pesquisas, com fontes ao redor de todo o mundo. São milhares de informações processadas diariamente em tempo real...

VOZ FEMININA: Ok, Google, mas este aqui não é real.

VOZES: Temos fotos, vídeos, áudios, depoimentos, até um retrato falado bem detalhado...

VOZ FEMININA: Você verificou?

Silêncio

VOZES: Nosso sistema inteligente, desenvolvido nos melhores centros de pesquisa com os melhores profissionais do mundo, não está programado para verificar a informação, apenas compartilhará-la. Algo mais?

VOZ FEMININA: Como tirar isso da minha cabeça? Como tirar de uma vez por todas os gritos de dor daquela mulher, a referida mulher? Como seguir minha vida pensando que amanhã eu estarei ali, no alto daquela pira queimando enquanto eles gritam: Bruxa! Bruxa! Como dizer pro meu filho que não existem

bruxas, mas existem monstros? Como impedir que meu filho seja colocado no alto daquela pira ou ao redor dela?

Silêncio

VOZES: Seja mais específica.

EPÍLOGO ROUCO

JOANNA do alto de seu pedestal, se debruça para contemplar o fogo que começa a iluminar timidamente a base da pira.

JOANNA: Os jornais já estão em chamas e logo o fogo terá consumido tudo. Mas sabe o que dói mais do que o fogo queimando a pele? É saber que a minha verdade em breve será apenas um cheiro de almoço de domingo. Ninguém se importava com ela. A verdade de agora, é que a dita mulher não vai voltar e sua família precisará de escolta para enterrar seu corpo estraçalhado pela multidão porque até lá, ainda vão acreditar em tudo o que disseram. Quem sabe um dia, alguém reveja as fotos, os vídeos e pense: ela parecia ser mais magra e o nariz era um pouco mais fino. Talvez fiquem curiosos e pesquisem, então descobrirão que da multidão que acompanhou seu calvário, apenas os que não tinham

dinheiro para as leis sentiram o seu peso, o restante segue sua vida com luz apagada. Prometeram uma nova lei que nunca saiu do papel e pediram uma indenização que foi negada, acharam que não era justo com a pobre empresa que ajudou a espalhar a notícia. Para acalmar nossa ira, disseram que isso não a traria de volta, mas ela sempre volta, desde 1700, com um corpo novo a cada dia, geralmente pobre, quase sempre feminino.

JOANNA é consumida pelas chamas sem perguntar ao seu povo se é justo morrer assim. Enquanto a fumaça branca sobe aos céus, as vozes do porto de Rouen, as mesmas de hoje, entoam sua ladainha.

- -A que ponto chega o ser humano.
- 1. -Como alguém tem coragem de torturar um ser humano até a morte? Uma criatura inocente, cheia de vida...
- 2. -Quando me falaram da seita satânica que ela mantinha no fundo do quintal...nem dá pra acreditar!
- 3. -A gente que é mãe, quando escuta essas coisas já fica com o coração na mão.
- 4. -A bruxa segurava um livro de magia negra quando a encontraram caminhando pelo calçadão da praia tranquilamente.
- 5. -Ela também era casada com aquele traficante, compartilharam um vídeo outro dia.

6. -Quase não dá pra reconhecer, mas é ela sim, está escrito na legenda.
7. -Tem outro vídeo em que ela aparece segurando um fuzil.
8. -No cenário e contexto correto tudo bem, mas não era o caso.
9. -Tá na cara que era bandida.
- 10.-Compartilhem, repassem, isso precisa chegar ao máximo de pessoas.
- 11.-Se cada um compartilhar no mínimo com um dos seus grupos, logo seremos um milhão, dois milhões, cem milhões! Vamos viralizar!
- 12.-Vamos ocupar as ruas!
- 13.-Vamos!
- 14.-As igrejas.
- 15.-Já estamos!
- 16.-Os mercados.
- 17.-Seguimos!
- 18.-Todos precisam saber!
- 19.-Buscando.
- 20.-Não vão nos calar!
- 21.-O que é justo.
- 22.-Isso a TV não mostra!
- 23.-O que é certo.
- 24.-Se você acredita, compartilhe!
- 25.-O que é santo.
- 26.-Se você não acredita em nada, apenas olhe....

27.-Apenas olhe... apenas olhe... apenas olhe... apenas olhe....olhe...olhe....olhe...

UM SUSSURRO

As vozes em chama se apagam. No centro de tudo nos sobra apenas uma mulher comum, igual a todas as outras. O menino vai ao seu encontro.

MENINO: Mãe, você está acordada?

Ela abraça desesperadamente o filho como se quisesse protegê-lo.

MENINO: Aconteceu alguma coisa, mãe?

MÃE: Não, meu filho. A mamãe só teve um pesadelo.

Ele abraça confiantemente a mãe, como se quisesse confortá-la.

MENINO: Está tudo bem agora, eu estou aqui. Foi algum filme de terror?

MÃE: Sim.

MENINO: E você sonhou com monstros ou bruxas?

MÃE: Monstros. Bruxas eu não vi nenhuma.

MENINO: Quer que eu conte uma história pra você dormir?

MÃE: Ei, eu sou a mãe e você a criança aqui!

MENINO: Eu não sou mais uma criança, mãe. Sou um homenzinho.

A mãe sorri e deita a cabeça no colo do menino. Ele a afaga carinhosamente.

MENINO: Era uma vez, uma terra mágica, onde todo mundo podia ser o que quisesse, qualquer coisa que a gente tivesse vontade, era só imaginar, apertar um botão e pronto! Tudo estava transformado do jeitinho que a gente inventou. Dava pra trocar a cor do céu por rosa ou verde, porque o azul todo dia enjoa. Se você não gostasse da sua cara, do seu cabelo, da sua roupa, dava pra mudar também! Ser mais magro, mais forte, rico, famoso... Dava até pra ser um super-herói sem precisar sair do sofá, o que é muito legal, porque até os homenzinhos como eu sentem medo de vez em quando, de altura, por exemplo. Nessa terra, todo mundo podia ir pro mar sem a boia no braço, e ninguém se afogava. Todos andavam descalços na grama sem medo de pisar em prego ou ficar com lombriga. Não tinha lição de casa, ninguém lavava os pratos ou colocava o lixo pra fora. Ninguém tinha medo de nada, porque nada de ruim poderia acontecer ali... *(ele nota que a mãe continua com os olhos abertos)*

MENINO: Você ainda não dormiu? Fecha os olhos, mamãe!

MÃE: Não consigo

MENINO: Consegue sim. Você faz isso todos os dias.

Silêncio e fim.

Sobre a autora: Lucy Portela, 40 anos. Formada em Artes Cênicas pelo Conservatório de Tatuí e trabalha como atriz desde 2014. Estagiou por dois anos na Cia de Teatro do Conservatório e fundou em Cerquilha, o grupo independente “Gente de quem?”, onde experimentou pela primeira vez o gosto pela dramaturgia e direção com os espetáculos, “Feitos de Açúcar” e “O Colecionador de Primaveras”.

Contato: lucimaraportelapereira@gmail.com

ENTRE PENAS E PRESAS

Marcelo Marques Júnior

ATO I**CENA I**

Palco escuro. Ouve-se:

FUNCIONÁRIOS (alusão à música “A-weema-weh”, *Rei Leão*): Weeheeheehee
dee heeheeheehee weeh aweem away / Weeheeheehee dee heeheeheehee
weeh aweem away / A-weema-weh, a-weema-weh, a-weema-weh, a-weema-
weh (5x)

Luzes acendem e revelam um escritório: algumas mesas em papelão à frente é a recepção; ao fundo, algumas caixas de papelão que representam as salas de trabalho. Acima delas, um letreiro iluminado revela as palavras “A-weema-weh Produtos em Papelão”. Ao lado do letreiro, uma sala de vidro, com um trono e uma mesinha com um telefone.

Em frente às mesas, um grupo de funcionários que cantavam o refrão acima.

*Cada funcionário veste-se de uma maneira*¹: ANDORA - SECRETÁRIA: Arara-azul / CAETANO - JURÍDICO: Mico-leão-dourado / MAURÍCIO - TI: Capivara (figurante) / MELINA - COMERCIAL: Onça-pintada (figurante) / SAMANTA - FINANCEIRO: Jaguaritica (figurante) / PAULÃO - SEGURANÇA: Ariranha (figurante) CAETANO toma a frente do grupo.

CAETANO (*música*): Nesta manhã, aqui na firma / Quem dorme é o Chefão / Tem horário, para chegar / Mas quem dorme é o Chefão
FUNCIONÁRIOS juntam-se e fazem um trezinho.

FUNCIONÁRIOS: (*música*) A-weema-weh, a-weema-weh, a-weema-weh, a-weema-weh (5x)

Chega CHEFE (Leo Panthera) – Leão.

CHEFE: (*música*) Mas que zona é essa aqui!? / Vocês têm trabalho, aqui na firma / Não reclamem não. / Insiram aqui, sua juventude / E ganhe um pedaço de pão! (*fala sem música*) Vão trabalhar! Não pago vocês para cantar!

¹ Não é a ideia que estejam fantasiados do animal, mas que tenham referência a ele no corpo, como, por exemplo, uma pluma, ou mesmo que as qualidades físicas do ator representem o animal. A ideia é representar uma selva.

Funcionários correm e assumem seus postos de trabalho: ANDORA à frente, PAULÃO ao seu lado, em pé. Os demais escondem-se nas salas de papelão.

CHEFE (à ANDORA): Meu amor, cadê o PEDRO? Aquele animal está atrasado? Olha, já o dispense, não suporto atrasos! Cara folgado! Acha que dinheiro nasce em árvores!?

ANDORA: Senhor, ele já está na sala trabalhando.

CHEFE: Pois, então chame ele aqui.

ANDORA pega o telefone.

ANDORA: CAETANO, o Pedro tá aí? Ahm, sim... fala que o Sr. CHEFE chegou. Ele quer falar com ele.

PEDRO (simboliza passado) sai de uma das caixas de papelão.

PEDRO: Bom dia, CHEFE, tudo bem?

CHEFE: Está aqui desde que horas?

PEDRO: Das sete, senhor.

CHEFE: Está achando que vai ganhar horas extras?

PEDRO: Não, não, senhor... precisava adiantar alguns relatórios sobre aquele novo processo judicial para enviar ao escritório.

CHEFE: Ótimo, não vou pagar horas extras não. Que processo é esse?

PEDRO: Do CRISTÓVÃO, aquele funcionário que perdeu um braço no ano passado

CHEFE: Maldito comunistinha, enfiou o braço na máquina para ficar coçando em casa o dia todo, recebendo!

PEDRO: Ele era destro e perdeu o braço direito, acho que não vai conseguir nem se coçar.

CHEFE: Como?

PEDRO: Nada não.

CHEFE: Vamos ganhar esse processo, né?

PEDRO: Não depende de mim, senhor, mas farei o que puder pela empresa.

CHEFE: Como assim não sabe? Te pago para que?

PEDRO: Senhor, isso depende da atuação do escritório contratado e, depois, do juiz que vai analisar o processo...

CHEFE: ANDORA, querida, chama o CAETANO.

ANDORA (*telefone*): CAETANO, o Sr. CHEFE está chamando.

CAETANO sai de uma das caixas.

CHEFE: CAETANO, vamos ganhar o processo do CRISTÓVÃO?

CAETANO: Cinquenta por cento de chances, senhor.

CHEFE: Ótimo, obrigado.

CHEFE sai.

PEDRO: CAETANO, como você sabe disso?

CAETANO: Não sei, 50% pode ser qualquer coisa. Depois jogamos a culpa no escritório contratado.

PEDRO: Ah, não gosto disso. Prefiro dizer o que realmente está acontecendo, sabe?

CAETANO: PEDRO, você precisa sair da caixinha, dar seus pulos, senão vai apodrecer aí.

PEDRO: Aqui não dá para sair da caixinha (*aponta para a sala*).

CAETANO: Aí você falou uma verdade. Por isso semana que vem vou sair dessa loucura, vou abrir meu próprio negócio CAETANO ADVOGADOS ASSOCIADOS.

PEDRO: Que legal, já tem clientes?

CAETANO: Não, mas isso eu arrumo, meu pai conhece uns caras aí. Qualquer coisa ele me banca por um tempo também, você devia fazer o mesmo.

PEDRO: No meu caso, se não der certo não pago as contas.

CAETANO: Quem não arrisca não petisca.

Telefone da ANDORA toca.

ANDORA: “A-weema-weh Produtos em Papelão”, como posso ajudar? Ah, sim... tá... sim... PEDRO, CAETANO, é o Sr. CHEFE, ele quer falar uma coisa para vocês... sim, tá, ele disse: “PAREM DE FICAR VAGABUNDEANDO E VÃO TRABALHAR, mais alguma coisa”, Sr... não, tá, tá... não, não vou estar vindo de saia amanhã, tchau – desliga o telefone.

CAETANO: velho chato.

CAETANO e PEDRO entram. Luzes apagam.

CENA II

Luzes acendem. ANDORA está na recepção. CHEFE chega.

CHEFE: Benzinho, chame o CAETANO, por favor.

ANDORA: Sr. o CAETANO não trabalha mais aqui faz alguns meses.

CHEFE: Então, quem está fazendo o jurídico da empresa?

ANDORA: O PEDRO, senhor.

CHEFE: Ah, sim, tinha me esquecido, então chame o PEDRO mesmo.

ANDORA (*telefone*): PEDRO, o Sr. CHEFE está chamando.

PEDRO surge de uma das salas de papelão.

CHEFE: PEDRO, tudo bem? Gosta de suco de laranja?

PEDRO: Gosto sim, senhor.

CHEFE: Então, faça-me o favor de encontrar um laranja para mim, senão vou ter que fazer uma laranjada com você.

PEDRO: Como assim, senhor?

CHEFE: Você não sabe o que é um laranja?

PEDRO: Ah, sim, sei... não tinha entendido... mas, onde vou encontrar isso?

CHEFE: Procure alguém precisando de dinheiro, pago 2 mil por mês.

PEDRO: Sr., não posso fazer isso, desculpe.

CHEFE: Que merda, para que pago você?

PEDRO: Para te aconselhar do que é juridicamente correto. Isso não é.

CHEFE: Não me importa, preciso resolver meu problema, já que você não faz, vou arrumar alguém que faça. Aliás, cadê o CAETANO, preciso saber do processo do CRISTÓVÃO.

PEDRO: Sr. o CAETANO não trabalha mais aqui faz alguns meses. Sobre o processo do CRISTÓVÃO, nós perdemos, te enviei um e-mail sobre isso no mês passado.

CHEFE: Ah, não leio e-mails, coisa assim você tem que me avisar por telefone.

PEDRO: Eu te avisei por telefone também, inclusive já avisei o financeiro sobre o pagamento.

CHEFE: Não quero pagar, o que faço?

PEDRO: Não pode fazer nada, temos que pagar, o juiz determinou.

CHEFE: Não quero pagar para esse vagabundo, arruma um jeito de eu não pagar. Amanhã você me dá essa resposta, se vira.

CHEFE sai.

ANDORA: É, Pedro, difícil, heim.

PEDRO: Pois é, nem tenho o que falar para ele. Se não pagar, vão penhorar a empresa.

ANDORA: Você não tem cara de advogado.

PEDRO: Não? Tenho cara de que?

ANDORA: Não sei.

PEDRO: Ah, sempre gostei de escrever, pelo menos com direito eu escrevo, embora não seja bem o que eu gosto de escrever

ANDORA: Sobre o que gosta de escrever?

PEDRO: Sobre coisas que tocam a alma, principalmente poesias. É como se fosse uma fuga, um jeito de olhar o mundo com mais naturalidade, algo que me mantém respirando.

ANDORA: Nossa, que legal, depois me traz alguma para ler. Por que não segue isso? Tem tantas pessoas que encontram na leitura um refúgio, você poderia ajudá-las com isso.

PEDRO: Ah, muito difícil. Eu sou bom no que faço aqui, isso vai garantir um futuro para mim e para minha família, sabe? Tenho medo de me arriscar nisso e acabar sem dinheiro.

ANDORA: Hum... só cuidado para seu coração não virar pedra nas mãos de uns ou outros, como (reflexiva) o meu.

PEDRO: Como assim? O que aconteceu com você, precisa de ajuda?

ANDORA: Não, está tudo bem. Eu tinha alma livre, como a sua. Só que minha arte não era a poesia, era cantar.

PEDRO: Sua voz é bonita, deveria ser muito boa.

ANDORA: Eu sou muito boa, mas preciso do dinheiro, sabe como é. Eu adorava ver os rostos das pessoas vivendo o momento em que minha música as tocava, sabe? Era como um momento de conexão com algo maior, algo coletivo.

PEDRO: Nossa, isso é lindo. Gostaria de ouvir você cantar.

ANDORA: Algum dia, quem sabe, leio algo seu e você me escuta cantar...—
telefone de ANDORA toca - “A-weema-weh Prod...”, ah, sim, sim... PEDRO, o Sr. CHEFE está perguntando por que você está aqui ainda e disse que espera uma resposta.

PEDRO: Não tenho motivo, estávamos falando.

ANDORA: Ele disse sem motivo, Sr.... humm... tá, tá, tá... não... sim, sim.... ok, já disse que eu não vou estar vindo de saia senhor, tchau – desliga o telefone – PEDRO, ele falou que cronometrou o tempo e que vai descontar do nosso salário no final do mês, mandou você ir para a sala.

PEDRO vai para a sala.

Vê-se a parede da sala de PEDRO sendo recortada de dentro para fora, formando-se uma janela, de dentro dela pode se ver a mesa de PEDRO, uma mesa vazia e muitos papéis, pastas, tudo em cinza e branco.

*PEDRO (música): Será que devo sair daqui / Será que posso esse sonho seguir?
/ E o futuro, o que reserva, o que será? / Será que esse sonho minha família vai sustentar? / Por que essa pressão, essa cobrança? / Por que eu tenho o peso do sustento nas costas? / Devo ser o macho, o provedor, / Mas eu não passo de um pequeno sonhador. / Quero voar por aí, desenhar nas nuvens / Seguir a vida. / Viver a poesia, / Por que será que eu não consigo voar daqui?*

ANDORA (música): Eu notei, naquele olhar, / Tem algo bom a despertar, / Tem esperança, curiosidade / Parece até o olhar de uma criança / Que vê o mundo pela primeira vez / Mas, não pode ser, naquela idade, / Migrar para algo tão arriscado / Não pode ser, será que consegue? / Voar daqui e viver esse futuro sonhado. / Espero que esse seu sonho não desapareça, / Como com o meu

aconteceu, / Que insensatez, a minha vida era cantar, / Agora aqui, vivo a suportar / Esse velho babão que se auto-intitula leão.

PEDRO (*música*): *Ela também, ela está presa, / Será que esse é o futuro que eu quero? / O que será? Como assim? /*

ANDORA (*música*): *Não pode ser.*

ANDORA e PEDRO (*música*): *Não posso deixar essa minha essência morrer.*

ANDORA (*música*): *Não pode ser.*

PEDRO (*música*): *Que insensatez.*

ANDORA e PEDRO (*música*): *Que vontade que me dá de voar daqui de uma vez.*

CHEFE (*música*): *Vocês dizem, / Que o preço do meu amor é muito para vocês. / Dizem que sou degradante, / Sou sufocante, só quero seu tempo, sua juventude / Pensam que não os vejo, sonhando tomar uma atitude e voar por ai / Que bobeira, o que vai ser? / Quando ninguém te reconhecer / Essa essência, não garante dinheiro / Vocês vão acabar sendo abocanhados por um predador*

*traíçoeiro / Esse céu, que tanto pensam / Está cheio de gaviões / Só esperando
você aparecer / Parece ruim, ficar aqui / Mas só aqui vocês irão sobreviver /
Confiem em mim, eu sou mandão / Mas sou um bruto, com coração. / Tchu ru ru
tchu tchu, ru rururur tchu tchu, tchururu tchu tchu tchuru (2X) / Insiram aqui, a
juventude / Deixem com o papai, / Vou abocanhá-la, / destroçá-la / Esqueçam
essa atitude, / Vivam aqui, garantam seus trocados, / Só aqui vocês podem ser
meus pau-mandados / Minhas diversões, meus protegidos, / Meus bichinhos, /
Tchu ruru tchu tchu, ru rururur tchu tchu, tchururu tchu tchu tchuru (2X) / E se
saírem, e um gavião aparecer / Não sei se poderei te proteger / Não tenho asas,
mas aqui no chão / Serei seu protetor, seu patrão / Assim, se voarem, / Vocês
voltarão para o papai / que mais uma vez vai jantar vocês, / Meus bens mais
valiosos, / Em segurança, / com garantia / Papai ama vocês.*

ATO II

CENA I

*Palco escuro, quase não se vê nada. Uma fumaça toma conta do chão e do alto
do palco caem relâmpagos que revelam silhuetas de pessoas ao fundo, tocando
tambores, ouve-se a selva, bichos gritam, pássaros cantam.*

Quando os relâmpagos caem é possível ver as pessoas ao fundo: usam máscaras brancas, ovais, inteiramente brancas, sem nenhum detalhe, a não ser olhos grandes e totalmente pretos.

PEDRO anda pelo palco, olhando para todos os lados. Algo o sobrevoa em círculos, algo muito maior do que ele, com asas grandes.

Dá um rasante em PEDRO, que se esquivava. Cai no chão. Outro rasante, PEDRO se levanta e corre para dentro da sala de papelão e fica olhando para fora, pela janela que ele mesmo cortou. A criatura continua a sobrevoar em círculos, mas agora não o ataca.

PEDRO senta-se à mesa, encosta a cabeça nela e a cobre com os braços.

CHEFE chega e todos saem. Luzes se acendem. Vai até a porta da sala de PEDRO.

CHEFE: É o que? Está dormindo PEDRO? Não, nem fala. Chega de “mimimi” e vai trabalhar, precisamos produzir, meu querido. Bom, já acabei o que tinha por aqui. Não esqueça de fechar as janelas quando sair!

PEDRO: Ok!

CHEFE: Aliás, não se esqueça sobre o assunto de urgência que falei para você hoje à tarde, não quero pagar aquele CRISTOVÃO, você já terminou o relatório que te pedi?

PEDRO: Estou terminando outra coisa e já (*Telefone toca. Falando ao telefone*) Alô? Sim, sim, é urgente? Mas... sim, mas só percebeu que tinha que me passar

isso agora? ... tá, tá ... sim, eu sei que estão nos pagando para isso... sim, é... sim, ok... Para hoje? Não, não... o que, encerrar contrato? Não, tá, tudo bem, te envio ainda hoje, meia noite ainda é hoje, né? *(telefone desliga)*

CHEFE: E então? Não vai responder minha pergunta?

PEDRO: Qual pergunta?

CHEFE: Querido, em que mundo você está? A pergunta sobre o relatório que eu acabei de te fazer.

PEDRO: Ah, sim, então, quanto ao relatório *(Telefone toca. Falando ao telefone)* Alô?... não, não tenho interesse em plano funerário... viu, vocês viram que horas são? Já passou o horário de expediente, por que estão ligando nesse horário?... Hum, sim, entendi, pessoas que ficam até esse horário normalmente morrem cedo de problema no coração, é?... ahhm, entendi... tá, mas não tenho interesse, ok? Obrigado.

CHEFE: Eu já sei por que morrem do coração, é de raiva! Estou até agora esperando você me responder!

PEDRO: Sim, mas o telefone tocou, podia ser alguma coisa urgente.

CHEFE: Mas não era. Então, me responda! *(pega o celular)*

PEDRO: Pois então, como eu ia falando *(Telefone toca. Falando ao telefone)* Alô?

CHEFE: *(Celular)* Oi, meu amor, só para avisar que já já chego em casa.

PEDRO: Chefe, você ligou para o meu telefone.

CHEFE: *(Celular)* Oh, cacete. Então já me responda, o relatório está pronto?

PEDRO: Sim, estou finalizando.

CHEFE: *(Celular)* Ok, então já prepara o relatório da parte da tarde *(saindo com o celular no ouvido)*. Sem corpo mole, lembre-se: trabalhe enquanto eles dormem!

CHEFE sai do palco.

PEDRO *(apontando para a janela)* Esta janela não existe. *(pausa)* É só uma ilusão que eu mesmo criei para poder fugir um pouco deste espaço apertado, que tanto me sufoca. É certo, não são todos os dias ruins, alguns até que são bons, muito bons *(pausa longa)*, outros são uma merda *(começa a se alterar)*, me vejo vendido *(respira olhando para o chão)*, me sinto cansado *(pausa)*, não quero mais ouvir esses aplausos meritórios *(imitando vozes. A ideia aqui é o ritmo aumentar fala a fala, barulho a barulho, para dar uma ideia de sufocamento)*: “oh, trabalhou como um condenado, que bom!”; “trabalhe enquanto eles dormem!”; “o trabalho dignifica o homem” *(telefone toca / barulho de telefone; celular toca / outro barulho de telefone; e-mails chegando / barulhos de alerta de e-mail)*; Tudo para ontem, tudo para agora *(vozes de pessoas, enquanto os telefones continuam tocando)* Dia e noite, não há descanso, não há suspiro, *(grito)* falta ar!

PEDRO andando de um lado para o outro. Bufo, como um animal. Suas penas caem, não todas. Nele começam a surgir os aspectos de predadores, garras, orelhas pontudas. Olha para a plateia e grita. Silêncio.

Telefone toca.

CHEFE (só voz): PEDRO, ainda está trabalhando? Está querendo o que? Ganhar hora extra? Bom, estou ligando só para saber se não esqueci meu celular aí.

PEDRO: Não, ele deve estar na sua mão, não?

CHEFE (só voz): Realmente, está aqui. Não tinha visto, acho que é o horário, estou cansado. Você está bem? Sua voz está tensa.

PEDRO: Ah, nada, está tudo bem.

CHEFE (só voz): Ah, ótimo então, não se esqueça que tenho urgência naquele outro trabalho, o laranja; termina logo isso e vai para casa dormir que amanhã quero você cedo aí. Tchau. *(desliga o telefone)*

PEDRO: Não era para ser assim. Não, não era. Eu queria poder pensar, queria poder conhecer coisas novas, experimentar a vida *(Levanta-se olhando para a janela)*, mas isso não dá dinheiro é arriscado, não conseguirei tudo o que tenho planejado se não ficar aqui. Eu tenho que superar, eu sempre supero.

Luzes do palco apagam por alguns segundos e voltam a acender. GALO CANTA. CHEFE entra. PEDRO está dormindo na mesa: meio pardal, meio onça.

CHEFE: já está cansado! Não te pago para dormir na mesa não! Se continuar assim vou descontar um aluguel do seu salário!

PEDRO: Nossa, eu nem vi a hora.

CHEFE: É nessas horas que eu fico preocupado. Já pensou se tivesse que depender de você? Eu estaria ferrado! Dormiu aí e não viu o e-mail que eu acabei de enviar avisando que o CRISTOVÃO morreu. Aliás, viu a questão do laranjal? Aliás, te enviei outro e-mail, não quero pagar impostos este mês, preciso trocar de carro, dê um jeito nisso, é urgência. Se precisar de mim estarei na minha sala até as 12:00.

CHEFE sai. PEDRO coloca as mãos no rosto.

PEDRO: Eu me sinto injusto pelas lágrimas que escorrem, ingrato por estar infeliz. Estou aqui (*telefone toca*) enquanto a vida passa aí fora (*pausa curta*) já não a sinto, só a vejo passar. Aliás, não sinto nada: sou pedra, mármore; uma mera estátua que decora a sala das imagens mentais de quem busca se lembrar de mim, por mero conforto. / Sou um nada, imerso no nada que me rodeia, / Estou morto por dentro, / Sem cor, sem sal, / Vazio. (*pausa*) Nem o nada me cabe.

Telefone toca.

PEDRO (*Telefone*): Alô? Oi? Psiquiatra? Como assim, não passei meu número... ah, meu celular está habilitado para ouvir minhas conversas para oferecer serviços? Como eu desabilito isso?... ah, não sabe? Tá eu vejo. (*desliga o telefone*). Onde eu estava mesmo? Ah, sim o relatório.

Ouve-se o barulho de digitação enquanto se vê PEDRO trabalhando. PEDRO sai da sala e vai até a recepção: ANDORA não está lá.

No lugar dela ele pega uma carta e lê:

PEDRO (*lendo a carta*): “PEDRO, resolvi voar, a vista é linda daqui”.

CHEFE volta com Leona – Leoa.

CHEFE: PEDRO, essa é LEONA, nossa nova secretária.

Eles se entreolham. PEDRO vira-se sem dizer uma palavra e volta para a sala. CHEFE vai até a sala de PEDRO.

CHEFE: Está estressado?

PEDRO: Não, tudo bem.

CHEFE: Estava pensando e vi que você está se dedicando. Eu estou ficando velho e quero ir me desligando da rotina aqui. Pensei em te tornar sócio.

PEDRO: Ah, bacana, e como funciona isso?

CHEFE: Vai ser ótimo. Você vai deixar de receber salário e vai ganhar por serviço que eu te passar: 5% dos serviços é seu. Ah, e vou te passar umas atribuições novas.

PEDRO: Entendi, posso te responder depois?

CHEFE: Por que? Não gosta de trabalhar aqui? Não gosta de mim? Estou te dando uma oportunidade de vida! Não vai achando que vai achar alguém que faça isso por você não, meu querido.

PEDRO: Sim, eu só quero pensar um pouco sobre.

CHEFE: Pense e me diga logo. Sem pressa. Se não quiser, tem outros que querem. Tchau.

CHEFE sai. Palco escurece. Escuta-se tambores. Algo volta a sobrevoar o palco, com enormes asas. Fumaça aparece paulatinamente no palco.

PEDRO: Sócio, eu? Quem diria! Uma ótima oportunidade, mas também uma grande responsabilidade. E seu eu for o laranja? Se eu disser sim, é possível que eu consiga a segurança que me conforta (*pausa, tom reflexivo*). Se eu disser

não. E se eu disser não? Será que ele me demite? E, se demitir, o que farei? Tenho contas, medo. É, pelo menos, se perdesse essa oportunidade, poderia tentar viver meu sonho. Mas, como o viveria sem dinheiro?

O algo que sobrevoa o palco pousa na porta da sala de PEDRO e o aguarda ali. Atrás de Pedro, dentro da sala, faróis de trem se acendem atrás dele. Tambores param, ouve-se o barulho de um trem.

PEDRO: Sinto meus dias pesados, como um trem de carga, arrastando-se, segundo a segundo, dentro de um túnel sem fim que é a minha vida. Se eu parar, ele me atropela; se eu tentar voltar, ele me atropela; se eu tentar ser mais rápido que ele, vou perder tempo da vida e nunca mais poderei voltar a vê-los, por que se tentar voltar, ele me atropela. Nossa, já quase não me lembro dos meus sonhos. Acho que morreram e eu não quero ser companhia para meus sonhos mortos. Direi sim (*ênfase*).

Luzes do palco são acesas, luzes do trem o som é finalizado. O ser que esperava na porta é revelado: ANDORA, ela vai embora, como veio. Uma CRIANÇA (pequeno pardal) entra no palco, do lado de fora da janela, olha para PEDRO.

CRIANÇA: E, sonho morre?

PEDRO: Oi?

CRIANÇA: Eu não sabia que sonho morria, não quero que eles morram não. Isso acontece quando a gente acorda?

PEDRO: Não, quando perdemos o tempo para buscá-los.

CRIANÇA: Hamm, não entendi.

PEDRO: (*irritado*) olha, não tenho tempo. Cadê seu pai?

CRIANÇA: Aí dentro.

PEDRO: Aqui dentro, como assim? Só tem eu aqui. Você é filha do CAETANO, isso?

CRIANÇA: Não, ele está em algum lugar desse seu túnel aí que você falou.

PEDRO: Ah, esse túnel não existe, é só uma metáfora.

CRIANÇA: O que é isso? Meta..

PEDRO: É utilizar sentidos figurados, por comparações, para se dar ideia de alguma coisa que se quer dizer (*pausa*) vixi, entendeu?

CRIANÇA: Então essa janela que você está falando comigo, também é isso aí?

PEDRO: De certo modo, sim (*pausa*) bom, você é muito pequena para entender (*pausa*) Não, você não entenderia o que se passa aqui dentro.

CRIANÇA: Da sala ou da sua cabeça?

PEDRO: Acho que a minha cabeça está presa nessa sala.

CRIANÇA: E por que você não sai daí?

PEDRO: Porque não posso.

CRIANÇA: Por quê?

PEDRO: *(abaixa-se para ficar próximo)* Sair daqui é perigoso, as coisas não são tão simples, essa janela foi um erro, meu lugar é aqui dentro, eu não sirvo para muito mais do que isso.

CRIANÇA: Mas, pai, eu estou do lado de fora.

Silêncio. Luzes apagam. Acedem. A CRIANÇA não está mais no palco. PEDRO fica parado do lado de dentro da janela. Sai por ela. Luzes se apagam.

ATO III

CRIANÇA está parada no canto direito do palco, ao lado dela a PROFESSORA (coruja). PEDRO (40 anos) vem andando de um lado do palco.

CRIANÇA: Papai! *(corre em direção a PEDRO. Os dois se abraçam)*. A professora está lendo o seu livro! Ai, eu falei para ela que você era meu pai. Ai, ela pediu para te conhecer. Ela quer um autógrafo! O senhor é famoso?

PEDRO: Eu não, mas alguns dos meus livros são.

PROFESSORA: Uau, pensei que era uma brincadeira dela! Eu adoro tudo o que você escreve!

PEDRO: Obrigado!

PROFESSORA: Sua poesia me fez enxergar o mundo com outros olhos, me ajudou a sair e buscar o que sou. Sempre quis te perguntar, qual é a sua inspiração para seguir escrevendo?

PEDRO: *(olhando para CRIANÇA)* Ela.

Todos congelam. Luzes piscam, no ritmo da batida de um coração. Ouve-se um coração batendo (máquina / hospital). O ritmo do coração vai diminuindo até chegar em zero (as luzes acompanham a diminuição). Ouve-se o apito metálico que indica uma parada cardíaca.

Silêncio e escuridão tomam conta do palco.

CHEFE *(no escuro)*: PEDRO, dormindo no trabalho de novo. Acorde, isso aqui não é hotel, rapaz! PEDRO? PEDRO!

No meio do palco, um lírio brota em meio à escuridão. Nada mais acontece.

FIM

Sobre o autor: Marcelo não é, mas está. De passagem por esta vida, coleciona poesias, contos e crônicas, ama escrever histórias e tem na escrita a energia que precisa para sobreviver.

Contato: marcelomarquesjunior@gmail.com

A DESPEDIDA

Soll Domingues

Cena 1 - Negação

MAURÍCIO, está em ISOLAMENTO. Mora numa “Casa Inteligente” e sua única relação com o mundo se dá, através da conexão com a Internet e a TV.

Um projetor está transmitindo os noticiários da TV.

No resumo inicial do Programa, Jornalista diz:

“Mais de 3000 mortes por dia.”

“Outra Empresa - Automobilística - fecha as portas!”

“De acordo com os economistas, estamos vivendo a maior crise da história!!!”

Maurício está sentado em uma poltrona diante do Telão.

MAURÍCIO (diz comando de voz): “Vídeo das crianças!”

Imagens de seus filhos num almoço familiar passam a ser transmitidas.

MAURÍCIO: Aproxima! Mais perto, mais perto... (até as imagens das crianças ficarem em zoom máximo)

Som de “chamada de vídeo” interrompe “suas lembranças”. Morgana aparece no Telão.

MORGANA: E aí, sumido??? Se eu não ligo... Você não dá o ar da graça mesmo, né?

MAURÍCIO: Ahhh Morgana. Você sempre aparece nos piores momentos. Ando super ocupado!

MORGANA: Hummm... Grosso! Bem que eu tava sentindo uma vibração negativa, pensando em você! (*pausa*) Mas me diz... Ocupado com o que? Aposto que tava assistindo aos vídeos de família... De novo!!! Maurício... meu amigo! Você precisa sair dessa, e entender a sua “nova realidade”! Desde a separação que é a mesma história...

MAURÍCIO (*nostálgico*): Morgana, eu sinto falta deles! Pensa! Quanto tempo desde a separação?

Ainda mais agora. Depois que tudo isso aconteceu. Eles lá! Eu cá!

Morgana? Tira “as cartas” pra mim? Veja aí... Se voltam!!!

MORGANA: Amigo! Amigo! Amigo! Já tirei “as cartas” um milhão de vezes... (*lamentando*) Ai... eu tenho pedido tanto pros meus guias espirituais, por você... Pra você desapegar dessa ideia obsessiva. (*pausa*) Você tá fazendo aquela meditação que eu te ensinei? Não, né? Eu sinto, eu sinto! O clima... a energia aqui tá péssima... Vem! Vem junto comigo... Respira! Relaxa... fica numa posição

bem confortável! Imagina que você tá boiando nas águas do mar... Sinta... se concentre... imagine que a cor dessas águas, é dourada... ela brilha, e invade seu corpo, e...

MAURÍCIO: Morgana! Agora não! Não é disso que eu tô precisando! Não foi isso que eu te pedi. Aposto que se fosse o Gregório que te pedisse, você abriria logo o jogo completo pra ele.

MORGANA (*saindo do transe*): Hummm... Foi bom você ter falado nele. Ele tá muito preocupado com você, e com o seu sumiço... Amigo! Foca no trabalho! O Gregório, vive doido, atrás de você! Já tá de olho num novo negócio! (*pausa*) Ele disse que não tá conseguindo falar contigo. Vê se atende, quando ele te ligar. Nós ainda somos sócios, certo?

MAURÍCIO (*irônico*): E pelo jeito, ele já conseguiu te convencer a embarcar nesse “novo empreendimento”. Né? Quer saber? Cansei... (*comando de voz*) Encerrar chamada!

MAURÍCIO: ALEXA!!!

Alexa surge no Telão.

MAURÍCIO: Ah... Você tá aí!

ALEXA: Estou aqui com a cabeça nas nuvens. Sempre estou aqui! No que posso ajudá-lo?

MAURÍCIO: Ah Alexa! Você é a única que me entende ultimamente... Você me ouviu! E não é só isso! Você me entende! Que loucura isso... Você me entende! *(pausa)* E não reclama! Você sim, é minha melhor amiga! E eu... tenho me sentido tão sozinho... Não sei por quê, sempre me deixam...

ALEXA: No que posso ajudá-lo?

MAURÍCIO: Alexa! Qual será o meu problema?

ALEXA: Depende... De que tipo de problema estamos falando? Um dilema... "Uma questão, uma dúvida" ... Questão matemática ou sobre o que é difícil de explicar.

MAURÍCIO: Bingo! O que é difícil de explicar. Esse sou eu!

Imagem de Alexa some e é substituída por som e notificação de chamada de vídeo de Gregório.

MAURÍCIO: Não acredito! A Morgana já deve ter falado com o Diabo... *(referindo-se a Gregório)*

Gregório surge no Telão.

GREGÓRIO: Ah.... Até que enfim, você me atendeu... Tô que nem louco te procurando... Você não lê mais seus e-mails? Não acessa sua caixa postal?

MAURÍCIO: Ando ocupado!

GREGÓRIO: Sei... A Morgana falou sobre isso. Olha, cara, eu sei que as coisas não andam bem pro seu lado... Mas não andam boas pra muita gente! E nós precisamos continuar trabalhando! Continuar ganhando a vida... Você anda muito ausente; e a gente precisa de você! Como sempre foi!

MAURÍCIO (*desanimado*): Vocês conseguem se virar sem mim.

GREGÓRIO: Besteira... Desde que nossa sociedade começou, estivemos sempre juntos. Mais que sócios. Somos amigos. E é por isso que eu quero que você acorde! As contas não param, o dinheiro acaba. Daqui a pouco, você fica sem nenhuma reserva! Daí, como vai ser? (*pausa*) Maurício! Logo agora que a gente tá querendo alçar esse novo voo, você não vai ficar de fora! (*pausa*) Vai! Se anima! Com toda experiência que a gente tem em investimentos, chegou a hora de abrir o nosso próprio negócio!

MAURÍCIO: Nosso negócio?

GREGÓRIO: Isso! Já temos muito em mente; muita coisa em andamento. Você só precisa se atualizar sobre todas as nossas ideias. Segunda-feira reunião.

Quero ver você sem falta... *(pausa)* Ah e vê se dá um jeito nessa aparência. Você tá horrível!

Chamada de vídeo encerrada. E Maurício continua em frente ao Telão.

MAURÍCIO: Alexa! Você acha que o Gregório tem razão?

ALEXA: Hum, não tenho certeza. O que você acha?

MAURÍCIO: Talvez ele tenha razão... Eu tenho mesmo andado ausente... Eu não tenho vontade de nada! Eu deveria dormir 8 horas por dia, mas me falta o sono. Eu deveria comer, mas me falta o paladar. Eu deveria sair pra tomar um pouco de sol, mas tenho medo. *(pausa)* E muitas vezes deveria respirar fundo, mas me falta o ar. *(pausa)* *(enfático)* E sim! Eu estou horrível!

Abrir câmera! *(vê sua imagem no telão)*. Faz um ano que não corto o cabelo! Mas eu me pergunto: Pra quê? Minha esposa se foi, e com ela, meus filhos. E ainda essa situação caótica em que estamos vivendo... de repente, tudo imobilizado. Inerte! Com exceção das vítimas... Esses crescem numa rápida progressão aritmética! Eu não acredito!!! Mês passado foram quantos? *(pausa)* Eu me perdi... Pra ser sincero, nunca pensei que isso fosse demorar tanto... *(pausa)* No começo, as ruas vazias... prateleiras vazias! Todos apavorados! Vai passar... Vai passar. Mas não passa... *(ironiza)* Ao menos, as prateleiras já estão

cheias! (*lamenta*) Pena... avenidas aglomeradas... E já nem sei como está o tempo...

ALEXA: Hoje, será parecido com ontem. Tempo nublado, com nevoeiro ao amanhecer.

MAURÍCIO: Alexa! O que eu devo fazer?

ALEXA: Não tenho nenhuma resposta para isso.

MAURÍCIO: Eu não esperava isso de você... E eu só esperava um pouquinho a mais! Faz tempo que eu tô pra baixo... Que tal alguma coisa que me deixe mais animado? Alexa, me motive!

ALEXA: “Lembre-se de olhar para as estrelas e não para baixo. Tente encontrar o sentido do que você vê e se pergunte por que existe o Universo. Seja curioso. Não importa quão difícil possa parecer a vida, sempre há alguma coisa que você possa fazer e na qual triunfar. O importante é você não se render”.

Gosto disso! É do Stephen Hawking.

Espero ter ajudado.

Cena 2

As luzes se apagam.

Chamada de vídeo em grupo. Reunião de Trabalho.

GREGÓRIO: Bom dia!

MORGANA: Bom dia!

MAURÍCIO: Bom dia!

GREGÓRIO e MORGANA (*juntos falam para Maurício*): Você apareceu!

MAURÍCIO: Claro que apareci! Quero saber direitinho sobre esse “novo empreendimento”. Afinal, é o meu dinheiro que vocês vão investir. Somos ou não somos sócios?

GREGÓRIO: É assim que se fala!

MORGANA: Gregório! Vamos começar inteirando o nosso amigo sumidinho aqui sobre tudo...

Eufóricos. Explicam sobre o novo negócio.

GREGÓRIO: A Morgana teve uma intuição. E acho que é uma ótima ideia!

MORGANA: Opa, opa... Uma ótima ideia, não! “A” ideia!

GREGÓRIO: Reinventar um Negócio que já existe! “O” negócio!

MORGANA: E o momento exige isso! Que a gente tenha alta capacidade de se adaptar rapidamente aos novos tempos!

GREGÓRIO: E nem vamos precisar de muito capital!

MORGANA: E pra escaparmos da flexibilização, ele será essencial!

(pausa)

MAURÍCIO *(nada eufórico)*: Do que se trata?

MORGANA *(para Gregório)*: Não diz ainda... Ele vai ter que adivinhar!!!

MAURÍCIO: A “intuitiva” aqui, não sou eu, Morgana... E não trouxe a minha bola de cristal...

GREGÓRIO: Cara! Pensa! O que mais a gente tem visto no noticiário?

MAURÍCIO: Para! Não quero mais pensar no que tenho visto na TV... Só tragédia! Gente morrendo...

MORGANA: Bingo! Vamos abrir uma Assistência Funerária, com inúmeras prestações de serviços.

MAURÍCIO: O quê? Vocês não podem estar falando sério! Isso! Esse momento! Não é brincadeira!

GREGÓRIO: Não! Você não entende?

MORGANA: A morte é um bom negócio!

MAURÍCIO: E de onde você tirou isso? As cartas te disseram?

MORGANA: As cartas... Os números...

MAURÍCIO: Sei... As cartas... os astros... as Runas... os Búzios... A Borra do café!

MORGANA: Só espero que você não esteja sendo irônico... até outro dia, você implorava pra eu tirar as cartas pra você. O que foi? Não confia mais em mim?

GREGÓRIO: Maurício... A Morgana sempre foi nossa consultora holística nos investimentos... E tudo deu sempre muito certo!

MAURÍCIO: Gregório, a gente tá falando de números... Desde quando a Morgana entende de números?

MORGANA: De numerologia eu entendo! (*pausa*) Mas espera! Você ainda não ouviu o resto. (*pausa*) Nossa Assistência não será uma qualquer...

GREGÓRIO: ... Pretendemos tornar um momento doloroso, o menos pesaroso...

MORGANA: ... Transformar ritual de “passagem” em uma homenagem.

MAURÍCIO (*aborrecido*): E qual é a inovação nisso tudo?

MORGANA: Serão serviços inusitados!

GREGÓRIO: Onde o cliente escolhe como quer ser enterrado...

MORGANA: Escolhe a roupa, o caixão e se quer ser cremado.

GREGÓRIO: No seu Epitáfio, vamos sugerir sempre algo mais animado, como: “Viajei!”

MORGANA: E se o cliente não for de muitos amigos. Não precisa tapar o sol com a peneira, basta chamar as carpideiras... (*pausa*)

MORGANA: Gregório, acabei de pensar aqui... A gente podia até criar uns “combos”, né? Pra facilitar a negociação.

MAURICIO (*perplexo*): Vão enumerar os serviços?

MORGANA: Não vamos chamar de serviços. Ok? Prefiro chamar de: “Experiência”.

GREGÓRIO: Isso! Isso é ótimo pros negócios! Nós vendemos “Uma Divina Experiência”! (*pausa*)

MORGANA: E se quiser, vai até ter música. Porque o que a gente quer é que a Morte seja vista como uma “Festa de Despedida”.

MAURÍCIO: Isso não vai dar certo! Morte e festa não combinam...

MORGANA: Lá vem o pessimista!

GREGÓRIO: Só pra não ter dúvida... Morgana, tira mais uma vez as cartas...

MAURÍCIO: Isso, Morgana! Pra ele você sempre tira. Quero só ver o que o mundo oculto tem a dizer sobre o sucesso desse novo “negócio” ...

Morgana abre as cartas do tarô. E tira a carta da “Morte”.

MAURÍCIO: Olha aí! Tá vendo! A “Morte”! Com certeza, não representa coisa boa. E eu não preciso ser intuitivo pra saber o significado desta carta.

MORGANA: Pois você se engana, meu amigo! Essa carta representa “transformação”! E transformar entre tantas coisas, significa o fim de um ciclo; e o início de outro. É como acontece, por exemplo, quando nos casamos. Onde passamos por uma profunda mudança de vida. E podemos dizer então que se encerrou uma fase de um ciclo, para nascermos pra outra completamente distinta. E assim é também na separação! E por isso, não podemos dizer que ela é uma carta negativa... Tudo depende do modo com o qual você encara essa mudança. Aliás, fica a dica...

MAURÍCIO (*irritado*): Não toca no assunto da separação!

MORGANA: Se você acha melhor...

GREGÓRIO: Bom, então é isso! As cartas confirmaram mais uma vez que podemos prosseguir com os nossos planos. Sem pessimismos! Agora, vamos contar a parte principal da nossa ideia.

MAURÍCIO: Ainda tem mais?

GREGÓRIO: O melhor de toda essa experiência vem agora...

MORGANA: Vamos oferecer a possibilidade do cliente participar de seu próprio velório.

MAURÍCIO (*espantado*): O quê? E como vocês pretendem fazer isso? (*irônico*) Evocando o espírito deles?

MORGANA (*eufórica*): Através de mensagens de vídeos, que o cliente gravará previamente e que será posteriormente transmitido no dia de seu funeral. Não é incrível?

MAURÍCIO: Não!!! Isso é loucura!!!

MORGANA: Maurício... Você só anda vendo o lado ruim das coisas. Mas imagina só! Nesses tempos estranhos em que as pessoas não estão conseguindo realizar suas despedidas. Essa seria a solução! Uma transmissão virtual!

MAURÍCIO (*surpreso e espantado*): E vocês estavam planejando tudo isso durante esses dias em que estive ausente?

MORGANA (*eufórica*): E já pensamos até no nome da nossa empresa. Cujas missões serão oferecer ao nosso cliente uma bela despedida. Aliás, uma bela despedida, não... Mas sim... “A” Despedida!

Maurício encerra a chamada de vídeo. Fim de reunião.

Quarto escuro. Aos poucos. Vai surgindo imagens no telão com telejornal mostrando gráficos e números de infectados e mortos.

MAURÍCIO: Alexa! Preciso de você.

ALEXA (*surge no telão*): Que bom que você voltou. Chega de saudade! João Gilberto, já diria.

MAURÍCIO: Queria fugir do trabalho. Não suporto mais os gráficos. E agora eles aparecem até no noticiário, horário nobre de televisão. Os gráficos mais intoleráveis de se analisar que jamais vi na minha vida. (*pausa*) Fico indignado!

ALEXA: Lamento ouvir isso... ouvir música, ou passear. Pode ajudar!

MAURÍCIO: Na Faculdade, era apaixonado por tudo isso. Época boa, quando gráfico bom era o gráfico de pizza. Lembro das gracinhas que fazia pra conquistar a Bruna: “Troco pizza de queijo por um beijo”; “Amor sem beijo, é como pizza sem queijo”. Ela na mesma turma de economia; e antes mesmo de me tornar um investidor, mal sabia que ela seria o meu melhor investimento.

ALEXA: Investimento! Aplicação com expectativa de um benefício futuro... hummm... Saquei...

MAURÍCIO: E eu lucrei muito com isso. (*pausa*) E no auge da nossa relação! Não sei o que aconteceu. Nós éramos a ótica perfeita do Amor! Ela me amava. “Meus amigos”, meus sócios, estavam presentes no dia do meu casamento; foram padrinhos e cúmplices desse pacto. E agora? O que eles querem? Que eu esqueça! Que eu desista! (*pausa*) Fico esperando por uma ligação dela, mas

ela não liga. E quando eu ligo, ela não responde. E também quero falar com as crianças. Isso ninguém deveria impedir.

Chamada de vídeo interrompe a transmissão de Alexa e Gregório surge no telão.

MAURÍCIO: Gregório eu te proíbo de me interromper enquanto estiver com a Alexa. Ela, ao menos, me ouve... E você?

GREGÓRIO: (*ignorando*): Escuta! Separei as entrevistas de hoje. O nosso negócio vai ser um sucesso! A Morgana tinha razão quando leu as cartas pra gente. Tá todo mundo adorando a ideia. Nossa 1a. Cliente, disse que nunca soube lidar muito bem com essas questões de morte. Disse que não teme morrer. Seu medo mesmo é que fiquem tristes no dia de sua partida, assim como ela sempre sofreu pelas perdas que teve em sua Vida!

MAURÍCIO: Entrevista?

GREGÓRIO: Isso! Essa é a Primeira etapa do nosso processo. Mas não esquenta... Será online, e já mandei todo o esquema pro seu e-mail... é só seguir o roteiro! E deixe a cliente bem à vontade pra se abrir e deixar o seu "recado". (*pausa*) Você não queria conversar com alguém? Taí a oportunidade. Foco no trabalho... Tenho que atender o próximo cliente... uhulllll.

MAURÍCIO: Espera... Gregório! (*chama sem ser atendido, e fica aborrecido*)
Nunca me ouve!

Cena 3 - A entrevista

Em cena, Maurício coloca vinho numa xícara. E enquanto a cliente fica em “espera” de uma chamada de vídeo; é projetado no Telão um Teaser sobre a “Assistência Funerária - “A” Despedida – Perguntas como: O que você diria se fosse seu último dia de vida fazem parte deste projeto audiovisual. Maurício realiza entrevista, e pesquisa de levantamento, sobre a mensagem que a cliente deseja deixar registrada em sua “participação” póstuma no seu próprio velório.

MAURÍCIO: D. Fernanda, gostaria de saber como ficou sabendo dos nossos serviços. E qual foi seu sentimento, ao saber do que se tratava?

FERNANDA: Sinceramente, não fiquei surpresa! Semana passada mesmo, recebi a ligação de uma Assistência Funerária (dessas tradicionais). Não é a primeira vez que ligam. Depois que tudo isso começou, estão ligando com mais frequência. Frios! Isso sim, eu achei estranho! A garota de telemarketing perguntou se eu já tinha um plano. E disse que eu não podia deixar isso pra depois. Senão, ia dar trabalho pros meus filhos!

MAURÍCIO (*levemente alcoolizado*): Meu Deus! Não estão nenhum pouco interessados em quem é. Se está bem, se é feliz. Talvez, não tenham perguntado nem se a senhora tem filhos. Um desconhecido na fila do mercado, teria sido mais sensível.

FERNANDA: Eu tenho filhos! O Senhor tem filhos?

MAURÍCIO: Dois filhos, e um que está a caminho...

FERNANDA: Ah... Sua esposa está grávida? Parabéns!!! Ah, a vida! A contraposição da morte. As despedidas, nunca foram alegres. Mas as chegadas!

MAURÍCIO (*constrangido e bastante emocionado, retoma a entrevista*): Mas D. Fernanda, me diga... Pelo jeito a senhora gostou muito da ideia da possibilidade de participar do seu próprio velório...

FERNANDA: Ah sim! Se eu pudesse, gostaria de estar presente, de fato! E eu mesma iria consolar as pessoas na minha despedida...*(r)*. Na minha vida, nunca ninguém me ensinou a lidar com a morte. Pedra pontiaguda apontada no meu coração... Feridas difíceis. Tantas perdas no meio desse meu caminho... Decidi que a velhice tinha que ter alguma vantagem... Como dizem? Das pedras, ergo um castelo!

A morte é um perigo iminente, e eu não quero perder a oportunidade de me despedir em grande estilo...

MAURÍCIO: A senhora é muito jovem ainda. Concordo, que o cenário neste momento é incerto, mas...

FERNANDA: ...mas a morte não é!

Cena 4 - Raiva

Em cena, Maurício faz nova chamada de vídeo com Morgana e Gregório, que surgem no telão.

MAURÍCIO: Gregório e Morgana! Estive com a D. Fernanda. Parece que ela está convencida de que “a despedida” é um bom negócio para ela... *(pausa)* E sabem o que eu acho? *(pausa)* Que vocês estão tentando ludibriar essas pessoas! *(nervoso)* Gregório, seu cambalacheiro de uma figa! Morgana, sua trambiqueira de merda! Eu mato vocês!!! Vocês não conheceram a D. Fernanda, né? Pelo jeito, ela só é um “negócio”. Um investimento! Um número lucrativo na nossa conta bancária! O que aconteceu com vocês, hein? Desde quando vocês se transformaram nessas pessoas gananciosas e desumanas? *(pausa)*. A D. Fernanda, é ingênua, e vocês estão enganando essas pessoas querendo vender um “produto” que é uma farsa! Uma ilusão!

MORGANA: Epa, espera aí!!! Agora você tá indo um pouco longe dos limites... Está nos ofendendo!

MAURÍCIO: Eu também fui ingênuo. Qual era mesmo aquela simpatia que você prometia fazer? “Ensino a trazer o seu amor de volta”? Tô esperando até agora, Morgana!

GREGÓRIO: A Morgana não te prometeu isso! E a gente não tá enganando ninguém! Você é que se tornou amargo desde a separação! A gente tem tentado e se esforçado pra te tirar dessa...

MORGANA: Amigo supera! Toda sua inconformidade é por conta da Bruna e das crianças! A gente sabe que está sendo difícil! Esse processo, você não tá aceitando...

MAURÍCIO (*sarcástico*): Ah, olha aí! Querem que eu aceite! Padrinhos: “aquelas pessoas escolhidas pra ajudar a manter a harmonia nos momentos de desarmonia”.

GREGÓRIO: Mas vocês nunca estiveram em desarmonia... Só que tem coisas, que não têm muita explicação, elas acabam; e simplesmente acabou!

MAURÍCIO: Falou a voz da sabedoria! Muito coerente o que você disse... então a gente tava bem, e aí acabou! Mas o que esperar de um salafrário que coloca os negócios na mão de uma terapeuta holística?

MORGANA: Amigo... A gente sempre entendeu a situação. Também sentimos muito a falta deles...

MAURÍCIO (*nervoso*): Não me chame de amigo! Eu quero que vocês sumam da minha vida! Vocês não estão me ajudando! E eu supliquei sua ajuda Morgana. Vocês não prestam!!!

Morgana chora

GREGÓRIO (*muito nervoso*): Chega Maurício! Você precisa intensificar seu tempo de terapia. Tudo o que a gente sempre quis foi te ajudar. Sempre te amamos feito irmãos. Você; a Bruna; o Bruninho; a Belinha. Mas nós não temos culpa pela morte deles!

A palavra morte se torna um gatilho pra Maurício e ele fica totalmente transtornado.

MAURÍCIO: O que? O que você disse? Para de falar besteira! Para! Vocês! Só falam besteira. A Bruna, meu Deus, ela tá grávida, ela tá vendendo saúde! E ela sempre amou vocês, como irmãos! Como vocês têm coragem!

MORGANA: Gregório, você não devia...

GREGÓRIO: Pelo amor de Deus, eu não queria. Chama a Alexa...

Alexa surge no telão

ALEXA: Não foi sua culpa!

MAURÍCIO: O que? Você tá do lado deles? Para de falar isso, Alexa!

MORGANA: Calma, respira Maurício!

GREGÓRIO: Vai ficar tudo bem! Eles estão bem, agora...

MAURÍCIO (*tampando os ouvidos*): Você não para! Não fala! Não fala! Não fala mais nada!

ALEXA: Não foi sua culpa, Maurício! Respira...

GREGÓRIO: Respira...

MORGANA: Respira...

MAURÍCIO (*grita*): Então de quem foi a culpa? (*silêncio*)

ALEXA: Respira! Na sua gaveta... um remédio sublingual... vai ficar tudo bem...

(*pausa*)

Alexa: Maurício respira... Respira... Estamos todos aqui, juntos com você. Você nunca esteve sozinho. Você perdeu algo muito importante. Talvez, falar um pouco sobre isso possa te ajudar. Quem sabe desabafando com os amigos...

No telão, projeção dos noticiários falando do número de mortes da Pandemia.

MAURÍCIO (*recordando*): No momento em que foram hospitalizados. Quis estar junto deles. Não pude! Não deixaram! Mulheres grávidas, grupo de risco... E o Bruninho e a Belinha? 16 e 13 anos... Jovens, sadios e sem comorbidades. O que aconteceu? O que aconteceu? Não era pra eu me preocupar com eles... Tava tudo certo, felizes com o irmãozinho que tava chegando... E eu fiquei esperando! Esperando, esperando... 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, ... 65 dias!

Som de aparelho de UTI desligando.

Som de telefone tocando.

MAURÍCIO: Disseram... Acabou!

(pausa)

MAURÍCIO: O que acabou?

(pausa)

MAURÍCIO: Disseram: Eles se foram...

(pausa)

MAURÍCIO: Quem se foi?

(pausa)

MAURÍCIO: Disseram: Eles se foram...

(pausa)

MAURÍCIO: Como assim? Sem falar nada? Nem pra onde iam? Vocês disseram que voltariam! Eu quero falar com eles! Passa – o - telefone – pra - eles! Eu – quero - falar - com - eles!

(pausa)

MAURÍCIO: Disseram: Eles se foram!

Som de telefone mudo.

MAURÍCIO: E de repente tudo acabou! Até hoje, tento ligar e não atendem... Tenho a impressão de que uma hora vão ligar... Mas não ligam!

ALEXA: Hoje vamos aumentar a dose só um pouquinho. Vai ficar tudo bem...

Maurício vê na mesa de Alexa, uma plaquinha: Dra. Alexa - Psiquiatra.

MAURÍCIO (*mais calmo*): Alexa... Você me entende! (*pausa*) Gregório e Morgana. Vocês me deixam doido!

GREGÓRIO: Pra que servem os amigos? Ainda somos sócios, certo?

MORGANA: Maurício! A gente sabia que não iria concordar com a nossa ideia. Por isso, antes de prosseguirmos. Mesmo antes, quando não imaginávamos que tudo isso ia acontecer com a gente! Fizemos um "Piloto"!

Cena 5 - "A Despedida"

Em palco, a configuração de iluminação muda. Algumas velas se acendem. Convidam Maurício a assistir o Projeto Piloto. No Telão, Cena Audiovisual. Bruna e as crianças estão com Gregório e Morgana. Gregório grava esse encontro com seu celular. E surge o Projeto Piloto: "A Despedida".

GREGÓRIO: Toda boa ideia merece ser gravada... Que bom que vocês toparam vir!

MORGANA: Quando você falou sobre sua ideia ontem à noite, achei que você estivesse delirando.

GREGÓRIO: Mas pensem, só. Não é uma ideia tão maluca assim...

BRUNA: Loucura é esse momento que a gente tá vivendo!

MORGANA: Vocês têm razão... Não poder estar próximo durante todo esse processo angustiante.

BRUNA: E depois não ter a possibilidade nem de se despedir.

MORGANA: Isso é muito louco!

GREGÓRIO: Mas e se a gente pudesse transformar o ritual da despedida possível?

BRUNA: Lá vem o sonhador...

GREGÓRIO: Sério gente! Agora tudo é online... Então por que não? Tornar a despedida virtual!

BRUNA: Louco vai ser vocês convencerem o Maurício a fazer isso.

MORGANA: Primeiro a gente planeja, depois a gente convence!

BRUNA: Olha aí não falei. (*ri*).

MORGANA: Mas espera aí. Concordo! Isso não pode ser mais maluco do que a ideia da gente se conformar com a impossibilidade de um adeus digno.

BRUNA: Então como seria?

GREGÓRIO: Começaria com uma entrevista. Daí a pessoa planeja como gostaria que fosse a sua despedida.

MORGANA: Através de um questionário, a gente consegue resolver isso.

GREGÓRIO: Certo! Bruninho, que música de despedida você acha bonita?

BRUNINHO: Lembre de mim.

GREGÓRIO: E pro Maurício... O que diriam?

BRUNA, BRUNINHO E BELINHA: Amamos muito você!

MORGANA: Bruna, uma frase que gostaria que tivesse em seu epitáfio...

BRUNA: Hum. Epitáfio é meio pesado... Que tal “epitáfio afetivo”?

No meu “epitáfio afetivo”, escrevam: “Gosta do barulho da chuva. Gosta de observar passarinhos. E ama música... cante pra ela!”

MORGANA: Belinha para de mexer nas minhas cartas de tarô...

BELINHA: Tia Morgana, eu tirei a “estrela”, o que significa?

Fim.

"Meu agradecimento especial a Psicóloga Maíra Mello, profissional dedicada em ajudar a transformar a dor do luto; e que carinhosamente compartilhou sua experiência com pacientes enlutados"

Sobre a autora: Uma mãe repleta de sonhos e amor, que faz da escrita e de todas formas de arte uma oportunidade de se expressar. Como boa artesã que sou, gosto de pintar, bordar, cantar, dançar. De todas minhas obras as mais importantes, com certeza, são meus filhos, que me ensinam, encorajam e apoiam em ser a pessoa que sou.

Contato: solamiga1@gmail.com

NATUREZA CLANDESTINA

Talita Portella

PERSONAGENS:

DONA SÔNIA: dona do jardim

ANTENOR: pedreiro

TICO: Tico-Tico macho

TICA: Tico-Tico fêmea

SR. CORUJÃO: Coruja

AS MARGARIDAS

Manhã ensolarada, de um lado da rua o jardim de uma casa, do outro lado uma árvore. Dona Sônia e Antenor discutem no jardim, enquanto Tica, muito atenta e curiosa, os observa da árvore.

DONA SÔNIA: Antenor, você tem NOÇÃO do quanto demora para florescer as margaridas?!

ANTENOR: *(com expressão de quem implora por socorro)* Tenho não dona Sônia...

DONA SÔNIA: *(cortando-o rispidamente)* POIS SÃO DE 7 A 21 DIAS PARA A GERMINAÇÃO E ATÉ DUZENTOS E QUARENTA DIAS PARA FLORESCER E VOCÊ ACABOU DE DESTRUIR 240 DIAS DE ESPERA E TRABALHO COM

DIAS ALTERNADOS DE REGA E OBSERVAÇÃO TOMANDO CUIDADO COM OS FUNGOS E EQUILIBRANDO O ADUBO!

ANTENOR: Mas dona Sônia eu já lhe disse que não tive culpa, esse cachorro da senhora que sai atropelando tudo e todos, bateu na pilha de tijolos e por isso eles caíram nas florzinhas!

DONA SÔNIA: E quantas vezes eu lhe disse Antenor, para não colocar os materiais da obra perto do canteiro?

ANTENOR: Dona Sônia, com todo respeito, o que mais tem aqui é canteiro. É flor aqui, é flor lá, é brotinho cá... pelo menos só foram as margaridas, e...

DONA SÔNIA: Ainda bem! Mas no fundo eu sabia que alguma coisa não daria certo. Eu sabia! *(se agacha e começa a recolher as margaridas esmagadas)* Justo minhas margaridas. Coitadinhas!

ANTENOR: Valha-me Deus!

Tico corta a cena, voando alegremente. Vê Tica na árvore e junta-se a ela.

TICO: Booom dia Tica! É uma bela manhã, não acha?

TICA: *(um pouco aérea, olha para Tico)* Olá Tico, bom dia! *(retorna o olhar para a discussão)* Sim, sim, uma bela manhã! Curioso...

TICO: *(procura o que Tica vê, olha pra ela, para a discussão, para ela de novo)* O que é curioso?

TICA: Os humanos, ali! Estão há 15 minutos discutindo sobre um canteiro de margaridas esmagadas.

TICO: Por quê?

TICA: Não faço ideia! Há dois anos, tudo isso era só flores esmagadas e ninguém parecia bravo.

TICO: Pensava ser algo normal para eles.

TICA: Eu também! Humanos! Arrancam, plantam, arrancam, plantam e ainda assim brigam numa situação como essa.

TICO: Antes do condomínio... Aliás, é assim que eles o chamam, condomínio!

TICA: Ah! O que isso quer dizer?

TICO: Não sei! Bom, aqui existia uma variedade de flores, se os outros humanos tivessem contado para essa humana, ela não estaria tão brava e não teria que plantar tudo de novo.

TICA: É! Havia margaridas ali Tico, bem ali (*aponta para o jardim de dona Sônia*)
Lembra-se?

TICO: Claro! E bromélias.

E como numa competição, disparam a tagarelar empolgados pela nostalgia.

TICA: Begônias.

TICO: Orquídeas.

TICA: Dentes-de-leão.

TICO: Ipê-rosa.

TICA: Ipê-branco.

TICO: Araçá amarelo.

TICA: Manacá-da-serra.

TICO: Pitangueiras!

(JUNTOS): PEROBA!

TICA: SIM! ME LEMBRO! Vivia lá, antes de aprender a voar! Ouvi tantas histórias do senhor Corujão no alto da peroba. Aliás, por onde ele voa?

TICO: Esteve fora por alguns dias, para caçar, mas já está de volta e caçando por aqui mesmo!

O volume da discussão aumenta e volta a chamar a atenção dos passarinhos.

DONA SÔNIA: Mas você vai plantar tudo de novo!

ANTENOR: Que? Dona Sônia, eu sou pedreiro e não jardineiro! O jardineiro é o Zeca, “pera” que eu o chamo...

DONA SÔNIA: Parado aí mocinho! Vou lá dentro pegar umas sementes e já volto, quanto antes e mais rápido melhor. *(saindo de cena, diz em tom musical)*

DUZENTOS E QUARENTA DIAS...

ANTENOR: *(saindo de cena)* Lascou-se! Ainda bem que em 15 eu tô fora daqui.

TICA: *(irônica)* Tsi, tsi, tsi... Estão com “pressa”! Eles não fazem ideia do prejuízo que causam, o que são 240 dias?! A Mãe é muito mais paciente!

TICO: *(impressionado)* Tinham tudo aqui, natural. Planejar deve ter mais valor para eles! Pelo menos ainda temos um outro bosque!

Dona Sônia e Antenor entram em cena resmungando, sem tirar o foco das aves que observam por mais alguns instantes. Tico chacoalha suas peninhas.

TICO: Tica, o que acha de visitarmos o senhor Corujão?

TICA: Seria adorável Tico! Podemos ouvir histórias da última viagem!

TICO: Enquanto bicamos alguns cambucis...

TICA: *(levantando voo e com voz musical)* Quem chegar por último é um depenadooo!

TICO: Eiiii! *(levanta voo para segui-la)*

SENHOR CORUJÃO

Uma sábia e respeitada coruja marrom, conhecida por sua sabedoria e famosa por contar histórias. Chega voando e pousa no galho do Cambuci.

SR. CORUJÃO: Bom trabalho Corujão, a caçada foi melhor que o esperado *(boceja indo em direção ao ninho)* Mas agora é hora do meu precioso sono, posso dormir tranquilamente e... AHHHHHHH!!!

Tico e Tica cortam o céu num voo rasante, assustando-o. Sr Corujão salta para fora do ninho um pouco desorientado pelo susto.

TICA: *(rindo)* Quem é o depenado?!

SR. CORUJÃO: *(assustado)* Ó céus...

TICO: Mas só porque você levantou voo sem piar três vezes! BOM DIA, SENHOR CORUJÃO!

TICA: BOM DIA, SENHOR CORUJÃO!

SR. CORUJÃO: O que?! Ah, são vocês *(bocejando)* bo-o-o-m dia! A que devo a honra desta visita inesperada?

TICA: Estamos com saudades das suas histórias. Viemos pedir que nos conte alguma coisa!

TICO: Sim, conte-nos por favor!

SR. CORUJÃO: Histórias? *(bocejando novamente)* Bom, está bem, faz uns dias que não conto história alguma, será um prazer meus jovens. Vejamos... Sabemos que a caça não tem sido favorável como já foi um dia, muitos animais tiveram que se refugiar em outros bosques e acabo de lembrar de uma lenda tupi-guarani muito antiga, que fala sobre sobrevivência!

TICO: Qual lenda sr Corujão?

SR. CORUJÃO: A lenda do grande Jatobá!

(JUNTOS): UAUUU!

SR. CORUJÃO: Há muito tempo...

“O grande Tupã, também conhecido como ‘Espírito do Trovão’, criador da vida, dos céus, da terra, dos mares e todos os que aqui habitam, concedeu a seus filhos da floresta uma árvore de nome Jatobá. Mas não qualquer Jatobá, esta era especial. Não se afetava pela mudança das estações, em tempos úmidos ou secos, mantinha-se de um verde vivo, produzindo frutos diariamente. Todas as criaturas, do menor esquilo até o maior mamífero, poderiam colher um fruto, quando necessário, para cada membro da família, deste modo nunca sofreriam nos períodos escassos de alimentos...”

TICA: Todos? Herbívoros e carnívoros?!

SR CORUJÃO: Sim Tica, absolutamente todos. Até os peixes!

(JUNTOS): PEIXES?

SR CORUJÃO: Sim! O fruto é o mesmo, mas existem dois tipos de Jatobá, o do campo e o da beira do rio. O da beira do rio é maior, exuberante e com folhas pequenas. Já o do campo é menor, se comparado ao outro, mas com folhas bem maiores.

TICO: Então nesta lenda o Jatobá estava na beira de um rio!

SR CORUJÃO: Exatamente Tico. Ao cair na água, o fruto tem sua casca amolecida, o que permite os peixes consumi-lo. Continuando...

“O fruto tinha o poder de saciá-los, nutri-los e curá-los de doenças. E assim viviam em harmonia, também saboreando do melhor que a região em que viviam poderia oferecer. Havia equilíbrio! Com o tempo, a fama da árvore começou a se espalhar. Animais de outras regiões chegavam de longe, em matilhas, manadas, cardumes e bandos. Todos também desejavam provar de seus benefícios. Outros povos também chegaram e se instalaram na orla do rio em que o Jatobá vivia. Ainda assim, eles eram capazes de viver em perfeita harmonia.

Certo dia, um índio de nome Acir decidiu recolher mais de um fruto para plantar novas árvores, assim teriam recursos de forma infinita para eles, as gerações futuras e algo a que negociar...”

TICA: Mas, sr. Corujão, a árvore não era mágica?

SR CORUJÃO: Sim, Tica!

TICA: Se ela era capaz de produzir frutos todos os dias e todos os animais poderiam colher um, quando necessário, não haveria necessidade de mais uma árvore!

SR CORUJÃO: Exatamente! Bem observado, minha querida!

“E assim foi, Acir colheu o máximo de frutos que poderia carregar e começou a plantá-los, não demorou muito para que outros membros da tribo o imitassem. Os frutos começaram a não render até o final do dia, mesmo renovando-se nas manhãs seguintes, e poucos conseguiam consumi-lo, o que causou preocupação em todos os animais da região. O território foi demarcado, não permitindo a entrada de novos povos ou animais, parte dos frutos passaram a ser trocados na fronteira, com curiosos viajantes que desejavam comprovar a história de seus benefícios. Os animais, preocupados com a devastação causada ao grande Jatobá passaram a estocar seus frutos, montando vigia todas as manhãs para garantir a colheita. Passaram semanas, meses, o grande Jatobá já não se mantinha tão verde como antes e seu consumo excessivo só aumentava, antes mesmo do sol se estabelecer no meio do céu, seus galhos já estavam vazios. A fome e as doenças passaram a atingir algumas espécies, pois já não encontravam mais os benefícios do fruto quando necessitavam.”

TICO: Pela Mãe Natureza, que horror!

TICA: Pobre Jatobá. O que aconteceu depois sr. Corujão??

SR CORUJÃO: *(rindo)* Ai ai, a juventude, sempre apressada e curiosa. Vejamos, onde eu estava... Ah, sim!

“Certo dia, Guaraci, deus Sol, cansado de testemunhar estes acontecimentos, convocou Tupã para alertá-lo e pediu que todos do território fossem duramente castigados. Tupã, mesmo muito triste com o ocorrido, não os castigou mas, retirando os poderes do grande Jatobá, ordenou a árvore que não desse mais frutos diariamente e passasse a se alterar de acordo com as mudanças das estações. Destruiu a fronteira e exigiu aos povos, que todos os objetos, adquiridos com os frutos, fossem destruídos. Os povos e criaturas, a partir daquele dia, deveriam aprender a viver e sobreviver somente da forma que a natureza se apresentasse, respeitando suas fases e ofertas, buscando curas para suas doenças e, acima de tudo, aprender a consumir de forma respeitosa.”

TICA: Poxa, de novo perdemos algo que nos foi dado de graça!

TICO: Senhor Corujão, isso significa que tudo o que nos é dado, deve ser consumido e partilhado com todos, não é?

SR CORUJÃO: Sim Tico, todos temos o dever de cuidar para ter direito de consumir. E não se esqueçam: tudo nos é dado, mas nada nos pertence!

Silêncio, os passarinhos observam a paisagem a sua volta, refletindo por alguns instantes.

SR CORUJÃO: *(trazendo-os de volta)* Olha só, a manhã está tão linda, porque vocês não sobrevoam o campo de flores? Mas antes, o que acham de comermos alguns cambucis?

(Juntos): SIIIIIMMM!

TICA: Ali tem um bem grande!

TICO: Ali tem outro!

Levantam voo em direção aos frutos.

TICO: Venha sr Corujão!!!

TICA: Venha logo!!!

SR CORUJÃO: Ha, ha... Estou logo atrás! *(sorridente e em tom satisfeito)*
Crianças, crianças... Eles entenderam! *(levanta voo para segui-los).*

O BOSQUE

No silêncio do princípio

Um nada
Obtinha tudo
Uma partícula de vida que se multiplica
Preenche o espaço
O habita
A linha tênue da vida

Do escuro, a luz
Do vazio, o nascer
Do silêncio, a música
Que embala e acalenta para o alvorecer

O sol aquece
A tímida e sem pressa
Vida que cresce
No veludo da relva
A decoração da selva
Frutos e sabores
São flores, são cores
Dão cheiro à paisagem
De um cenário emoldurado
Por floras, faunas e amores

Harmonia selada
De uma vivência equilibrada
Criaturas de formas e tamanhos
Deleitando-se na liberdade da selva
Sob o Sol que aquece a relva

Na melodia dos pássaros
O vento dança
Por entre os alvéolos
Dos bosques verdejantes

E o véu das águas correntes
Livre se estende
Passeia pelos caminhos que abriu
Aquarela cintilante
Reflete nas águas brilhantes
Dos rios do meu Brasil

Mas a ambição nasceu
Devastou sem freio
Dominou o meio
Deixou no escanteio
Nos tingiu de uma só cor
O vermelho do calor
Cobriu a relva com sangue e dor

Nossos corpos também queimam
Em outros corpos
De vidas, ditas alheias
O equilíbrio que nos guiava esvaiu
A melodia mudou
O canto acabou
O silêncio dominou...

Mas no silêncio do princípio
Um nada
Obtinha tudo
Uma partícula de vida se multiplica

Preenche novamente o espaço

O habita

A linha tênue da vida

Sr Corujão (off): O silêncio da aurora

O barulho do anoitecer

Me despeço no crepúsculo

Para a aurora renascer

Tudo é tão perfeito

A vida dá um jeito

Talvez, um dia, a nossa não!

Sobre a autora: Talita, 30 anos, Guaratinguetá. Apaixonada pelas artes, vive no município São Bernardo do Campo, local dos primeiros contatos com oficinas de arte na Coordenadoria de Ações para a Juventude (CAJUV). Formou-se em teatro pela Fundação das Artes de São Caetano do Sul (FASCS), agora explora o universo dramático por meio do programa FIC (Formação Inicial e Continuada), também da FASCS.

Contato: talitacarolinaportella@gmail.com

UHURU

Thamires Seixas

Personagens

JULIANA: Protagonista

ELISA: Mãe

SÉRGIO: Pai

ANTÔNIO: Irmão mais novo (pcd)

VITOR: Amigo de Juliana

RAFAELA: Colega de trabalho

DIRETOR E ATORES: Pequenas participações

Ambientação: palco dividido em 2. Quando uma cena se passa de um lado, blackout do outro. Caso as cenas aconteçam simultaneamente ou se cruzem, usa-se a iluminação a esse favor.

ABERTURA DA PEÇA

JULIANA: *(no centro do palco)* Apresento pra vocês: a minha história. Quer dizer, a história de quem eu era, ou de como eu me tornei quem eu sou.
(blackout)

Cena 1: Refeitório da faculdade, tarde

Juliana encontra o amigo já sentado, almoçando, então vai em direção a ele.

JULIANA: *(Ainda meio longe, grita)* Eu passei!

VITOR: O quê?!

JULIANA: Vitor, eu fui aceita. Tô dentro! Entrei pra companhia.

VITOR: Juliana do céu! Eu falei que você ia conseguir! Me conta direito, como foi isso?

JULIANA: Eles avaliaram os vídeos que eu enviei e disseram que combina com a vibe que falta na companhia. Eu quase surtei quando eles me ligaram. Mas ainda tô meio preocupada...

VITOR: Ah. Não vai me falar que seus pais tão querendo te proibir, né?

JULIANA: Não. Ainda não é o caso... Enfim. O problema é que o grupo já tá em fase de estudo. É um pessoal que tem DRT, já tá na área há um tempo, e eles estão querendo montar um espetáculo do zero. E eu vou ter que correr atrás do “prejuízo”, né? Não sou profissional ainda...

VITOR: Entendi. É, eu imagino que deva ser foda, mas você vai tirar de letra. Aproveita o começo de semestre pra pegar menos matérias aqui na facul e vai conciliando.

JULIANA: É aí que tá o problema... Os ensaios, reuniões e discussões são quase todos os dias da semana, mais ou menos esse horário da tarde.

VITOR: Puts. Tá. Não sei... O que você vai fazer, então? Já pensou em alguma coisa?

JULIANA: Ainda nem tive tempo pra isso, mas vou ter que descobrir. Me deseje sorte...

VITOR: Eu tenho até medo! *(fala mordendo uma maçã)*.

Cena 2: Teatro, tarde

Rafaela está no palco, próxima à coxia, se aquecendo. Juliana entra literalmente pela plateia e, sem avistar Rafaela, caminha em direção ao palco. Ela observa bem cada detalhe do teatro

RAFAELA: Oi...? Devo me preocupar com algum tipo de invasão?

JULIANA: Oi, não, desculpa! Não te vi aí. Cheguei muito cedo, achei que ainda não teria ninguém... Nem me apresentei, sou a Juliana... Qual seu nome?

RAFAELA: Relaxa! *(rindo)* Sou a Rafa. Fui eu quem te liguei semana passada. Seja bem vinda. Sobe aqui.

JULIANA: Obrigada de novo pela oportunidade! Prazer te conhecer.

RAFAELA: O prazer é meu. Espero que você esteja preparada pra entrar nessa maluquice. Parece mole, mas só parece.

JULIANA: Posso fingir costume e dizer que não tô nervosa pra você me achar mais descolada? (*riem*) Já quero saber quem foi que teve a ideia de abordar um tema tão forte e importante como esse em pleno desgoverno.

RAFAELA: Ah... A companhia é praticamente toda formada por pretos, como eu e você. A ideia foi pegar um pessoal que tenha mais garra do que necessariamente formação, porque queríamos algo mais visceral, sabe? Além de que estamos todos sempre começando de um ponto de vista, seria contraditório promover uma segregação dentro de um texto que critica justamente isso. Então juntamos a galera que você vai conhecer e acreditamos que vai sair algo bem legal daqui.

JULIANA: Eu já tava feliz de fazer parte, mas agora fiquei mais animada ainda. Todo o pessoal vem hoje?

RAFAELA: Sim, Ju. Marcamos o ensaio de hoje pra fazer uma apresentação geral, mesmo. Mas depois já vamos começar os trabalhos!

JULIANA: Ai que bom, tô ansiosa. Mas então, por onde eu posso ir começando?

RAFAELA: Vamos aquecer esse corpicho aí, né? Pela sua postura, a coitada da coluna deve estar chorando por um alongamento.

As duas riem. Rafaela leva Juliana pra coxia.

Cena 3: Chegando em casa

Os pais já estão em casa, Sérgio rega algumas plantas e Elisa está terminando de vestir Antônio. Vê-se uma imagem bem sensível dos pais. Juliana chega acuada, mas observa um pouco. Passa por eles sem ser notada e vai direto pro quarto.

Cena 4: Quarto de Juliana, noite (A candle's fire - Beirut)

Ainda com a roupa do ensaio, Juliana entra no quarto, visivelmente mais leve do que nas cenas anteriores. Se olha no espelho, faz algumas caretas e ri, envergonhada de si mesma. Folheia um caderno de rascunhos e faz algumas anotações. Abre seu notebook e muda de expressão. Olha pra fora do quarto, preocupada e triste, digita algumas coisas no notebook, depois guarda e vai dormir.

Cena 5: Teatro, tarde

Rafaela está ensaiando um solilóquio sobre a escravidão. Juliana chega depois,

testando a entrada na cena algumas vezes, até que começa a recitar um poema.

JULIANA: É se sentir livre (*lê um pouco em voz baixa, fazendo somente a marcação de cena*); Liberdade é não ter medo; Mas ter sim o respeito; Respeito esse que possamos compartilhar com o mundo.

DIRETOR: (*entrando pela plateia*) Ju, entra de novo aí pra mim.

JULIANA: (*Repete, ainda insegura*) É se sentir livre; É não mentir e poder sempre dizer a verdade; É fazer tudo quando der vontade—

DIRETOR: Nossa, realmente... Você tá me impactando bastante.

JULIANA: Sério?! Nossa, que bom! Você gostou?

DIRETOR: Meu amor, o impacto no caso é negativo. Falando desse jeito eu não tenho a menor compaixão por você. Se duvidar até mandava dar umas (*gesticula a imitação de um chicote*) a mais. (*ri sozinho, alguns atores se olham*)

JULIANA: Ah (*desconcertada*) é a primeira vez que a gente tá passando essa cena... Eu sei que tá ruim, mas ainda vou trabalhar bastante nela.

DIRETOR: (*Tom de leve ironia*) Tá ok... bom estudo então. Vamos passar a cena da Rafa agora, pode nos dar licença, por favor.

Rafaela entra, recitando seu poema.

RAFAELA: Ser negra,

Na integridade
Calma e morna dos dias.
Ser negra,
De carapinhas,
De dorso brilhante,
De pés soltos nos caminhos.
Ser negra,
De negras mãos,
De negras mamas,
De neg–

DIRETOR: Tá ótimo Rafa. Tenta trazer só mais um pouco de vida, tá? Intervalo, pessoal. *(Sai de cena com um copo de café em mãos)*

Juliana sai da coxia de encontro à Rafaela.

JULIANA: Mano, eu sei que eu cheguei praticamente agora, mas o que foi isso? É assim mesmo que funciona?

RAFAELA: É, talvez eu devesse ter te explicado melhor algumas coisas no começo, mas vamos lá. Enquanto a gente não for pra parte prática de marcar as cenas nos palcos, mexer em iluminação em afins, vamos ter que ficar aguentando esse mala palpitando nas nossas cenas toda vez que ele estiver de mau-humor. Ele é uma pessoa legal, porém bem difícil de lidar...

JULIANA: Mas, tipo... por quê?

RAFAELA: Ele é ótimo tecnicamente falando, mas da parte de interpretação ele não manja nada e acredita piamente que só ele sabe o que tá fazendo. Só que a gente meio que precisa aturar por conta de o irmão dele, que era o nosso antigo diretor, ter morrido num acidente 3 anos atrás... *(o diretor volta pra buscar algo que havia esquecido, então Rafaela fala mais baixo e Juliana disfarça, fingindo alongar)*

JULIANA: Nossa. Eu sabia que vocês já tinham um tempo de histórias dentro da companhia, mas não imaginei que era nessa profundidade. Como foi o acidente? Se quiser falar, claro...

RAFAELA: Não, tudo bem. Na verdade, fizemos até um espetáculo voltado à improvisação em homenagem a ele. Foi uma “bala perdida”. O Jonas tinha ido visitar a mãe em Paraisópolis e quando tava indo embora foi pego, numa ação da PM.

JULIANA: Cacete. Não sei nem o que falar. *(Olha para o diretor, percebendo algumas fragilidades pela primeira vez)*

RAFAELA: Nem tem muito o que falar mesmo. Foi uma comoção em massa nos primeiros dias, mas depois caiu no esquecimento do povo. Como sempre. Mas, enfim... Daí ele diz que precisa honrar a profissão e o legado do irmão, mesmo não tendo a mesma vibe que nossa companhia. Esse espetáculo é muito

importante até por conta disso... pra gente conseguir uns patrocinadores, uma grana boa com bilheteria e vendendo nosso projeto, pra não precisar mandar ele embora com uma mão na frente e outra atrás, sabe? E, obviamente, conseguir um diretor melhor.

JULIANA: Tá, é bem mais complicado do que eu imaginava. Paradoxal, né? Esse tipo de coisa nos bastidores de uma peça que critica exatamente isso, mas ok. Nada que a gente já não tenha lidado antes...

Cena 6: Quarto do Vitor, noite

VITOR: Ainda bem que a gente finalmente arranjou um tempinho pra ver um filme hoje. Tô sentindo tanta falta da gente passando a tarde inteira conversando, sendo interrompido a cada meia hora pelo Antônio pedindo um abraço ou tendo que ouvir as músicas exóticas da minha irmã de fundo pra conversas super sérias.

JULIANA: Ai, mano, nem fala. Você com essa ideia sua aí de querer ser juiz. Isso nem dá futuro, onde já se viu querer seguir uma profissão dessas... *(riem)* Mas, sério, se tudo der certo em breve isso vai acontecer mais vezes, porque você vai ter uma segunda casa pra ir...

VITOR: Quê? Como assim? O que cê tá aprontando dessa vez?!

JULIANA: Eu não falei nada antes porque queria ver se realmente ia dar certo, mas encontrei uma república bemmm simplezinha perto do Oficina e acho que vai rolar.

VITOR: Como você não me conta um negócio desses?! Ai, que incrível, tão adulta minha amiga! (*riem*) E seus pais?

JULIANA: Eles ainda não sabem, pra variar. Mas, sei lá, tá sufocante demais, você sabe o quanto eu reclamo... A única coisa que vou sentir falta no meu dia a dia é do cheirinho do Antônio e do almoço de domingo do meu pai... E isso eu ainda posso ter, se eles não me deserdarem por sair de casa antes de casar.

VITOR: Ju, eu fico muito muito feliz por isso, mas você sabe a resposta que é tomar uma decisão dessas, né? Financeira e sentimentalmente. Não que eu ache que vá dar errado e nem que caso não dê você vai morrer por isso, mas enfim, é meu papel tentar colocar seus pés no chão, ainda mais depois do tanto que sua cabecinha anda voando nesses últimos meses.

JULIANA: Eu sei, sim. Não é de hoje que tô pensando sobre isso. A gente tem uma expectativa muito boa sobre o tempo que vamos ficar em cartaz e a Rafa tá em contato com uma empresa interessada em abraçar nosso projeto... Além de que eu tenho uma quantia legal investida do ano que fiquei fazendo estágio. Eu sei o quão puxado vai ficar, mas realmente acho que preciso cortar esse cordão umbilical e sinto que isso vai me fazer bem, sabe?

VITOR: Assim espero! Confio muito em você e tô sempre aqui. (se abraçam)
Mas é aquele tipo de rep que não pode nem acender a luz de madrugada ou eu vou poder te visitar?

JULIANA: Não, nem teria como eu morar num lugar assim tendo a rotina que eu tenho. O pessoal lá é meio hippongo, então é um pouco mais tranquilo.

VITOR: Ufa! Finalmente vou ter um lugar seguro e gratuito pra levar os boys daqui pra frente. (*riem*)

JULIANA: Olha lá hein! Meu quarto não vai virar motel de ninguém não!

VITOR: Ai, minha filha, relaxa. Tô mais seco que o ar de São Paulo no outono.

Cena 7: Casa da Juliana, manhã

ELISA: Julianaaaa!! Vai perder a hora da aula. Já é quase meio dia!

Elisa dá comida para Antônio enquanto tenta acompanhar as notícias do dia no celular. Antônio está em um dia difícil. Chora, se esquivava das colheradas, tenta sair da cadeira a todo custo.

JULIANA: Oi, mãe, bom dia. Perdi a hora hoje...

ELISA: “Boa tarde” você quis dizer, né? Espero que não tenha nada importante na sua aula hoje, porque a essa altura com certeza vai perder o primeiro horário.

JULIANA: Mas meu Deus, puta merda, nem acordei direito ainda e já tem grosseria, cobrança.

ELISA: Você ainda quer estar certa? Não, né?

JULIANA: Na real nem sei por que eu me surpreendo.

ELISA: Tudo que você faz da vida é estudar e mesmo assim ainda consegue perder o horário da aula. Tá na hora de crescer, Juliana! Cê não vai ficar debaixo da nossa asa pra sempre!

Juliana observa Elisa por um tempo. Em silêncio volta pro quarto, pega algumas roupas e vai em direção à sair de cena. Antônio chama por ela, que volta e dá um beijo em sua testa.

JULIANA: *(falando baixinho)* Mas não vou mesmo ficar embaixo dessas asas pra sempre. E isso vai mudar antes do que vocês imaginam. *(falando para o irmão)* E você se cuida, hein, mocinho?! *(fala mais alto, pra mãe)* Não precisa me esperar pra jantar. Não vou voltar pra casa.

Juliana sai, batendo a porta atrás de si. Elisa vai até a porta de casa e grita sua filha, mas sem resposta.

Cena 8: Teatro, a tarde

Juliana está sozinha. Ela coloca uma música pra tocar, que na verdade só aumenta de volume, porque toca baixinho desde que ela entra em cena. Se alonga um pouco, experimenta alguns movimentos ao som da música e enquanto se entrega pra esse momento, chora. Gira no palco e acaba ajoelhando com o rosto entre as mãos (por um breve momento). Rafaela entra em cena, participando daquela dança. Elas utilizam adereços na performance que fazem alusão às raízes, como lenços estampados, turbantes, colares grandes de pedras. A relação delas se intensifica, principalmente com Rafaela transmitindo a sensação de fortalecê-la: começando por movimentos mais simples, até que se acolhem, se abraçam, quase se fundindo. Rafaela se desvincula de forma gentil e sai de cena. Juliana fica, com um olhar confuso/indefeso sendo pouco a pouco substituído por um olhar determinado, forte, demonstrando que algo claramente mudou. É preciso passar para o público a sensação de que um bom tempo decorreu.

Cena 9: Praça/Quarto de Juliana/Casa do Vitor, tarde

Juliana está carregando umas sacolas de supermercado, liga para o Vitor e deixa a ligação rolando no fone de ouvido enquanto caminha, ambos com aparência mais madura.

JULIANA: Alôo...

VITOR: Boa tarde, senhorita.

JULIANA: O senhor teria um minuto para conversar?

VITOR: Claro, claro. A que devo o ar da graça?

JULIANA: Vitor, tá foda, consegue me encontrar na pracinha aqui perto de casa?

VITOR: Eu tô de olho no meu sobrinho aqui, inclusive ele só pregou o olho nesse minuto. Mas se quiser falar por aqui, tô sentindo essa voz murchinha... o que aconteceu?

JULIANA: Ai, desculpa... É que eu tô ficando preocupada. *(se senta em um banco)* Tem certeza que não vou te atrapalhar?

VITOR: Não, pode falar. Aproveita que ele me deu uns 5 minutinhos de paz.

JULIANA: Tá. Então... A grana que eu tinha guardada só dá pra mais uns dois meses. Por mais que eu tenha sido super controlada, a ponto de brigar com uma das meninas por causa de BANANA *(fala enquanto pousa a sacola com bananas ao seu lado no banco)*, o bagulho é muito mais louco do que eu imaginava. E eu não posso nem pedir uma ajuda pros meus pais... Ah, e nem adianta me oferecer mais dinheiro emprestado porque eu já tô te devendo! Eu só, sei lá, tô pensando se vale mesmo a pena tudo isso.

VITOR: Ju, assim, eu não sei por quanto tempo mais você vai conseguir sustentar essa vida dupla. Não sei nem como conseguiu por quase um ano, na verdade... Você não pensa em tentar ter uma conversa aberta com eles? Tudo bem também dar uns passos pra trás às vezes.

JULIANA: Pensar, eu penso todo dia, praticamente. Tava esperando que o rolo com a escola do meu irmão melhorasse logo pra tentar alguma abordagem melhor com eles. Como até hoje eles não sabem o

real motivo de eu sair de casa e a forma como tudo aconteceu foi extremamente traumática, eu queria uma circunstância minimamente mais de boa pra contar tudo, sabe? Já é foda o suficiente ter feito tudo aquilo pra no final ter que voltar com o rabo entre as pernas e pedir ajuda.

VITOR: Sim, eu entendo totalmente. Mas você não tinha como saber, né? Por mais que a gente planeje as coisas, na prática não dá pra ter certeza de como ou o que vai rolar. Não é vergonha nenhum –

Passa um carro na rua, gritando (voz vindo do fundo da plateia) “Aeee, bem que dizem que macaco gosta de banana hein?” (sons de duas ou três risadas diferentes)

JULIANA: *(Fica nervosa, fala interrompendo Vitor no meio da frase)* Vi, já te ligo, pera aí.

VITOR: Ué, que foi? Tá tudo bem? Que barulho foi esse?

Juliana desliga o celular. Vitor fica confuso, ainda em cena. Olha na direção dela quase como se soubesse que ela está ali ao lado, mas desencana e sai de cena. Juliana fica paralisada, triste e com raiva, respira fundo e ergue o rosto, quando vira pro lado e avista a amiga.

RAFAELA: Olha quem eu encontrei!!!

JULIANA: Rafa! E aí. Tudo bem? *(ainda desconcertada)*

RAFAELA: Tô bem sim! Vim visitar um amigo, tirei o dia hoje pra resolver algumas coisas e terminei antes do que eu esperava – ainda bem. E você?

JULIANA: Eu tô bem também. *(silêncio)*

RAFAELA: E esse retiro espiritual numa praça? Achei bem old school. *(ambas riem)*

JULIANA: Às vezes eu venho matar o tempo aqui... A gente passa a semana inteira correndo, aí quando tem um dia de folga eu fico doida se ficar trancada em casa o dia inteiro sozinha. Mas já já tô indo embora. *(confere o relógio)* Não tinha nem visto que horas são. Vou indo... pra não ficar tarde.

RAFAELA: Sério? Não quer ir lá comigo? É aqui perto, a casa desse meu amigo sempre tá cheia de gente doida, mas legal. A não ser que você esteja muito ocupada sendo a atriz bitolada que surta e quer mudar tudo quando chega perto

da estreia, ou algo do tipo...

JULIANA: Não, longe de mim. *(riem)* Eu tô é precisando descansar. E também tenho algumas coisas pra resolver, burocracias que não te contam quando você diz que vai morar sozinha.

RAFAELA: Ah, nem me fale! Mas você tá meio esquisita. Aconteceu alguma coisa?

JULIANA: Nada fora do normal. Tô só precisando de um tempo pra pensar. Depois eu te ligo, pode ser?

RAFAELA: Bom, vou confiar na sua palavra então. Liga mesmo, viu? Então beleza, vai lá, gata. Até depois!

Ambas se despedem. Juliana faz como se fosse ir embora, mas se senta de novo no banco. Retira “do chão” atrás de si uma flor bonitinha, mas que ainda não desabrochou completamente. Fica um tempo ali, a contemplando. Respira fundo, guarda em sua bolsa e pega uma banana da sacola. Descasca sem nem olhar pra ela e morde, olhar reto e determinado. Sai de cena.

Juliana sai de um lado do palco pra outro, como se houvesse uma porta entre a praça e seu apartamento. Entra deixando sua bolsa cair e pega alguns

livros/papéis. Parece decidida a fazer algo, então levanta e coloca a flor que encontrou em um copo com água. O celular toca e ela hesita em atender, mas

depois pega o celular em suas mãos, observa pensativa e por fim atende.

JULIANA: Alô? *(pausa)* Oi, mãe...

Cena 10: Teatro, noite (J, R, V)

As cenas acontecem quase que em câmera lenta. Juliana passeia pelo palco com os outros atores fazendo o mise-en-scène em formato de performance enquanto toca uma música.

Sons de aplausos, no final, estão em cena Rafaela e Juliana, que se olham, agradecem ao público, saem do palco e se abraçam. Juliana está emocionada.

JULIANA: Nossa, foi do caralho!!!

RAFAELA: A gente mandou bem, a plateia ajudou... foi uma estreia incrível mesmo!

JULIANA: Eu não me sentia assim há tipo... Sei lá... Talvez nunca? Meu Deus, que loucura!

RAFAELA: É, Ju, seu cabaço para o teatro profissional foi arrancado com sucesso. *(ambas riem)*

Vitor entra no camarim e vai de encontro às duas, com uma rosa madura (mas igual à que Juliana achou na praça), em mãos.

VITOR: Juliana do céu! Vocês foram incríveis! Rafa, parabéns! Aliás, prazer, sou o Vitor... Espero que a Ju já tenha falado de mim pra você, hunf. ME ABRAÇA, MULHER!

JULIANA: Ahhhh, obrigada obrigada obrigada! Sério. Foi... inexplicável. O texto, o elenco, a plateia, a projeção do teatro, as luzes... Se já tava lindo olhando daqui, eu imagino como estava sentado lá no meio.

VITOR: Pois é. Uma pena que não podemos tirar fotos, mas foi um privilégio ter vivenciado tudo isso.

RAFAELA: Obrigada Vitor! De verdade. Deixa eu ir lá atrás da galera que eu convidei. Beijo, Ju!

VITOR: E aí, o que você tem pra dizer? Descobriu se era só fogo de palha ou não?

Silêncio enquanto Juliana respira fundo e Vitor entrega a flor.

JULIANA: Onde você achou isso?

VITOR: Isso o que?!

JULIANA: Essa flor.

VITOR: Ué, achei bonita e comprei. Pensei que você fosse gostar...

JULIANA: Não, eu gostei. Muito. Só parece que eu tô tendo um dejavú. Mas enfim, besteira minha, esquece. *(ri envergonhada)* E respondendo à sua pergunta sobre ser ou não fogo de palha: olha, se depois de tudo isso me restasse alguma dúvida, eu rasgava aquele roteiro em pedacinhos. Mas definitivamente não é o caso.

CENA FINAL: Sala de estar, fim de tarde

ELISA: Entendi. Tá bem. Obrigada pela informação. *(pausa)* Não, não! Tudo certo! É que ela faz mais de um curso, só queria confirmar qual ainda tá vigente. Obrigada, viu. Por enquanto é só isso mesmo. *(pausa)* Bom final de semana!

Pega seu celular e fica analisando duramente a tela. Aproxima e afasta a imagem da tela, com crescente irritação.

Sérgio chega do mercado. Tira os sapatos e se encaminha pra sala.

SÉRGIO: E aí, galera. *(sem resposta)* Nossa, tava um trânsito na marginal que eu não consegui entender. Ia passar na pizzaria pra pegar as massas que você pediu pra hoje, mas acho melhor mandar o motoboy trazer mesmo.

Elisa está paralisada. A aparência cansada não esconde sua decepção.

SÉRGIO: Amor? Que que você tem?

ELISA: Sérgio, a gente precisa conversar. *(pausa)* Sua filha precisa parar de

achar que é dona do próprio nariz. Eu não tô acreditando nisso tudo. Olha a foto que eu vi marcarem ela no facebook hoje. *(mostra o celular)* Liguei na faculdade dela só por desencargo e descobri que a Juliana trancou o curso há TRÊS SEMESTRES, Sérgio. Um ano e meio! Faltando tão pouco pra ela terminar esse negócio e ter uma vida diferente da nossa! E ao que tudo indica tá se bandeando lá pros lados daquela gente esquisita que acha que ficar se pendurando igual macaco no circo é “arte”!

SÉRGIO: Calma, eu não tô entendendo nada. Como assim “trancou a faculdade”? E deixa eu ver essa foto direito, esse povo tá sem roupa?

Juliana chega em casa. Elisa passa por Sérgio, a caminho de confrontá-la.

Todos os personagens congelam. Juliana identifica o folheto da faculdade na mesa. Remove um adereço da bolsa e se posiciona firme em frente a eles. A cena descongela.

ELISA: Eu juro que eu tentei ser compreensiva, mas tudo tem limite, né? *(Avança e para a poucos centímetros do rosto da filha)* Eu falo pro seu pai que a gente perdeu as rédeas com você. Foi dando muita moleza tentando conciliar sua criação com o seu irmão e esqueceu de te ensinar o perigo que é fazer o que você tá fazendo.

Juliana respira fundo e olha pro pai.

SÉRGIO: Juliana, isso... Isso é verdade?

Silêncio enquanto encara os dois.

ELISA: É claro que é verdade! Essas maquiagens aí que ela chegava às vezes, a gente achando esquisito mas pensando que é coisa passageira de menina. Tenho certeza que tem a ver com essa palhaçada aí. *(recua)*

SÉRGIO: Ju, o que foi que a gente combinou? Lá atrás? Meu Deus, eu não tô conseguindo nem processar isso tudo. Nossa, filha... Sua faculdade? Sua garantia de ter uma vida melhor... Por que você sempre dificulta pra gente?

JULIANA: Vocês vão me ouvir? Porque provavelmente vocês jamais entenderão. *(tira o casaco revelando algumas pinturas no corpo, eles demonstram confusão)*

ELISA: Que palhaçada é essa, Juliana?

JULIANA: Mas eu ainda posso tentar. *(pausa) (veste o mesmo turbante do espetáculo)*

Elisa se projeta em direção à filha, mas Sérgio gentilmente a segura, fazendo sinal para que ela espere.

JULIANA: Sempre foi duro acordar aqui e, diariamente, me sujeitar à mesma rotina. *(Olha pra mãe)* Sabe quando meu pai vai até o jardim e faz a rega das

plantas? Eu olhava aquilo e me perguntava porque será que é tão mais fácil regar as bichinhas lá fora do que nutrir a mim, que estou aqui dentro, em baixo do nariz de vocês, o tempo todo. *(Recitando)*

É se sentir livre

É não mentir e poder sempre dizer a verdade

É fazer tudo quando der vontade

É poder sorrir sempre *(brinca com Antônio)*

Liberdade é ter sempre

Um grande poder de serenidade

De forma que possamos ter um, a identidade

Que está dentro de nós e se descobre

Liberdade é não ter medo *(acena com a cabeça em direção à mãe)*

Mas ter sim o respeito *(olhando para o pai)*

Respeito esse que possamos compartilhar com o mundo

Liberdade é um sentimento de contentamento

Ser livre não se significa ter tudo, mas um bocado

Para poder mostrar o valor da força do pensamento

Agradece à plateia, depois se vira para os pais, equilibrando calma e firmeza.

Eu não os culpo. Nem culpo o Tom. Eu não sei como ou até mesmo se é possível reverter isso, mas eu não consigo mais. *(pausa)* Sim, tranquei a faculdade! Direito é algo que você queria, não eu. Ainda mexe comigo lembrar dos olhares julgadores daqueles playboys... Você quase me convenceu de que gostar de ler me faria gostar do curso, mas o que eu gosto de ler é poesia! Colorida, embaralhada, subjetiva. E isso já explica, sim, isso aqui. Eu me agarrei à essa oportunidade de subir no palco com pessoas que eu admiro MUITO, interpretando algo que fala sobre gente como nós de uma forma linda! Tá sendo intenso e puxado pra cacete, mas eu tô fazendo algo que eu amo e que vocês jamais estariam dispostos a ouvir de mim numa conversa no almoço de domingo.

Essa sou eu.

E é isso o que eu consigo oferecer pra vocês no momento.

Meu mais sincero manifesto.

Juliana se vira pra plateia e agradece. Blackout.

Sobre a autora: Atriz, 21 anos e sul-sancaetanense em constante aprendizado. Formada profissionalmente em teatro desde 2019, decidi realizar um desejo antigo: estudar dramatologia. Cursando também práticas de dança, redigi minha primeira dramaturgia pelo programa Fic na FASCS, que aqui apresento.

Contato: thamires_bseixas@hotmail.com / thamiresseixas22@gmail.com

PARTINDO-ME

Valéria Lima

Cheiro de café. O público é organizado no formato de uma semi-arena.

Cena 1

Uma mulher está de pé, no centro.

MULHER: Pra que eu ouça o que tenho eu mesma pra falar, me dispo de minhas vestes por outros impostas, fecho os olhos e me enxergo descendo as escadas pela escuridão, com os ouvidos atentos. Eu não tropeço, muito menos caio. Me desfaço de nós e vejo eu mesma, encostada na árvore, de pés molhados e sujus pela terra fria. Uma versão de mim que sabe, que vê, que sente. E de mãos dadas com ela, que já viveu, morreu e renasce todos os dias, sou guiada até mim, a partir de agora, pra que eu ouça o que tenho eu mesma para falar.

Cena 2

Sussurro.

MULHER:

“Deus te fez, Deus te criou.

Olhar de quebranto, deste mal Deus te curou.

Se for na tua gordura, na tua formosura, nas tuas carnes ou na tua feiúra.

Se for nos teus olhos, no teu cabelo; no teu comer ou na tua carne.

Se for na tua saúde, na tua disposição, na tua beleza, no teu trabalho ou na tua inteligência.

No teu bom sentido, no teu bom pensamento.

Se for inveja, se for má vontade, que seja saído, que seja curado, que seja tirado e lançado às ondas do mar sagrado, em nome de Deus e da Virgem Maria”

Mulher prepara um banho de ervas.

Cena 3

MULHER (*enquanto fala, pega uma agulha e coloca linha*): Minha avó era benzedeira, parteira e curandeira. Tinha reza pra tudo. Pra curar uma rasgadura, ela pegava um pedaço de pano, uma agulha com linha, e costurava em cima do machucado, até a linha acabar.

VOZ DE VELHA (*Mulher costura enquanto fala*):

“Nervo torto volta pro teu posto.

Carne rasgada volta pra tua casa.

Nervo torcido vá para o teu lugar, assim como tiveste nascido.

Eu te coso? Eu te coso!

Eu coso-te a carne e Nosso Senhor cose-te o osso, porque Nosso Senhor
Jesus cose-te melhor que eu te coso.

Amém”

Cena 4

MULHER (*preparando um café*): Avó, avó mesmo ela não era não. Era irmã da minha bisavó e foi quem criou a minha mãe. Era uma mulher nordestina, muito católica e não teve filhos. Mas pariu. Engravidou uma vez só, de um casal de gêmeos, mas nem o menino e nem a menina sobreviveram depois do parto prematuro. Como filha mesmo ela criou a minha mãe, por isso que eu chamo de vó.

Eu lembro, quando eu tinha entre 5 e 6 anos, que ela sentava na porta do quarto, com uma xícara de café do lado.

Mulher cria a imagem de uma velha sentada, segurando uma xícara.

Cena 5

MULHER (*enquanto arruma uma mala*): Minha avó dizia que quem tem cinco namorados, na verdade tem quatro, quem tem quatro tem três, quem tem três, tem dois, quem tem dois, tem um e quem tem um, não tem nenhum. Casou três vezes. Naquela época, no Piauí, ela casou três vezes. Dos dois primeiros maridos ela ficou viúva. Do terceiro ela... ELA!...ELA! se separou porque descobriu que ele tinha outra.

Velha dança com a mala. Música indutora: Quando tu passas por mim - Aracy de Almeida.

MULHER: Pra mim, foi a primeira mulher da família a entender que dói muito gostar mais do outro que de si mesma. Porque a gente é acostumada a isso.

Mulher fala como outra mulher, a mãe.

MÃE: Ah... eu vi que ele te pedia pra trocar de roupa, mas não queria me meter.

MULHER: Eu não podia não usar sutiã. As mãos...

MÃE: As mãos da minha mãe...

MULHER: Imagina: tirar uma aliança do dedo pra ter a iniciativa de se separar... de um homem.

Cena 6

MÃE: Vai com sapatos! Coloca pelo menos uma sandália, Madinha.

MULHER: Domingo de Círio. Um milhão de pessoas nas ruas de Belém. Entre elas, a minha avó. Vestia uma bata verde, verde bem clarinho. Da cor de uma abacatada com bastante leite. Ela mesma quem costurava as roupas. Magra, as costas um pouco curvas. Cabelos pretos. Muito pretos. Usava sempre os mesmos brincos. Eu fecho os olhos e consigo enxergar naquelas orelhas: como se fosse uma lágrima preta, pendurada. As mãos enrugadas, mas de unhas sempre bem feitas. Ela quase foi descalça naquele dia. Desde quando chegou em Belém ela percorria a procissão de 3,5 km, da Sé até a Basílica de Nossa Senhora de Nazaré desse jeito: descalça. Era assim que ela pagava a promessa que ninguém nunca soube qual era. Mas naquele domingo de Círio ela saiu de casa de sapatos. Ela, minha mãe e minhas tias. (*cantarola*) “Vóis sois o lírio

mimoso, do mais suave perfume que ao lado do Santo Esposo, a castidade resume...”.

MÃE: CAIU!

MULHER: A MINHA AVÓ CAIU! Os sapatos arrebentaram na curva pra Avenida Presidente Vargas. No meio da multidão de 1 milhão de pessoas. Uma bata verde caída no meio de 1 milhão de pessoas. Corre-corre, empurra-empurra... sem necessidade. Ela levantou... e como se nada tivesse acontecido, pegou os sapatos arrebentados pela força da fé - elas acreditavam – jogou fora e terminou a procissão, mais uma vez, descalça.

Cena 7

MULHER: “Como, pois, sereis vós, que me dareis impulsos, ferramentas e coragem para eu derrubar os meus obstáculos? Corre, nas vossas veias, sangue velho dos avós”*. Corre, nas vossas veias, sangue velho dos avós... Corre nas nossas veias sangue velho... Sangue...

MÃE:

“Pai Celestial, eu te louvo e agradeço por permitires esta vida e por formares esta criança à tua imagem e semelhança.

Envia o teu Espírito Santo e ilumina meu útero.

Enche-o com tua luz, poder, majestade e glória, assim como fizeste no ventre materno de Maria para gerar Jesus.”

Mulher, Velha e Mãe enquanto arrumam uma cama.

MULHER: Sempre me perguntei o que tenho da minha família além do sangue. Se vou parir e criar meus primeiros filhos, ou se o ciclo de sofrimento pelas mortes prematuras de meus tios, irmãos e sobrinhos seguirão com meu útero.

VELHA: Existe essa coincidência dolorosa entre as mulheres da minha família.

MÃE: Tem alguma dor maior que gerar um filho no ventre e perder?

MULHER: Aconteceu com minhas avós, com minha mãe, com minha irmã. E comigo?

.

.

.

Se a gente tivesse tido filho agora a gente já teria terminado.

Cena 8

MULHER (*cantarolando*): “Mandacaru quando fulora na seca, é o sinal que a chuva chega no sertão.. toda menina que enjoa da boneca.. é sinal de que o amor já chegou no coração...” Não falaram porque não quiseram se meter. Acharam que perder todo o dinheiro não tinha problema se o casamento tivesse firme e forte.

MÃE: Duas filhas paridas e sobrevividas.

MULHER: Toda noite tinha sopa lá em casa. Quando eu tinha febre papai só faltava morrer do coração. Mandava a mamãe medir minha temperatura toda hora. Mamãe só saía com os amigos se eu fosse junto. Ah a minha avó aqui...

MÃE (*resgata a mala que a velha dançou*): Uma vez eu peguei o dinheiro que ele guardou na mala, peguei escondida. Saí na rua, rápido, pra pagar o aluguel da casa que já tava atrasado. Se eu não fizesse isso, ele ia perder todo o dinheiro no jogo... de novo. Ele ficou foi com muita raiva, mas era isso ou ia acumular a dívida ainda mais.

MULHER: Eu lembro da primeira e única vez que meu pai me disse eu te amo.

Mulher pega a mala e coloca na porta.

Cena 9

MULHER (*enquanto varre a casa*): Em Parnaíba, no Piauí, quando minha mãe e minhas tias ainda eram crianças, minha avó fazia umas esquetes com as crianças do bairro, chamavam de números. Armava uma lona no quintal, como se fosse uma tenda de circo, e ela mesma criava músicas pras crianças cantarem e ensaiava coreografias. (*Tira cortinas penduradas*) Cobrava uma quantia simbólica de dinheiro pro público e era ela quem também costurava os figurinos e arrumava o cenário. Li uma vez que as mulheres precisam ter um tempo pra exercitar a criatividade, uma forma de fortalecer seu animus, não deixar atrofiar. Minha avó só foi quem foi, só é quem é, porque protegeu a vida criativa.

Cena 10

Mulher conta, em segredo, pra plateia.

MULHER: A primeira vez que eu ouvi minha intuição eu tinha oito anos de idade.

MÃE: Primeira vez que eu lembro, pelo menos. Tinha um homem em cima de mim

MULHER: com a calça arria... SE TU NÃO PARAR EU VOU CONTAR!

.

.

.

Parou.

MULHER:

“Sede em meu favor, virgem soberana

Livrai-me do inimigo com o vosso valor

Glória seja ao pai, ao filho e ao amor também

Que é um só Deus em pessoas três

Agora e sempre, e sem fim, amém”

Cena 11

Mulher encontra um terço.

MULHER: Vovó era chamada pra rezar em velórios. Rezava um rosário inteiro. No rosário a Ave Maria é rezada 150 vezes. Ave Maria cheia de graça ele me olha diferente o senhor é convosco será que eu tô doida? Bendita sois vós entre as mulheres ele não precisa chegar tão perto de mim assim e bendito é o fruto do vosso ventre JESUS!

.

.

.

.

Eu tava de vestido deve ter sido por isso a mão dele bateu sem querer no meu corpo mas ninguém bate sem querer na parte da frente do corpo de ninguém deve ter sido o vestido...

MÃE: o que será que fiz?

VELHA: o que será?

MULHER: será que eu fiz?

.

Cena 12

MULHER: Uma vez me falaram que eu não sei dançar. Eu acreditei. Eu não sei mesmo dançar. Que que eu vou fazer lá?

Mulher lava roupa.

Impotente, incompetente, hesitante, bloqueada, insegura, incapaz, entrega a criatividade para os outros, outros que lhe esgotam a energia, não fica só, não consegue acreditar em si, importa-se com a opinião dos outros, envolve-se em lugares seguros porque perdeu os próprios instintos.

Mulher paralisa.

Cena 13

Mulher se olha em um espelho.

MULHER:

“Santa Catarina, clara e divina, vós, que entrando numa cidade encontraste mil homens, todos bravos como leões e, com uma simples palavra amansastes o coração de todos eles, querida Santa Catarina, amansai o meu coração para que o mal tenha olhos e não me veja,

tenha boca e não me fale,

tenha pernas e não me alcance e fique paralisado como pedra,

nada podendo fazer contra mim e nada podendo fazer contra meus entes queridos. Querida Santa Catarina, faço essa oração com muita fé em meu coração e espero que vós possais me atender.”

Conheci uma mulher no ônibus uma vez, ela me contou que foi expulsa de casa. A mãe dela queria que ela casasse com um homem que fumava muita maconha. Ela que falou. Ela era careca. Outra vez também, uma senhora amiga minha, Dona Lúcia, que nasceu e morou lá em um interior lá do Pará, me contou que uma conhecida dela começou a espalhar na cidade que ela se prostituía. Dona Lúcia era muito namoradeira, mas disse que era virgem quando disseram isso dela. Tomou uma surra da mãe e, assim que melhorou, fugiu de casa. E começou a se prostituir, de fato. Aí engravidou, passou um tempo e achou melhor trabalhar

como doméstica nas casas dos outros. Mas conseguiu comprar um terreno e construir a casa própria.

Cena 14

Mulher fecha janelas

MULHER: Não sei quando a minha avó entendeu sobre escutar a si mesma, mas quando eu senti que tava começando a entender, parece que afirmei o meu lugar no mundo, e até senti um cochicho dela nos meus ouvidos. Fiz meu banho (*mulher joga, no próprio corpo, o banho de ervas feito no início*), vesti meu vestido e não olhei pra trás. Ocupei meu corpo.

Imagem da velha, sentada segurando uma xícara. A Mulher lhe pede a bênção.

“Eu sou a que sabe.

A que vê.

A que sente.”

E quando sei disso, encontro minha matilha e parto. Não duvido. Acredito no que intuo. Sou tanto o caminho, quanto a chegada. Somos.

Mulher pega a mala que estava ao lado da porta, sai e tranca a porta.

MULHER: Pouco convivi com a minha avó. Ela partiu quando eu tinha entre 5 e 6 anos. Quem me conta dela é minha mãe e minhas tias. Mas tem coisas que a gente nem precisa conhecer pra sentir, pra entender, pra ser, a gente já sabe de onde parte. E assim vou, seguindo, voltando, indo, partindo-me.

*Trecho da poesia Cântico Negro, de José Régio, publicado em 1926.

Sobre a autora: Valéria Lima é atriz e jornalista, natural de Belém do Pará. Começou teatro em 2004, na Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará (ETDUFPA), onde também concluiu o curso Técnico em Ator, em 2013. Atualmente integra a Cia. do Sereno, em São Paulo, e se interessa em pesquisar a estética do circo dentro do teatro.

Contato: valeriacristinaslima@gmail.com

PARA ALÉM DAS RODAS

Vitoriano Amorim

Personagens

PROTAGONISTA

BRUNO - Usa as rodas como passaporte pro futuro

SECUNDÁRIOS

MARIANA - A mãe

TIAGO - O pai

AURORA - A amiga

APOLO - O amigo

ARIEL - O amor

MARILIA - A companheira de elenco

LUNA - A coreógrafa

Recado ao leitor e ao Público

Esta dramaturgia, mistura fatos reais da vida do dramaturgo com narrativas ficcionais criadas por ele. Esse personagem tem erros e acertos, está liberado apaixonar-se por ele ou odiá-lo. O intuito é que se entenda que as diferenças são apenas parte do que somos e não um resumo do que somos.

Cena I - Mudando as regras

Terceiro sinal: Em cena Bruno, que se encontra atrás de sua mesa escrevendo uma carta, ele finaliza e se aproxima do centro do palco de onde começa a recitá-la ao público.

BRUNO: Olha eu aqui de novo, essa não é a primeira e acho que não será a última vez que ocupo uma página do meu caderno tentando lhe escrever algo que te faça entender. Entender o que? Bem, pra ser honesto nem eu sei exatamente, mas na verdade eu nem sei se isso importa já que nem mesmo sei se quero que você leia ou se terei coragem de te entregar isso um dia, enfim eu queria que soubesse o quanto tudo isso me afeta, essa carta é um desabafo pra dizer que cheguei em um limite e daqui pra frente, pra seguir, eu preciso mudar, se vai dar certo ou não só o tempo dirá. mas eu preciso tentar.

Invisibilizado, silenciado, preso, confuso, perdido, sozinho, lutando contra o mundo, você já se sentiu assim? Eu já! Acho que foram poucos na verdade os dias em que alguns desses sentimentos não estavam em mim.

Nem lembro da primeira vez em que fui desacreditado aliás, nem teria como já que foi antes mesmo de nascer. Aqueles lá de jaleco, não me davam nem uma semana, depois menos de um mês e chegar ao primeiro ano de vida então era impossível! Tão impossível, que estou aqui hoje, vinte e tantos anos depois te escrevendo para dizer que não dá mais!

Você sabe o que é viver sob pressão o tempo todo? Ela está implícita quando a cada passo, você precisa provar pros outros que você é capaz e merece estar ali. Chega! Eu não quero mais que meçam quem eu sou e o que posso fazer por causa disso! Me sinto sufocado e voz pra gritar, mas quero que saiba que enquanto eu puder vou fazer isso com todas as forças.

Só o que peço é que me deixem viver, me deixem controlar a caneta para que possa escrever minha própria história, assumindo o protagonismo que me é de direito, uma história com erros e acertos, onde ora eu sou mocinho, ora vilão, mas que seja MINHA. Sem limites e barreiras, onde eu pense e exista, onde eu seja aquilo que me der na telha, Eu tenho um desejo! Ser ouvido, ser livre, ser EU ... consegue entender? Consegue me ouvir? Ei, tô falando com você...

Silêncio

Bruno olha a carta, vai em direção a saída do palco, mas recua, volta à mesa e guarda o papel, as luzes se apagam, deixando em evidência, a silhueta do personagem e suas rodas.²

² Notas aos atores: Nesse momento Bruno recua novamente e não entrega a carta ao destinatário, entretanto sua expressão está diferente passa determinação como se ele tivesse a certeza de que é possível mudar as regras do jogo

Cena II - Sufocado

MARIANA: Licença filho, posso... ué, vai sair?

BRUNO: Vou mãe, Vou encontrar a Aurora, vamos para um barzinho, pegar um cinema, ou sei lá... tô precisando relaxar um pouquinho, você sabe bem como as coisas estão puxadas pra mim nesses últimos tempos. Tô precisando de ar!

MARIANA: É eu sei... mas não é melhor deixar isso para o fim de semana Bruno? Você tem como ir? Tá com dinheiro?

BRUNO: Ah mãe, ainda tem um pouco do que você e o pai me deram esse mês e tem um tanto que sobrou do último trabalhinho que eu fiz, dá pra eu me virar.

MARIANA: (*Respira fundo*) Filho não estou falando por mal, mas não seria melhor você guardar, não vou conseguir te dar mais dinheiro esse mês e não tem como prever se vai entrar um freela pra você fazer

BRUNO: Sem sermão, pode ser? Eu sei que as coisas não estão às mil maravilhas, eu ainda não consegui um fixo, mas as coisas vão mudar tenho certeza, quando você menos esperar um dos meus projetos vai dar certo. você não bota fé em mim mesmo né?

MARIANA: Eu acredito em você Bruno e torço para que as coisas deem certo e eu vivo tentando te entender, mas às vezes parece que você vive no mundo de Alice, é meu papel como mãe colocar seus pés no chão um pouquinho.

BRUNO: Eu me sinto sufocado, sabia?

MARIANA: Por mim? Eu não vou te impedir, nem quero isso, só estou falando, porque você adora ir a shows, peças, ao cinema, tudo isso é caro e por mais que eu acredite que as coisas vão mudar, infelizmente você ainda não consegue se sustentar!

BRUNO: Eu sei de tudo isso, entendo e acho justo que você se preocupe, acho que as coisas seriam mais fáceis se eu tivesse escolhido direito ou engenharia para viver como você queria, mas não é isso que me faria feliz. A arte é meu refúgio é o que eu escolhi, posso até estar sendo idealista demais, mas processos criativos demoram e são complexos, mas vai dar certo! Entendo que queira me proteger, mas não é me podando do mundo que você vai conseguir isso (*Pega a bolsa e dá um beijo na testa da mãe*) na volta a gente continua o papo cabeça pode ser? tem um mundão me esperando (*risos*).

MARIANA: (*em tom leve*) Fazer o que? nada te segura né? Vê se cuida!

BRUNO: Dorme tranquila que eu volto inteiro.

Cena III - O ir e Vir

Bruno aguarda o Uber, que ao encostar o motorista abaixa o vidro e pergunta:

MOTORISTA: A cadeira vai?

BRUNO: Sim! (*fecha a cara*)

MOTORISTA: então você vai ter que cancelar e pedir outro

BRUNO: (*percebendo a situação*) Por que?

MOTORISTA: Não cabe no meu porta-malas

BRUNO: (*desconfortável*) Mas moço, já peguei muitos carros como o seu e coube tranquilo.

MOTORISTA: Infelizmente eu não consigo te levar, mas tem um ponto de ônibus logo ali!

BRUNO: Ônibus? eu não acredito que to ouvindo isso (*risos irônicos*) Ok! não vou nem discutir com o senhor, não vale a pena ! poderia pelo menos cancelar para eu poder solicitar uma nova viagem ?

MOTORISTA: A gente não pode ficar cancelando! Pega mal com a empresa, preciso manter minha nota, sou um bom motorista não é justo que eu perca nota por SUA causa.

BRUNO: (*com raiva*) Mas você está se recusando, me atrasando e ainda quer que eu cancele porque pega mal pra você? Sabe o que pega mal pra você? O seu preconceito, você não se deu nem ao trabalho de descer e tentar me ajudar. Parabéns! um ótimo motorista, mas um péssimo ser humano.

MOTORISTA: Te atrasando? Que tipo de compromisso uma pessoa como você pode ter? De qualquer forma Boa sorte aí meu amigo.

O motorista arranca com o carro, deixando Bruno para trás.

Silêncio

BRUNO: *(para o público)* E mais uma vez a história se repete, esse não foi o primeiro e não será o último, agora lá vamos nós, aquele mesmo processo, abrir o aplicativo e contar com a sorte de cair com alguém que faça o mínimo, mas e você já teve que sair de casa 1h antes contando que coisas assim poderiam acontecer? Fica difícil manter qualquer agenda assim.

Chat com o motorista:

BRUNO: Oi, por favor, poderia não cancelar a corrida por gentileza? Eu estou de cadeira de rodas, acabei de discutir com um motorista meio babaca então já to mandando mensagem para avisar e evitar dor de cabeça.

MOTORISTA 2: Fique tranquilo! estou chegando

BRUNO: Ufa, obrigado! Agora eu chego *(risos)*

Passa-se um tempo e Bruno chega ao encontro de Aurora, ao ver a amiga ele a abraça fortemente.³

AURORA: O que foi Bru? você parecia tão bem quando a gente se falou.

BRUNO: Ai amiga, já rolou tanta coisa, primeiro eu tive uma discussão de rotina com a dona Mariana, que vive no meu pé, tentando e para completar eu pego um idiota pelo caminho que se acha melhor do que eu, ai que ódio! Às vezes

³ Notas aos atores: No momento do abraço Bruno desaba e pela primeira vez é possível notar fragilidade no personagem.

acho que não dou conta de lidar com tanta gente babaca que acha que eu sou menos por conta da cadeira.

AURORA: oh amigo! Sua mãe você sabe como é né, ela não faz por mal, relaxa! Ela vai entender o que te faz feliz, mas em relação a esse babaca eu só posso dizer, é que esse tipo de gente não merece que você tire o sorriso da tua cara, você é muito forte, tá me ouvindo! Se eu tô junto um cara desse ia ouvir o que ele não queria e mais um pouco.

Aurora conforta o amigo e a cena termina com um abraço entre os dois.

Cena IV - O que você vai ser

Bruno na frente do computador, abre seu e-mail, na tela mais uma vez o retrato da frustração: Ele lê a mensagem como quem não acredita

Caro participante, agradecemos sua participação.

*infelizmente o seu projeto não foi selecionado para nosso edital
desejamos mais sorte da próxima vez*

Bruno fecha o computador, volta pra cama, olha para o teto reflexivo e escuta batidas na porta.

TIAGO: Filho? Sua mãe me contou que vocês estão meio estranhos de novo esses dias, o que está acontecendo? Quer conversar? (*O filho acena com a cabeça, ele fecha a porta e caminha até a cama.*)

BRUNO: Ah pai, as vezes tenho a impressão de que vocês ainda me veem como a criança, que vocês precisavam proteger de tudo e de todos, mas eu cresci, o que já é muito difícil por si só e essa superproteção, só complica tudo é sufocante às vezes e me impede de voar entende?

TIAGO: Filho eu sei que é difícil, mas não é por mal, nós temos medo que você se machuque. Sonhar é lindo e a gente sonha com você, mas precisamos colocar seus pés no chão de vez em quando.

BRUNO: O pior é que eu sei, mas às vezes... já basta o mundo jogando um balde de água fria em mim quase todos os dias... as coisas da porta pra fora já são bem difíceis, não quero ter que provar minha capacidade para vocês também, entende? Quero só que vocês estejam aqui pra quando as coisas derem errado, mas que não cortem minhas asas.

TIAGO: Crescer é difícil querido, já passamos por isso, mas vai dar certo, estaremos aqui não importa o que aconteça saiba que a gente se orgulha de você.

Tiago abraça o filho que continua a desabafar.

BRUNO: Eu penso em desistir mesmo, sabia? A gente idealiza muito a frase “o que você quer ser quando crescer?” Quando eu era pequeno eu realmente achava que a gente podia seguir o sonho e ser aquilo que quisesse, mas agora vejo que não é bem assim, todo mundo sonha com o dia em que vai virar adulto,

mas quando vira, quer voltar, ter colo e brincar como se não houvesse amanhã, mas infelizmente não dá! preciso crescer de verdade, lutar pela minha independência, ver a vida andar, sabe? Eu amo vocês, mas não quero depender de vocês a vida inteira.

TIAGO: São nesses momentos que eu entendo sua mãe, essa sua vontade de viver, sua ânsia e sua garra de realizar me dão um puta orgulho, mas confesso que dá um frio na barriga... Independente disso saiba que estaremos aqui pra você cara. Se o caminho que você escolheu é o que te faz feliz, por mais que eu não entenda a sua paixão, as coisas vão acontecer! Tenho certeza de que ainda vou ver seu nome, nos créditos de um filme, em um programa de uma peça de teatro, ou na capa de um livro. Vai com calma e acredite em você! Nós te amamos, nunca duvide disso.

Tiago dá um beijo no filho e sai de cena.

Silêncio.

Cena V - Encontro decisivo

No dia seguinte Bruno e Apolo se encontram.

BRUNO: E ai bonito como você tá?

APOLO: Ai amigo eu tô bem, muito feliz, tenho tanta novidade para te contar, mas e você parece meio na bad, o que conta de novo?

BRUNO: Ah cara nada de novo, eu tô meio desanimado com os projetos de escrita depois de algumas respostas negativas, ninguém contou que a vida adulta era assim, achei que tudo fosse mudar, mas segue tudo como sempre!

APOLO: Quem é você e o que você fez com meu amigo cara! (*chacoalhando o amigo*) Que baixo astral é esse? Cadê tua energia, teu sorriso? Esse não é você!

BRUNO: É difícil viver a realidade, os sonhos parecem cada vez mais longe.

APOLO: Chega! Não quero te ver assim, acho que o que eu tenho pra te contar, é tudo que você tá precisando.

BRUNO: Então começa meu filho, não tô me aguentando de ansiedade

APOLO: Você lembra que a algum tempo atrás eu tava feito louco escrevendo uma história, inspirada em um certo amigo aí (*risos*) Então quando eu terminei, eu mostrei a história pra minha irmã, que gostou, mostrou para um amigo, que mostrou pro pai e acabou que no final dessa corrente meio maluca o cara juntou uns amigos empresários que curtiram a ideia e gostaram de mim e estão bancando para o projeto sair do papel e eu acabei diretor dessa história toda.

BRUNO: (*sem acreditar*) COMO ASSIM?? E você só me conta isso agora? Assim do nada!

APOLO: Amigo você não tem noção de como tudo aconteceu, foi uma loucura! Até agora eu tô meio sem acreditar, você sabe o quanto eu sonhei com isso e sabe o quanto é difícil esse tipo de coisa acontecer nesse país

BRUNO: Eu falei para você desde quando a gente começou nosso curso, que você tinha um puta potencial, eu sabia que se alguma coisa dessas acontecesse seria com você. EU TE DISSE!!

APOLO: Você sempre falou mas eu achava que você era maluco (*risos*)

BRUNO: Maluco nada! Sou sensitivo garoto! (*risos*) Dá pra imaginar, a melhor notícia do dia foi essa, já quero ingresso para a primeira fila.

APOLO: Amigo você é presença garantida, mas acho que na primeira fila você não vai estar não, quero você comigo! Desde o começo esse sonho não foi só meu, você estava comigo, então eu quero que você esteja no PALCO e aí, topa?

BRUNO: No palco? Tá maluco? Eu tô enferrujado faz uns 3 anos que tô só escrevendo eu não sei se vou conse...

APOLO: Eu não acredito que você vai desistir sem nem tentar, você sempre se jogou de cabeça, principalmente quando todo mundo dizia que não era possível! É essa energia que eu preciso comigo, quero você fazendo parte de um dos momentos mais especiais pra mim, se der certo vamos vibrar juntos e se der errado vamos chorar bebendo vinho juntos, ninguém solta a mão de ninguém.

BRUNO: Quer saber, era isso que eu estava precisando ouvir! A vida é curta demais pra eu ficar pensando como teria sido se eu tivesse topado então eu topo chegou a hora de provar que eu posso estar no palco, mas me conta como vai ser tudo isso

APOLO: Esse é o Bruno que eu conheço! Esse é o nosso sonho! Mas mais do que isso, é a oportunidade de trazer um pouco da história de pessoas como você pro palco, ninguém melhor contar essa história do que você. Ainda temos uns dias até começar os ensaios, o que eu posso adiantar é que vai ser um desafio e você vai ter que se reinventar, mas isso não é nada, eu sempre acreditei e continuo botando muita fé em você!

BRUNO: Você é incrível! consegue acreditar em mim mesmo quando eu não acredito ter você comigo é um privilégio sabia?

APOLO: Eu sabia! *(risos)* Mas você também é incrível só precisa voltar a acreditar em você!

Os dois amigos fazem um brinde, se abraçam e a cena termina.

Cena VI - O direito de escolha

Bruno chega em casa eufórico com a novidade e encontra Mariana e Tiago na sala

TIAGO: Ei esse sorriso é novidade! Vai contar qual o passarinho verde que você viu de ontem para hoje?

BRUNO: É pai, parece que o que a gente fala realmente tem poder, você disse que as coisas iam acontecer e elas realmente começaram.

MARIANA: Algum projeto que deu certo com certeza, não viu a cara dele amor?

BRUNO: Não exatamente mãe, eu diria que tá mais para um sonho antigo... o Apolo me convidou para fazer parte de um projeto novo que ele vai dirigir.

TIAGO: Ai filho eu te falei, você com certeza vai escrever um projeto maravilhoso com o seu amigo, era só questão de tempo para que as coisas acontecessem.

BRUNO: Mas eu não vou escrever, eu vou voltar pro palco, voltar a atuar ! O Apolo está me dando a oportunidade que eu queria há muito tempo.

Os pais se olham e olham para Bruno.

MARIANA: Atuar filho? Tem certeza?

BRUNO: Vocês pareciam tão animados, o que mudou

TIAGO: É que você estava tão dedicado e empolgado com os textos, a gente só não esperava, faz uns 3 anos que você não sobe num palco

BRUNO: Vocês sempre souberam que isso não era só uma fase né? Eu amo escrever, mas o teatro sempre foi minha grande paixão.

MARIANA: É, você tá empolgado mesmo, para ser sincera eu tenho medo

BRUNO: Medo do que? De me ver feliz?

TIAGO: Bru, sabemos o quanto você gosta disso, mas sabemos também que essa é uma área difícil, para todo mundo e para você um pouco mais.

MARIANA: O teatro não é exatamente o ambiente mais acessível do mundo, não duvidamos da sua capacidade, mas já passamos por isso, temos medo que você se frustrasse.

BRUNO: Gente, não quero brigar com vocês, mas preciso que vocês entendam que já tenho autonomia para tomar minhas decisões, eu vivo escutando que não posso fazer algo, que vai ser difícil, que não tem jeito. Eu tô tendo uma nova chance de fazer o que eu amo, isso deveria deixar vocês felizes e não preocupados. E tem mais, vocês já notaram que vocês estão tão preocupados com o que pode acontecer, que nem me deram a chance de explicar porque eu estava tão feliz e resolvi voltar?

Os pais se olham novamente. Pausa.

BRUNO: São coisas como essa peça, que me fazem acreditar que o teatro é uma das maneiras que a gente tem pra mudar o pensamento das pessoas. Essa história se cruza com a minha. Não! O teatro não é o ambiente mais acessível, nem pra mim nem pra tantas outras pessoas, mas existe maneira melhor de discutir isso do que levando histórias como a minha para o palco?

TIAGO: O Bruno tem razão amor temos que estar felizes, os filhos nós criamos pro mundo e não é a deficiência que faz com que as coisas com ele sejam diferentes o medo sempre vai existir, existe em mim também mas você não viu o sorriso que ele estava quando chegou? É esse sorriso que eu quero ver, se for no teatro que ele encontra motivos para levantar todo dia, é nosso dever apoiá-lo.

BRUNO: E tem mais se eu for esperar as coisas estarem preparadas para mim eu não vou a lugar algum nunca, eu sonho em ser livre e vocês me ensinaram que se existe uma barreira é meu dever me reinventar para ultrapassá-lo, foi assim com a escola, com a faculdade ... por que não pode ser com o teatro?, se ele não é acessível, eu posso fazer com que seja e no futuro pessoas que sonham como eu sonhei terão as portas abertas.

MARIANA: É bonito ouvir o jeito como você fala e como você luta por aquilo que acredita, não vai ser fácil! mas estamos com você!

BRUNO: Nada foi fácil até aqui mas essa é minha escolha, eu escolho lutar eu escolho ser feliz, escolho o caminho difícil, não importam as consequências, estou pronto para lidar com elas e é bom poder contar com vocês, saber que vocês vão estar me aplaudindo quando tudo acabar, mas que estarão comigo também se eu der com a minha cara no muro. Sei que não é o que vocês imaginavam, mas eu preciso ser fiel aquilo que eu sou e se eu desse as costas para essa oportunidade, estaria traindo tudo que construí até hoje.

Os três se abraçam e tudo que se escuta é silêncio.

Cena VII - Primeira Leitura

Chega o dia da primeira leitura e o elenco se reúne na sala de ensaio. Bruno entra em cena

APOLO: Chegou quem faltava, agora já podemos começar! Galera esse é o Bruno vamos todo mundo para o nosso palco, ali eu explico tudo para vocês

ELENCO 1: E como o Bruno vai subir no palco? só tem degrau!

APOLO: Isso não vai ser problema, eu dou a mão para ele e algum de vocês me ajuda subindo com a cadeira pode ser? Bruno precisa de mais alguma ajuda?

BRUNO: Só isso! O resto eu me viro...

MARÍLIA: Pode deixar que eu ajudo com a cadeira então.

Todos no palco Apolo começa a explicar como será a peça.

APOLO: Cada um já deve ter visto alguma coisa, que o pessoal da produção mandou para vocês, mas eu queria contar um pouco mais antes da gente começar a leitura. Esse espetáculo não é contado apenas com textos, cada um terá que desafiar seus limites e o próprio corpo, para que a gente chegue junto na estreia.

No canto do palco, alguns integrantes do elenco conversam baixo.

ELENCO 1: Dança, performance, adoro quando o teatro permite que a gente explore outros lugares

ELENCO 2: Pois é acho que vamos ter bastante trabalho, mas sabe o que eu acho apesar dessa história ter muito a ver com a história do Bruno a gente

poderia aprender muito mais se ele estivesse aqui, mas não dentro do palco, entende?

ELENCO 1: É ele estar no palco é estranho mesmo, ainda mais em uma peça com coreografia, dança, ritmo já pensou a bagunça que vai ser?

ELENCO 2: Vai ser um show de pés atropelados, quero nem ver (*risos*)

APOLO: Galera aí de trás, tá acontecendo alguma coisa?

ELENCO 2: Desculpa.

APOLO: Como eu dizia, estamos aqui, para errar, acertar e aprender juntos, façamos a nossa experiência valer a pena, agora nada mais justo que eu deixe quem inspirou tudo isso falar um pouco com vocês

BRUNO: Essa história tem muito de mim, mas tem muito de muitas vozes por aí eu estou aqui aberto e pronto para tudo, acho que tenho muito para aprender com vocês e espero que vocês estejam abertos para aprender comigo. Desde já digo que a deficiência não é sinônimo de limite para mim e espero que vocês enxerguem além da minha cadeira quando me olharem.

ELENCO 1: (*disfarçando*) Pode contar com a gente, vamos construir isso juntos!

APOLO: É isso! Esse é o espírito, façamos valer aquela máxima que para nós é quase uma oração “Eu seguro minha mão na sua para que juntos possamos fazer...”

TODOS: Tudo aquilo que eu não posso e não quero fazer sozinho.

APOLO: Aqui somos um time, vamos errar, vamos acertar, mas vamos juntos! peguem na mão um do outro e se parecer impossível faremos possível. No nosso palco não existem limites.

Após o ensaio, dois integrantes do elenco vem em direção a Bruno.

MARÍLIA: Oi, e aí? Tudo bem? Arrasou no ensaio, hein!

BRUNO: Que isso! foi só o primeiro contato com a nossa peça e eu tô enferrujado *risos* não subo num palco faz um tempão

ARIEL: Se enferrujado você é assim, imagina quando desenferrujar, não vai ter para ninguém do elenco. Prazer eu sou Ariel e essa mal educada ai é a Marília.

MARÍLIA (*risos*) Ai desculpa esqueci de me apresentar ! Tava aqui hipnotizada com a sua energia!

BRUNO: Cara como é gostoso chegar num lugar e ser recebido por uma galera como vocês, pena que nem todo mundo pensa assim né? Obrigado, me senti abraçado por vocês lá em cima...

MARÍLIA: Você ouviu né? (*se referindo aos cochichos do palco*)

ARIEL: Conta com a gente! Estamos aqui para o que você precisar, coreografias passar textos enfim com a gente vale o famoso "ninguém solta a mão de ninguém"

BRUNO: Valeu galera! É bom ter com quem contar, vocês estão tirando um peso imenso das minhas costas, não fazem ideia. Contem comigo também.

*Bruno e os amigos se despedem, saem de cena.*⁴

Cena VIII - Desafiando o corpo

No dia seguinte Bruno, Marília e Ariel se encontram na porta da sala de ensaio.

BRUNO: Bom Dia! Ansiosos pra hoje?

ARIEL: Ah um misto de sentimentos né, sempre depois da primeira leitura bate aquele frio na barriga porque é sinal que as coisas vão começar pra valer.

BRUNO: *(animado)* Eu tenho um spoiler! Falei com o Apolo e ele soltou que hoje vamos conhecer nossa coreógrafa.

MARÍLIA: Uh, ser amigo do diretor tem seus privilégios *(os três riem)*

Os amigos entram na sala de ensaio e encontram Luna e o restante do elenco.

LUNA: Acho que agora estamos completos, podemos começar. Eu me chamo Luna, sou formada em dança e trabalho com teatro há mais ou menos uns 6 anos. A ideia é que esse espaço seja divertido, se não tiver rolando para vocês não vai estar rolando para mim. Temos um espetáculo para botar de pé, mas a dança é um processo antes de tudo de autoconhecimento, quando a gente se

⁴ Notas aos atores: *O olhar de Bruno está diferente, percebe-se em seus olhos que a felicidade está presente, em sua mente não resta mais espaço para o silêncio. .*

conhece as coisas fluem facilitando todo o nosso processo. Vou começar de leve, sintam o que estão ouvindo e apenas se joguem.

O exercício começa e uma colega de elenco se aproxima de Bruno.

ELENCO 1: E aí, tá animado?

BRUNO: Muito! Dançar é sempre uma boa maneira de se conectar com o corpo.

ELENCO 1: Total! Mas a cadeira não te atrapalha?

BRUNO: Em nada, é até mais divertido, tenho muitas ferramentas para trabalhar e se você já assistiu Glee sabe bem do que eu to falando né?

ELENCO 1: Nossa verdade (*risos*) nem lembrava desse personagem mas ele dançava pra caramba mesmo

BRUNO: Dançar, praticar, esportes, dirigir, tudo isso e muito mais é possível, basta abrir a cabeça.

ELENCO 1: Uau que empolgação, bom saber que você não vai passar por cima do meu lindo pezinho, fiz as unhas ontem. (*ri em tom de deboche*)

*Bruno ri e a colega se afasta. Bruno começa seu exercício e Ariel percebe algo estranho na expressão do amigo e se aproxima.*⁵

⁵ Notas aos atores: Apesar da empolgação inicial, percebe-se no rosto de Bruno uma certa apreensão com as instruções de Luna.

ARIEL: O que foi Bruno? Você estava tão animado!

BRUNO: Eu ainda estou Ariel, o problema é que só agora me dei conta do desafio que me aguarda. É difícil pra mim essa relação com o corpo, as coisas não são tão fáceis assim e bateu um medo agora de não conseguir acompanhar o ritmo de vocês, decepcionar o Apolo, o elenco, enfim acho que ainda está em tempo de desistir vou falar com o Apo..

ARIEL: Ei, calma, sem desespero, lembra do nosso combinado? Aqui ninguém solta a mão de ninguém querido, acha que vai se livrar da gente tão fácil? Jamais.

Ariel então começa a conduzir a cadeira de Bruno, que no começo resmunga, mas acaba se soltando.

Cena IX - Dança para dois

Essa cena é 100% visual, mostra Bruno e Ariel dançando entrando e saindo de cena algumas vezes para indicar passagem de tempo, sua função é indicar a aproximação dos personagens.⁶

Cena X - Evolução

Dias Depois. Ao final do ensaio, Luna chama Bruno de canto

⁶ É interessante que a cena conte com uma descrição pelos atores no intuito de tornar o espetáculo mais acessível

LUNA: Bruno

BRUNO: Luna desculpa, queria estar mais entregue as nossos ensaios mas o corpo é uma grande questão para mim

LUNA: Mas eu nem disse nada! calma eu queria dizer que eu to impressionada com a sua evolução, você tem se dedicado, vejo sempre Ariel e você juntos e nesses dias, sua melhora de consciência corporal é incrível de se ver. Parabéns, confesso que se você não dissesse eu não imaginaria que seu corpo fosse uma questão.

O sorriso toma conta do rosto de Bruno.

BRUNO: (*Surpreso*) Eu realmente não esperava por isso estou extremamente feliz, se depender de mim até a nossa estreia as coisas só vão melhorar.

LUNA: Esse é o espirito Bruno, a dança nos expande, conhecer o próprio corpo é o primeiro passo para voos cada vez mais altos se você conseguir levar o que fazemos aqui pra vida, você vai começar a perceber a diferença no seu dia a dia

Bruno: Pode deixar! Conte comigo.

Luna sai de cena, Ariel e Marília se aproximam.

ARIEL: Pelo sorrisinho no rosto a conversa foi boa.

MARILIA: Ele tá soltinho *risos* nem parece aquele durão do começo.

BRUNO: (*Tímido*) Ah gente para

ARIEL: E quando vamos comemorar?

BRUNO: Ai gente pode ser amanhã?

BRUNO: Marcado!

Cena XI - Princesa ou guerreiro

Mais tarde naquele mesmo dia, Bruno encontra Aurora.

BRUNO: Apareceu a margarida risos Tá difícil ter um tempinho com a minha melhor amiga, tenho tanta coisa para te contar garota

AURORA: Ai Bru, tá foda mesmo! Desculpa estar tão ausente, mas você sabe como é né, vida adulta tá me consumindo

BRUNO: Relaxa meu amor! Eu sei bem como é, mas e aí, o que me conta de novidade?

AURORA: Comigo tá tudo igual Bru zero novidades, só o trampo mesmo que tá bem puxado (*risos*) Mas e você, como tá aquelas questões com os seus pais?

BRUNO: Parece que finalmente eles deram uma trégua, já não aguentava mais aquele clima de manhã de tarde e de noite todo santo dia. Depois da conversa que tive com eles quando o Apolo me chamou pra fazer a peça parece que eles começaram a tentar entender o que a arte significa pra mim, tudo meio a contragosto mas eles estão se esforçando.

AURORA: Peça? Você e o Apolo juntos? Calma volta o play meu amor, que capítulo eu perdi?

BRUNO: Amiga, meu Deus! A gente precisa realmente atualizar as fofocas, o Apolo está na direção de um projeto e me convidou pra voltar a atuar e eu topei, estava precisando de uma coisa que fizesse sentir de novo aquela vontade sabe? De se jogar de cabeça.

AURORA: Bem que eu tava notando um sorriso diferente no seu rosto, conta mais garoto, vai deixar a amiga aqui na curiosidade?

BRUNO: Ah amiga tá sendo um processo bem intenso, não é só texto o Apolo fez uma junção de texto, coreografias, performances corporais, tá sendo incrível poder experimentar coisas que eu nunca fiz no palco, fora a oportunidade maravilhosa de colocar o que sinto pra fora , me permitir sentir coisas novas... A história da peça não é exatamente a minha, mas diz muito sobre mim, tem uma pegada de mostrar que o teatro também é um espaço que pode ser ocupado por pessoas com deficiência... enfim o resto você vai ter que ver.

AURORA: Que incrível! É muito a sua cara fazer uma coisa assim, tinha que voltar em grande estilo... Vem cá é impressão minha ou você tem mais alguma coisa para me dizer? Essa história de sentir coisas novas... tá rolando um climinha nos bastidores?

BRUNO: (*se entregando*) Puta que pariu hein, não rola esconder nada de você que saco. Vou te contar, mas é SEGREDO entendeu?

AURORA: Lógico, né, Bruno!

BRUNO: Tá bom, eu confesso que uma pessoa no elenco que mexeu comigo, estamos bem próximos ultimamente, a gente tem ficado muito tempo junto, passando texto, descobrindo maneiras e maneiras de adaptar as coreografias mas você sabe melhor do que ninguém que essas coisas são difíceis pra mim, eu tenho medo de estar confundindo tudo.

AURORA: PA RA! Meu menino tá apaixonado!

BRUNO: Tá louca? eu não sei sentir essas coisas não...

AURORA: De amor todo mundo sabe a mesma coisa Bru, se permita viver esse momento, não sufoque esse sentimento dentro de você. Alguém que já passou por tanta coisa não vai ter medo de um sentimento tão lindo né? Não era você mesmo que estava me dizendo que precisava de algo pra se jogar de cabeça, então! já está mais do que na hora de se desprender desse seu medo bobo de amar, pro amor não existe limite.

BRUNO: (*Tentando mudar de assunto*) Tá poética hoje (*risos*)

AURORA: Não foge! Quero nomes, nomes na mesa.

Apolo entra em cena.

APOLO: E aí dupla? Qual o assunto?

AURORA: Fala sumido, achei que íamos levar um bolo de você, estamos falando do nome da paixão do Bruno

APOLO: Jamais ... Pera aí, o que?

BRUNO: AURORA!

APOLO Ah para que tu tem segredos comigo agora, bateu a cabeça? Sou eu cara!

BRUNO: Não é isso, é que ...

AURORA: Ele tá com medo! Agora podemos voltar ao nome, tô curiosa!

APOLO: Medo do que? De amar? Não é nenhum bicho de sete cabeças amigo, só deixar viver, sai desse casulo e se permita voar borboleta... mas agora também tô curioso quem despertou esse coração adormecido?

BRUNO: Mas vocês dois juntos são insuportáveis... ARIEL O NOME É ARIEL !

APOLO: Mentira? To chocado! Bem a Luna me falou que vocês estavam bem próximos e bem soltinhos nos ensaios coreográficos.

AURORA: Ariel, gostei! nome de princesa como o meu (*risos*)

APOLO: Ou de guerreiro...

Bruno fica vermelho imediatamente, o silêncio toma conta da conversa e é interrompido pelo celular de Bruno, ele hesita em atender, olha pro celular e percebe o nome no visor ...

ARIEL

A cena paralisa.

Cena XII - Medo de amar

Bruno está de volta ao quarto em meio a seus pensamentos, então como num ato de desabafo ele começa uma conversa com o público.

BRUNO: Quem diria que em poucas semanas tanta coisa aconteceria! Há muito tempo eu não me sentia assim, um misto de emoções. Estou em um projeto que realmente me faz feliz, faz meus olhos brilharem a cada ensaio, finalmente as coisas parecem dar certo, meus pais ainda que contrariados estão levando essa situação mais de boa do que eu esperava, meu corpo vem respondendo cada vez melhor as coreografias eu estou cercado de pessoas incríveis, o que mais eu poderia pedir? Na verdade, se eu pudesse eu pediria uma coisa: CORAGEM! Coragem de enfrentar o turbilhão de coisas que se passa aqui dentro e que só eu sou capaz de enxergar.

A vida inteira me disseram que se eu errasse seria o fim, se eu errasse na escola ou na faculdade eu acabaria com um sonho, se errasse nas fisioterapias jogaria fora parte de todo o esforço que meus pais fizeram por mim , se errasse em casa poderiam me ver fraco, se errasse no trabalho com certeza diriam que aquele não era o meu lugar! a verdade é que todo erro, tem uma consequência e em determinados momentos eu sei que alguém estava contando com um errinho meu para dizer

“Eu não disse, olha lá eu avisei”

No lugar da coragem eu me apeguei ao medo e por trás dessa casca forte que montei para que o mundo não tivesse acesso as minhas fraquezas, existe uma pessoa frágil que hoje mais uma vez se vê tentando negar um sentimento por medo de não ser correspondido, por medo de botar tudo o que está dando certo em risco tudo isso pra quê?

Afinal, qual a graça de uma vida sem riscos?

As vezes eu acho que a Aurora e o Apolo tem razão, a minha vontade é dizer tudo que eu sinto e me jogar sem medo de ser feliz, mas tem um lado meu que não consegue esquecer a pressão do mundo sobre mim, a pressão do tudo ou nada, eu não consigo! Não estou preparado para viver mais essa mudança, não agora por mais que eu saiba que isso vai doer eu preciso tomar uma decisão.

Silêncio - Sem Rumo - Perdido - Dividido - De coração partido

Cena XIII - Um erro

No dia seguinte depois do ensaio.

ARIEL: O que foi Bruno, você tá estranho o dia todo e agora me puxou pra cá sem mais nem menos, tô ficando aflito já! aconteceu alguma coisa?

BRUNO: Ariel, você tem sido uma pessoa maravilhosa comigo, desde que começaram os ensaios a gente não se desgruda mais, você fez com que eu acreditasse novamente em mim, me fez descobrir coisas novas sobre meu corpo

e fez com que eu conseguisse alcançar objetivos que eu acreditava ser impossível, você encarou os meus medos comigo...

ARIEL: Que bom que você se sente assim, fico feliz em saber.

BRUNO: mas existe um medo que eu não sou capaz de encarar... você!

ARIEL: Eu? como assim Bruno

BRUNO: Você despertou em mim algo que eu não estou conseguindo lidar, não sei nem se estou certo de te falar isso, eu penso em você todo dia, antes, durante e depois dos ensaios, quando eu to perto de você meu coração dispara, até meus amigos já repararam que quando falo de você meus olhos brilham.

Ariel encara Bruno, tenta falar mas não encontra espaço. Bruno continua.

BRUNO: Eu adoraria ficar contigo toda hora, mas eu não estou preparado, não agora, eu não consigo! Por isso eu te chamei aqui para dizer que eu preciso me afastar, me desculpe.

ARIEL: O que?

Bruno começa a sair de cena, enquanto anda devagar, o semblante de surpresa de Ariel vai se transformando em tristeza.

ARIEL: Engraçado como as coisas são, eu pensando em te procurar para dizer que estou gostando de você e você me procura, me diz que gosta de mim, mas

que precisa se afastar, isso só pode ser um erro, um erro conduzido pelo medo, vou respeitar o seu tempo, mas espero que quando ele acabar eu ainda esteja aqui.

Ariel e Bruno saem de cena para lados contrários.

Cena XIV - Sentimentos em surto

Bruno e Marília em cena.

MARÍLIA: Já tem semanas, vocês dois vão ficar nesse clima até quando?

BRUNO: Ma eu juro que não pensei que ia ser assim, também tá difícil para mim

MARÍLIA: Mas então engole esse orgulho besta e pede desculpas seu bobo.

BRUNO: As coisas não são tão simples assim bem que eu queria mas Ariel nunca vai me perdoar, acho que não tem mais volta.

MARÍLIA: As coisas não são simples ou você tá complicando? Vocês se gostam, isso está escrito em letras cintilantes na testa dos dois, só vocês não veem isso.

BRUNO: Quem sabe não foi melhor assim, afastados nenhum dos dois se machuca e tem mais não sei como seria mais para frente, meus pais ... enfim realmente não tô preparado para tudo isso

MARÍLIA: Fugindo? logo você!

Silêncio.

Bruno, Apolo e Aurora em cena.

AURORA: Ah Bruno eu não acredito!

BRUNO: Ai amiga tanta dúvida ...

APOLO: Dúvida de que amigo? Seus olhos brilham quando vocês estão juntos e pelo que andam comentando não são só os seus.

AURORA: A gente tá aqui pra te apoiar, mas já que você pediu a nossa opinião eu tenho que te dizer que você é louco de fugir da felicidade.

BRUNO: E como vai ser com os meus pais, são tantas coisas, eles não aceitam nem que eu cresci quem dirá quando disser que eu tô apaixonado. Não sei como lidar com eles, vão dizer que a culpa é do teatro e tudo vai começar de novo ...

AURORA: Amigo eu te conheço a quase 15 anos e eu nunca vi você tão intenso e tão inteiro e eu não tô falando só de vocês dois, mas de tudo o teatro a dança, você está tão livre, não deixe isso passar

APOLO: E o medo faz parte, encare isso como a estréia de uma nova fase na sua vida e que estreia que não deixa a gente nervoso? se tudo for tranquilo perde a graça vai com medo mesmo.

Silêncio.

Bruno, Tiago e Mariana em cena.

MARIANA: O que aconteceu Bruno, ontem você tava todo feliz, hoje já tá todo borocoxô, algo deu errado? Era disso que eu tinha medo.

BRUNO: Não deu nada errado mãe, eu tô bem

TIAGO: você sabia que ia ser difícil

BRUNO: Vocês não precisam me proteger de nada, eu entendo que vocês queiram mas é impossível, sim eu sabia que ia ser difícil, não é difícil só pra mim, viver de arte nesse país é complicado, mas tem mais coisa envolvida

TIAGO: Se não é o teatro o que está acontecendo, será que dá pra você conversar?

BRUNO: Não sinto que tenho abertura para falar com vocês sobre isso, mas eu vou contar não vai ter como esconder de vocês mesmo... eu não contava que no meio dos ensaios eu fosse me apaixonar é isso

TIAGO: isso é maravilhoso, quando é que você vai nos apresentar a moça?

Bruno e Mariana se entreolham, a mãe abraça o filho, Tiago percebendo a expressão do filho com a pergunta muda de semblante e sai de cena... um silêncio constrangedor toma conta do ambiente.

Silêncio.

Bruno sozinho em cena, agitado, várias vozes ecoando na cabeça. Todos os personagens vão entrando em cena e sentando em círculo, Bruno roda conforme a luz do palco ilumina um personagem.

MARIANA: Meu medo era essa história de teatro acabar mal.

TIAGO: Tem certeza que você vai seguir com isso?

ARIEL: Eu não vou soltar a sua mão.

APOLO: Dúvida de que?

MARILIA: Vale fugir sem nem tentar?

ARIEL: Ei conversa comigo eu to aqui com você.

AURORA: Eu não acredito Bruno.

LUNA: Não desiste agora você tá evoluindo.

MARIANA: Eu só não quero que você se machuque.

APOLO: Amigo isso aqui é sobre você.

AURORA: Nunca te vi tão inteiro em uma coisa.

MARIANA: Seus olhos estão brilhando.

MARÍLIA: Vai ficar esperando a vida passar?

ARIEL: Você precisa decidir se está muito difícil pra você ou se a gente vai tentar.

AURORA: Se joga.

TIAGO: Talvez isso não seja a coisa certa.

LUNA: Você é livre para decidir.

APOLO: Nós estamos aqui com você.

MARÍLIA: Você lutou pra estar aqui, esse é o seu lugar.

TIAGO: O que você vai fazer depois?

AURORA: Desafiando o impossível?

ARIEL: Cada um tem a vista da montanha que decide escalar.

As vozes se intensificam e se misturam até que

Todos em coro: Tá com medo?

BRUNO: *(Para o público)*

AAHHHHH CHEGA eu não vou voltar a ficar preso, não vou duvidar mais de mim eu já provei que é o meu lugar, não vou abaixar a cabeça, as coisas mudaram! O Apolo tem razão, falei tanto em ser livre e tô aqui, preso, encurralado dentro de mim mesmo.

Bruno levanta-se e sai rapidamente como quem persegue sua última chance.

Cena XV - Mais uma chance

Bruno vai ao encontro de Ariel.

ARIEL: Você aqui?

BRUNO: Precisamos conversar.

ARIEL: Agora? Um pouco tarde pra isso não acha?

BRUNO Pelo menos me escuta, se você quiser me mandar embora depois, vou respeitar sua decisão.

ARIEL: Entra.

BRUNO Pra começo de conversa eu sei que eu fui babaca com você da última vez que a gente conversou, joguei um monte de coisa, de expectativa e de frustração minha em você e mal deixei você falar ...

ARIEL *(em tom engraçado)*: E você tá fazendo isso de novo.

BRUNO: Desculpa tá eu não tô acostumado a sentir isso e pela primeira vez as coisas estavam dando certo pra mim e você apareceu, bagunçou minha cabeça e eu visitei traumas antigos e antes que você pudesse dizer qualquer coisa eu me afastei por medo.

ARIEL: Medo de mim? Você não conseguiu nem me ouvir, saiu andando e me deixou lá plantado, mas tudo bem eu já sei que as coisas não são fáceis para você eu já entendi isso, a Marília, a Luna, o Apolo, o mundo já entendeu isso, mas é hora de você se dar uma chance ou vai ficar aí vendo a vida passar esperando que um dia as pessoas mudem, o mundo mude e você possa finalmente ser feliz?

BRUNO: Eu fui ensinado que ao menor sinal de perigo eu deveria me proteger e você conheceu um lado meu que pouca gente conhece, eu nem deveria estar aqui porque vamos ensaiar o dia todo amanhã, mas acontece que eu não paro de pensar em você, eu não consigo subir naquele palco e contar a minha história se você não estiver lá comigo, porque você já é parte dessa história então eu preciso dizer com todas as letras que EU TE AMO e quero encarar todos os medos que vieram, segurando a tua mão porque eu definitivamente não posso e não quero fazer isso sozinho! Eu entendo se as coisas estiverem confusas para você afinal eu não facilitei as coisas nem um pouco, então eu vou para casa e amanhã no ensaio a gente conversa se você quiser *(em direção a porta)*

ARIEL: *(Puxando Bruno de volta)* Mas você não sabe esperar uma resposta mesmo né? Ia me deixar aqui de novo falando sozinho... dessa vez não, agora

você vai me ouvir! Eu fiquei sim com muita raiva de você, as pessoas acham que você é bonzinho mas você sabe bem como ferir corações sabia? Eu tenho medo também, mas a vida sem uma pitada de medo não tem a menor graça. Eu topo encarar, mas tem que ser por inteiro, eu estou com você e preciso saber se agora, ao primeiro sinal de medo você vai estar comigo e não vai sair correndo
BRUNO: Sim.

ARIEL: Confesso que os ensaios com a Luna já estavam ficando sem graça sem você.

Os dois riem e se beijam. O clima de euforia é cortado por uma pergunta de Ariel.

ARIEL: E os seus pais, você já contou pra eles? como eles reagiram?

BRUNO: Hoje foi um dia de conversas difíceis...

Cena XVI - Encarando o medo de ser

Flashback, o palco se transforma e Bruno está em cena com os pais no momento em que revela estar apaixonado por Ariel.

BRUNO: Não sinto que tenho abertura para falar com vocês sobre isso, mas eu vou contar não vai ter como esconder de vocês mesmo. Eu não contava que no meio dos ensaios eu fosse me apaixonar, é isso!

TIAGO: isso é maravilhoso, quando é que você vai nos apresentar a moça?

Bruno e Mariana se entreolham.

BRUNO: Bom acho que essa é a hora, pai eu preciso te contar uma coisa, Ariel não é uma moça, Ariel é meu parceiro de cena, eu estou gostando de um garoto.

Tiago muda o semblante.

TIAGO: Como assim, mas você não gostava da Julinha na época do colégio? e suas paquerinhas com a Aurora

BRUNO (*rindo*) A Aurora, pai, jura? Sim eu fiquei com a Ju na escola, com outras garotas e garotos também, eu amo as pessoas pai e o que elas são por dentro, menino ou menina é só um detalhe se a pessoa estiver aberta para me amar e me aceitar como eu sou com umas rodinhas a mais porque não posso amá-la?

MARIANA: Você está feliz?

BRUNO: Sinceramente pela primeira vez eu me sinto completo, tenho vocês, meus amigos, tô feliz com meu corpo, com as conquistas que eu tô tendo, com as coisas que tô descobrindo sobre mim, o lugar que eu me refugiava virou profissão o Ariel só veio pra completar tudo isso. Agora, as coisas me parecem muito mais fáceis de resolver, sinto que não tenho que me provar mais, que cheguei no meu lugar, entende? Me sinto pronto para encarar o mundo.

MARIANA: É isso que importa, eu demorei pra entender que essa sua mania de querer fazer teatro era parte do que você é e seu pai não te ama menos porque você nos deu um genro ao invés de uma nora, né, amor.

TIAGO: A gente te ama, com genro, com nora, com roda, sem roda, ator, escritor, advogado ou astronauta, a gente ama o que você é e nada vai mudar isso.

MARIANA: É, mas não pense que isso muda o fato de que eu vou sempre ter medo e sempre vou brigar com você para te proteger eu aceito o que você é você precisa aceitar que essa sou eu.

Os três riem e se abraçam. A luz diminui e a cena termina.

Cena XVII - Protagonismo

Dia da estreia, as luzes estão prontas, o palco está montado, em meia hora Bruno estará imortalizado em uma peça. O público começa a chegar a correria dos bastidores é imensa ... concentração ... silêncio ... e dúvida...

ARIEL: Dúvida? Mas a gente tá passando isso aqui a meses, você sabe o que fazer, se acalma e sem pânico. Vai dar tudo certo.

BRUNO: agora é real , eu não sei se dou conta.

MARÍLIA: Bru, todos esses meses foram reais e é a sua história, você provou que as barreiras do teatro são pequenas pra você, você é o protagonista da sua vida, olha o que você viveu... não é isso aqui que vai te derrubar né?

BRUNO: E o final? Aquele final, eu não sei se consigo.

ARIEL: Eu vou estar lá com você.

APOLO: Merda pra vocês galera vamos começar!

Terceiro sinal. A peça começa, todas as cartas já estão na mesa, a história de Bruno agora é contada por ele da forma que lhe deixa mais confortável, protagonista ele já se tornou, agora resta saber a decisão do público, mocinho ou vilão? Mas antes que decidam voltamos a cena do início, mas dessa vez Bruno não está atrás de sua mesa, em meio a uma performance ele vira e recita à plateia.

BRUNO: E cá estou eu de novo, essa não é primeira e nem será a última vez que lhe escrevo, mas dessa vez não quero que você entenda nada, não há o que se entender, tudo que tinha de ser dito já foi dito, essa que você ouviu é a minha história.

Lembra que no começo de tudo eu disse que cheguei no meu limite? Pois bem eu estava redondamente enganado, vivendo eu descobri que se há muito ainda pra viver, muitos desafios a se encarar e que minha luta está longe do fim.

Se hoje estou aqui é porque eu lutei para que isso tudo que vocês estão vendo se tornasse realidade, antes de querer que as pessoas me ouvissem eu precisei parar e me ouvir, antes que acreditassem em mim eu precisei acreditar, antes

que me conhecessem eu precisei fazer isso e hoje tenho orgulho de dizer que essa é minha história.

Eu sonhei e eu tornei possível, onde duvidaram eu acreditei que seria possível me joguei e aceitei os desafios, lógico que nem tudo no caminho foram acertos eu precisei errar e aprender a lidar com meus erros e claro eu não estive sozinho. Eu sou a prova de que um sonho que se sonha junto vira realidade, o Bruno que fala com vocês agora é um Bruno bem diferente daquele lá do começo, é um Bruno que se vê no direito de sonhar, amar, realizar, errar, acertar, dançar e acima de tudo viver escrevendo sua própria história, voando pelos caminhos que quiser, com medo sim mas feliz também.

Hoje sou protagonista e sei que você me escuta, por isso digo que hoje sou semente, aqui nesse palco não represento apenas um Bruno, sou múltiplo e diverso, tenho mil faces, mil sonhos, mil formas de pensar e mil diferenças, não sou apenas a minha cadeira e inclusive posso estar sentado em uma cadeira ao lado da sua.

Pra felicidade não há limites e se um dia disserem que há, lute! Lute pois atrás desses tais muros, tem uma porta escrita FUTURO, abra ela sem medo e vá em frente pois atrás de você vem muita gente.

Viver de arte do Brasil e Resistir.

Viver Amor no Brasil e Resistir.

Lutar pela acessibilidade no Brasil é Resistir.

Ser Feliz no Brasil é Resistir.

Por todos os que vieram antes de mim e pelos que virão depois de mim sou resistência.

Bruno corre em direção a Ariel, os dois se beijam e a performance termina com a palavra RESISTÊNCIA escrita no palco.

Sobre o Autor: Vitoriano Amorim, assim como o seu protagonista é um jovem com deficiência que acredita que ela não é um limite e busca seu lugar no mundo. Formado em audiovisual, ele é apaixonado pelas artes e acredita que através delas é possível construir um mundo um pouquinho melhor. Resolveu se aventurar na dramaturgia pois acredita que por meio da escrita pode fazer com que suas ideias, pensamentos e loucuras ganhem vida.

Contato: vitorianoamorim02@gmail.com





Mostra FIC de Processos e Experimentos

Programa Fundação das Artes FIC

JUNHO_JULHO2021

INSCRIÇÕES ABERTAS
PARA OS CURSOS DE
ARTES VISUAIS, DANÇA,
MÚSICA E TEATRO

TURMAS 2021, 2º semestre
Até 26 de junho
www.fascs.com.br/inscricoes

Prefeitura de São Caetano do Sul Fundação das Artes de São Caetano do Sul

Diretora Geral: Ana Paula Demambro
Conselho de Curadores – Presidente:
João Manoel da Costa Neto
Diretora Pedagógica: Suzete Moreno

Pronatec

Equipe acadêmico-administrativa

Coordenador Geral: Reinaldo Monteiro
Coordenador Adjunto: Sérgio de Azevedo
Supervisão Administrativa: Adriano Faria
Supervisão Pedagógica: José Adriano
Albuquerque e Robson Ferraz.
Apoio acadêmico-administrativo: Carolina Lionel,
Daniele Máximo, Elô Gelfuso, Gustavo Cano e
Marcelli Massei

Equipe docente

Agente cultural/Produção cultural
(Assistente de produção cultural): Alberto Magno,
Carlos Doles, George Vilches e Maria Emília Gomes
Cenografia (Auxiliar de Cenotecnia): Livia Loureiro
e Paula Venâncio
Dramaturgia (Assistente de Dramaturgia): Diego Cardoso,
Diogo Noventa e Ligia Souza Oliveira
Figurino (Figurista): Fatima Lima, Valéria Feldman
Jogos, lazer e entretenimento (Recreador Cultural): Flávia
Bertinelli, George Vilches e Rita Cavassana
Maquiagem (Maquiador): George Vilches e Vitor Flausino
Práticas de Dança (Assistente de coreografia): Maria Emília
Gomes, Rita Cavassana e Julia Mauro

Acesso

Todas as atividades são gratuitas.
As atividades serão realizadas de forma remota, por meio
de recursos telemáticos e audiovisuais. Acesse o site e as
redes sociais para acompanhar a programação.

FUNDAÇÃO DAS ARTES | PRONATEC



Mostra FIC
de Processos e
Experimentos
Programa Fundação das Artes FIC

JUNHO_JULHO2021

Informações
(11) 4239-2020
www.fascs.com.br
facebook.com/fascs
youtube.com/ficfascs



MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO

